

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

NIKOLLE GANDRA NASCIMENTO

**LULA E A *FOLHA DE S. PAULO*: CONSTRUÇÕES E REPRESENTAÇÕES DO
CANDIDATO DO PT NAS DISPUTAS ELEITORAIS DE 2002, 2006 E 2022.**

Monografia

Mariana

2024

NIKOLLE GANDRA NASCIMENTO

**LULA E A *FOLHA DE S. PAULO*: CONSTRUÇÕES E REPRESENTAÇÕES DO
CANDIDATO DO PT NAS DISPUTAS ELEITORAIS DE 2002, 2006 E 2022.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto,
como pré-requisito para obtenção de
grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: *Prof^a Dr^a Hila Rodrigues*

Mariana

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

N244I Nascimento, Nikolle Gandra.
Lula e a folha de S Paulo [manuscrito]: construções e representações do candidato do PT nas disputas eleitorais de 2002, 2006 e 2022. / Nikolle Gandra Nascimento. - 2024.
96 f.

Orientadora: Profa. Dra. Hila Rodrigues.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Lula, 1945-. 2. Folha de S. Paulo. 3. Brasil. Presidente (2023- : Lula). 4. Brasil. Presidente (2003-2010 : Lula). 5. Eleições. 6. Monitorização eleitoral. 7. Neoliberalismo. 8. Políticas. I. Rodrigues, Hila. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 324(81)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Nikolle Gandra Nascimento

Lula e a Folha de S. Paulo: construções e representações do candidato do PT nas disputas eleitorais de 2002, 2006 e 2022

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel

Aprovada em 19 de dezembro de 2024

Membros da banca

Prof.(a) Dr(a). Hila Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a) Dr(a). Frederico de Mello Brandão Tavares - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a). Dr(a). Karina Gomes Barbosa - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Hila Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 19/12/2024



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/01/2025, às 18:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0837770** e o código CRC **F7F9595A**.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Karina e Rodrigo, por terem me incentivado a vida inteira a seguir meus sonhos, e por terem me dado todo o suporte nesta trajetória que escolhi seguir. Espero, um dia, ser capaz de retribuir ao menos metade do que fizeram por mim.

À minha família, em especial meus avós Salete, Antônio, Maria e William, às minhas tias Gabriela e Danielle e todos que se fizeram presentes em minha vida. Não poderia escolher uma família melhor, vocês são o meu lar.

Aos amigos Leonardo, Gleyson, Gabriel Vinicius e Gabriel Nunes, por serem capazes de alegrar o meu dia mesmo à distância.

Aos amigos que o curso me presenteou, Aléxia, Levy e Karla, por fazerem meus dias na faculdade mais leves e divertidos. Sou grata ao destino por ter cruzado nossos caminhos aqui.

À República Choppiana, por ter sido meu lar durante a minha graduação e por ter me proporcionado experiências inesquecíveis.

À professora Hila, por ser uma profissional tão inspiradora e ter acreditado no meu projeto, me orientando com paciência e compreensão durante toda essa trajetória de finalização do curso.

À UFOP, pelo ensino gratuito e de qualidade, que me permitiu realizar conquistas das quais me orgulho.

À primaz de Minas Gerais, Mariana, por ter sido palco de uma vida tão linda que me marcou de forma tão profunda.

A tudo e todos que me permitiram ser quem sou hoje. Obrigada.

Vivo, tomo partido. Por isso odeio quem não o faz, odeio os indiferentes.

Antonio Gramsci

Os acontecidos aconteceram alguma vez, ou quase aconteceram, ou não aconteceram nunca, mas têm uma coisa de bom: acontecem cada vez que são contados

Eduardo Galeano

RESUMO

Esse trabalho analisa os enquadramentos da figura política de Luiz Inácio Lula da Silva nas capas do jornal Folha de S. Paulo durante as eleições presidenciais de 2002, 2006 e 2022. A ideia é identificar os elementos editoriais que revelam o posicionamento do jornal em meio a diferentes contextos políticos, bem como as representações de Lula presentes na cobertura política que marca cada ano. Para isso, a pesquisa regata as particularidades do jornalismo político praticado no Brasil, o papel da Folha de S. Paulo nesse tipo de cobertura jornalística e sua relação, ao longo da história, com o candidato do PT, hoje em seu terceiro mandato como presidente da República. Por meio da análise dos enquadramentos, é possível compreender as escolhas editoriais da Folha em cenários específicos, sempre marcados por interesses vinculados ao pensamento neoliberal. Isso explica, em grande medida, a relação pouco positiva entre o veículo e Lula.

Palavras-chave: política, cobertura eleitoral, *Folha de S. Paulo*, Lula, neoliberalismo.

ABSTRACT

This work analyzes the framing of the political figure of Luiz Inácio Lula da Silva on the covers of the newspaper Folha de S. Paulo during the presidential elections of 2002, 2006 and 2022. The idea is to identify the editorial elements that reveal the positioning of the newspaper in the midst of different political contexts, as well as the representations of Lula present in the political coverage that marks each year. To this end, the research examines the particularities of political journalism practiced in Brazil, the role of Folha de S. Paulo in this type of journalistic coverage and its relationship, throughout history, with the PT candidate, now in his third term as president of the Republic. Through framing analysis, it is possible to understand the editorial choices made by Folha in specific scenarios, always marked by interests linked to neoliberal thinking. This largely explains the less than positive relationship between the analyzed newspaper and Lula.

Keywords: politics, election coverage, *Folha de S. Paulo*, Lula, neoliberalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. Capa da Veja // Fonte: acervo digital.	27
FIGURA 2. Capa da IstoÉ // Fonte: Acervo digital.....	28
FIGURA 3. Capa da Veja // Fonte: Acervo digital.	28
FIGURA 4. Capa da IstoÉ // Fonte: Acervo digital.....	30
FIGURA 5. Matéria da Revista Veja // Fonte: Acervo Veja.	31
FIGURA 6. Matéria da Revista Veja // Fonte: Acervo Veja.	31
FIGURA 7. Capa da Folha de S. Paulo da cobertura da Marcha da Família com Deus pela Liberdade. // Fonte: Folha de S. Paulo - Facebook	35
FIGURA 8. Capa da Folha de S. Paulo de 11/02/1980 // Fonte: Acervo Folha digital.....	47
FIGURA 9. Mosaico I das eleições de 2002, 2006 e 2022 // Elaboração da autora.....	51
FIGURA 10. Mosaico II das eleições de 2002, 2006 e 2022 // Elaboração da autora	52
FIGURA 11. Capa da Folha de S. Paulo de 18/10/2002 // Fonte: Acervo Folha digital.....	57
FIGURA 12. Capa da Folha de S. Paulo de 20/10/2002 // Fonte: Acervo Folha digital.....	61
FIGURA 13. Capa da Folha de S. Paulo de 29/10/2002 // Fonte: Acervo Folha digital.....	65
FIGURA 14. Capa da Folha de S. Paulo de 30/09/2006 // Fonte: Acervo Folha digital.....	69
FIGURA 15. Capa da Folha de S. Paulo de 01/10/2006 // Fonte: Acervo Folha digital.....	72
FIGURA 16. Capa da Folha de S. Paulo de 11/10/2006 // Fonte: Acervo Folha digital.....	75
FIGURA 17. Capa da Folha de S. Paulo de 04/10/2022 // Fonte: Acervo Folha digital.....	79
FIGURA 18. Capa da Folha de S. Paulo de 06/10/2022 // Fonte: Acervo Folha digital.....	82
FIGURA 19. Capa da Folha de S. Paulo de 14/10/2022 // Fonte: Acervo Folha digital.....	85

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Recorte Final.....	49
TABELA 2: 1ª edição 2002.....	56
TABELA 3: 2ª edição 2002.....	60
TABELA 4: 3ª edição 2002.....	63
TABELA 5: 1ª edição 2006.....	68
TABELA 6: 2ª edição 2006.....	71
TABELA 7: 3ª edição 2006.....	74
TABELA 8: 1ª edição 2022.....	77
TABELA 9: 2ª edição 2022.....	81
TABELA 10: 3ª edição 2022.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A COBERTURA POLÍTICA E OS POLÍTICOS NO BRASIL	13
1.1. Cobertura política no Brasil	14
1.2. A imprensa brasileira e o PT	18
1.3. A esquerda e a direita na mídia brasileira	24
2. A FOLHA DE S. PAULO E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	33
2.1. <i>A Folha de S. Paulo</i> : tempos distintos, políticas idênticas.	33
2.2. Jornalismo, política e hegemonia	40
2.3. Lula operário, o PT e o jornal	43
3. LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA NA FOLHA DE S. PAULO.	48
3.1. Recorte metodológico e enquadramento	48
3.2. As construções midiáticas via enquadramentos	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICES	95

INTRODUÇÃO

Luiz Inácio Lula da Silva é um político que aparece com bastante frequência nas capas de jornais brasileiros. Entre outros motivos, em função de ter sido o único presidente da história do país eleito por três vezes. Contudo, nos anos de 2002, 2006 e 2022, quando disputou as eleições presidenciais, foi retratado de diferentes formas pelos periódicos do país. Isso ocorreu, por exemplo, na *Folha de S. Paulo*, um jornal sempre muito crítico ao líder petista em suas edições. Tanto em seus editoriais, quanto nas notícias diárias publicadas, o jornal utilizou-se de variadas estratégias para “construir” a figura de Luiz Inácio (AZEVEDO, 2009). Esta pesquisa busca investigar como se deu, na *Folha*, o processo de construção da identidade política de Luiz Inácio Lula da Silva, visando à formação da opinião dos leitores em relação ao então candidato petista durante os pleitos em que ele disputou e venceu o cargo de presidente da República, em três diferentes cenários políticos. Para a realização da análise, recorreu-se a um recorte temporal que vai do dia 1º de setembro (aproximadamente um mês antes da votação em primeiro turno) e 1º de novembro (aproximadamente um mês após a votação em segundo turno).

A relevância deste tema está relacionada à influência dos principais jornais de São Paulo – berço do ABC e do Sindicato dos Metalúrgicos, embrião do que viria a se tornar o Partido dos Trabalhadores – nas decisões tomadas pelos brasileiros durante os períodos eleitorais. A *Folha de S. Paulo* exerce um papel interessante nesse processo, justamente por ser um jornal que, embora concebido no século passado como um veículo de oposição ao então principal jornal da cidade, *O Estado de S. Paulo* (representante das classes mais conservadoras), figura hoje entre os periódicos que, não raras vezes, fazem expressiva e incisiva oposição ao campo progressista, especialmente ao PT e a seu representante maior, Luiz Inácio Lula da Silva. Nesse aspecto, compreender quais artifícios utilizados pela *Folha de S. Paulo* no desenvolvimento de Lula enquanto candidato colabora para entender como a comunicação atua na construção de personagens políticos no imaginário coletivo e os limites que tal comportamento encontra, devido a posição de objetividade jornalística.

Com o intuito de identificar quais são os elementos que compõem o jornalismo político no Brasil, assim como sua história e eventos relevantes, Seabra (2006) auxilia na composição de um histórico que contribui para a construção de um contexto da política brasileira vista pelos noticiários. Dessa maneira, busca-se compreender as divergências presentes na cobertura de personagens políticos de direita e de esquerda. Além disso, Azevedo (2009) contribui para entender de que forma essa relação entre mídia e o PT se desenvolve, tendo como ponto central os processos eleitorais de 1989 e 1990, que por fim culminam na eleição de Lula em 2002.

Após isso, também se compreende quais aspectos estiveram presentes nas eleições de 2006- com uma cobertura influenciada por escândalos- e em 2022, onde há mudanças na cobertura eleitoral devido às influências sociais, econômicas e tecnológicas.

A fim de compreender de que maneira a hegemonia age sobre a mídia e, posteriormente, de que forma a mídia hegemônica contribui como um órgão político na sociedade, Gramsci (2000) colabora de forma positiva para entender o poder da mídia enquanto perpetuação dos ideais da classe dominante no âmbito social-econômico-político. Além disso, Moraes (2021) também auxilia na construção da história de Lula, em sua fase pré-sindicalista, sindicalista e político. Isso contribui para entender quem é esse personagem para além do noticiário político brasileiro, a fim de possibilitar uma comparação com as nuances presentes na cobertura da *Folha*. Enquanto isso, registros da própria *Folha* disponíveis digitalmente explicam a história do jornal, que da mesma maneira contribui para entender quais são os motores da *Folha de S. Paulo* e qual é o seu posicionamento na política brasileira.

Para compreender as abordagens da *Folha de S. Paulo* na cobertura eleitoral presidencial de Lula, a pesquisa utilizará o método de enquadramento, que partirá da análise das capas de 9 edições, divididas igualmente entre os períodos eleitorais. Em 2002, as edições de 18/10, 20/10 e 29/10 abordam a corrida presidencial entre Lula e Serra, assim como as propostas sociais apresentadas pelo então presidente eleito. Em 2006, as edições de 30/09, 01/10 e 11/10 são marcadas pelo Escândalo do Dossiê, que impacta negativamente a candidatura de Lula em sua disputa contra Alckmin. Já em 2022, as edições de 04/10, 06/10 e 14/10 apresentam uma narrativa atípica, na qual Lula surge como uma proposta positiva em defesa da democracia.

Ao explorar o gênero das capas como análise central, é possível notar o tom de linguagem produzido em cada edição do jornal, que atua ativamente na sociedade como fator fundamental para a compra de exemplares ou para a leitura corrida dos “principais assuntos”, pela capacidade do leitor de se manter atento apenas àquilo disponível na manchete, sem precisar explorar seu conteúdo interno para desenvolver seus juízos de valor. Como assinala Travassos, muitos leitores escolhem os assuntos que querem ler a partir das informações que estão nas capas em exposição. Além disso, essas capas podem “representar um roteiro de leitura para quem não quer ou não dispõe de tempo para ler todas as matérias” (2011, p. 101).

Apesar de utilizar como base as notícias vinculadas à corrida eleitoral, que têm como base a informação e narração dos fatos, observam-se elementos subjetivos, que transparecem o posicionamento do jornal em meio a cada contexto político. É dessa forma que, por meio da metodologia escolhida, se torna possível compreender como os elementos dispostos em cada

uma das edições selecionadas contribuem para uma construção do candidato Lula e de que forma ele atua durante sua campanha.

Assim, o primeiro capítulo deste trabalho tratará da cobertura política e dos políticos no Brasil, abordando o jornalismo político no país, a relação entre a imprensa brasileira e o PT, e as representações das forças ideológicas de direita e de esquerda na mídia tradicional brasileira. No segundo capítulo, será analisada a forma como a *Folha de S. Paulo* modifica e adapta seu editorial ao longo dos anos, e por ser um jornal hegemônico que, embora pautado na objetividade, também atua como um agente político. Nesse sentido, também é considerado o que Gramsci entende como hegemonia e o poder político do jornalismo na sociedade. Além disso, é apresentada uma introdução à história de Luiz Inácio, a fim de compreender as raízes de sua militância política e qual contexto colaborou para o surgimento do PT. No terceiro capítulo, serão examinadas as estratégias discursivas da *Folha de S. Paulo* nas abordagens relacionadas ao então candidato petista, em diferentes eleições.

Portanto, esse trabalho pretende contribuir para o debate sobre o papel desempenhado pela mídia nos regimes democráticos, em especial nos períodos eleitorais, quando a imprensa efetivamente influencia o processo de formação da opinião pública com enfoque nos candidatos. Isso contribui para a configuração da política brasileira por moldar as percepções políticas da sociedade, reforçando discursos hegemônicos por meio de enquadramentos midiáticos que podem fortalecer ou enfraquecer a democracia conforme os interesses neoliberais que, em especial a partir da segunda metade do século XX, têm norteado importantes decisões políticas no Brasil e no mundo.

1. A COBERTURA POLÍTICA E OS POLÍTICOS NO BRASIL

A relação da mídia hegemônica do Brasil com a política é antiga e complexa, pois sempre esteve permeada por interesses econômicos e por diferentes visões de país por parte das classes mais pobres e das elites econômicas – ou seja, dominantes e dominados. Essa disputa de narrativas e divisão de valores esteve presente no país desde o período colonial. Por isso, é interessante voltar no tempo para compreender melhor as raízes das práticas de cobertura política desenvolvidas no âmbito da mídia hegemônica nacional.

De fato, as pesquisas sobre a historicidade do jornalismo no Brasil revelam que a cobertura política no país nasceu com o próprio jornalismo, que passou a ser praticado na colônia a partir da chegada da corte portuguesa, em 1808. As profundas modificações políticas, econômicas e culturais que envolvem esse momento histórico na região se dão, inclusive, por influência do *Correio Braziliense*, o jornal produzido por Hipólito da Costa com o intuito de disseminar ideias libertárias e retratar os anseios pela modernidade das instituições (LUSTOSA, 2004). Diante desse panorama, o jornal fazia oposição à Corte Real, que possuía um posicionamento conservador.

Devido ao tom libertário da cobertura do *Correio Braziliense* – até então o principal veículo midiático circulando no Brasil –, que divergia das propostas conservadoras da Corte Real, D. João IV decidiu financiar o surgimento de diversos outros jornais cujas linhas editoriais seguiram favoráveis às ações imperiais. Essa hegemonia da mídia conservadora só sofre alguma ruptura a partir de 1821, com o crescente ideal de independência, que irá desvincular o Brasil da corte portuguesa. Não por acaso, esse movimento é marcado por uma calorosa agitação entre os jornais brasileiros. De acordo com Seabra (2006),

As disputas políticas que marcaram os primeiros anos do Brasil livre refletiram-se na imprensa política. A separação definitiva de Portugal exigia uma imprensa atuante. Entretanto, forças antagônicas, tendo de um lado o grupo de Bonifácio de Andrada e, de outro, o de Gonçalves Ledo, forçaram uma guerra ideológica que transformou os jornais da época em verdadeiras trincheiras (SEABRA, 2006, p. 116).

É notório que, à medida que ocorrem modificações profundas na política brasileira – comandadas até então pela Corte portuguesa –, o jornalismo (em especial no campo da cobertura política) também passa por transformações. À medida que se tornam mais atuantes, os jornalistas mais incisivos nesse campo passam a sofrer perseguições e ameaças. Conforme demonstra Lustosa (2004), a imprensa tem, inclusive, um papel fundamental para a abdicação de D. Pedro I, em meio às notícias sobre os conflitos entre conservadores e liberais. Sobre esse

mesmo cenário, Seabra (2006, p. 117) observa, por exemplo, que “meses antes, na Fala do Trono que abriu a segunda Legislatura, o imperador já pedia medidas enérgicas contra a imprensa”.

1.1. Cobertura política no Brasil

Pouco antes do período regencial, o jornalismo brasileiro já se dividia entre liberais e conservadores. Essa dicotomia entre esquerda e direita no espectro político sempre marcou os jornais e sempre norteou o comportamento desses veículos diante dos acontecimentos. Entretanto, as classes privilegiadas falavam mais alto. A literatura registra que a imprensa, durante as décadas de 50 e 60 do século XIX, por exemplo, não raras vezes refletia um ambiente de conciliação política e de acordo entre as elites (SODRÉ, 1999; SEABRA, 2006).

Nessa perspectiva, o jornalismo agregou os movimentos políticos emergentes durante o processo que culminou na independência no Brasil, mas colaborou decisivamente para o desenvolvimento do capitalismo e para a manutenção das elites dominantes (LUSTOSA, 2004). Aquela era uma imprensa conivente com o sistema escravocrata e feudal, que, sob esse aspecto, enfraquecia o potencial de produção de notícias políticas que pudessem contribuir para a construção de um país mais igualitário (SODRÉ, 1999). É apenas a partir de 1850 que os movimentos políticos libertários passam a influenciar a imprensa. “A conciliação política permitiu um princípio de modernização do país, com a extinção do tráfico negreiro, atendendo a pressões externas, a promulgação da Lei das Terras, a criação da Guarda Nacional e a aprovação do primeiro Código Comercial” (SEABRA, 2006, p. 121).

É também num contexto marcado ainda pela modernização do sistema de transportes que a imprensa ganha novo fôlego, ultrapassando barreiras geográficas. Na segunda metade do século XIX, o jornalismo se torna uma produção industrial e a produção de pautas abolicionistas, por exemplo, ganham intensidade. Assim, o jornalismo político se transforma em elemento intrínseco ao próprio jornalismo (LUSTOSA, 2004). Entretanto, a partir de 1889, no início da República das Espadas¹, a imprensa “monarquista” passa a ser perseguida pelos militares, uma situação que se estende até 1894, com o retorno das oligarquias ao poder (Sodré, 1999). Nesse instante, a imprensa se divide entre dois polos políticos, e, como observa Seabra

¹ Conhecida também como Primeira República Brasileira, ela se deu entre 1889 a 1930. Esse período é marcado pelo governo autoritário de Deodoro da Fonseca e, posteriormente, do seu vice, Floriano Peixoto, conhecido como “Marechal de Ferro” devido à intensa repressão política que promoveu. Foi um período marcado pela repressão a movimentos sociais e por crises econômicas.

(2006), dois grandes jornais específicos refletiam bem esse cenário: “[o jornal] *O País*, veículo tradicionalista ligado à elite agroexportadora, e o *Correio da Manhã*, jornal que representava as camadas médias da sociedade e fazia uma oposição feroz à política do ‘café com leite’” (p. 125).

Nesse quadro, a mídia encontrava-se sob intenso controle político. Não por acaso, as mídias independentes – como as publicações dos movimentos operários e dos sindicalistas – não tinham espaço. É a partir de 1945 que o jornalismo passa por transformações marcantes relacionadas aos modos de produção. “Nesse período, jornais, revistas, rádios, tvs etc. passaram por um intenso processo de modernização, profissionalização e concentração. Os custos de apuração, produção e disseminação de informação cresceram extraordinariamente” (MARTINS, 2009, p. 18). Assim, aqueles jornais que não conseguiram acompanhar o aumento do custo de produção chegaram ao fim. Já aqueles que mantiveram boa tiragem desenvolveram-se de modo satisfatório.

Nesse momento, o jornalismo, que antes era marcado por fortes opiniões políticas em seus editoriais – como podem ilustrar antigas edições de *O Globo*, mais conservador, de o *Correio*, mais liberal, e da *Imprensa Popular*, considerada “comunista” –, passa a adotar uma roupagem de isenção política. Isso se dá devido aos processos de profissionalização da imprensa herdados do jornalismo norte-americano e adotados no Brasil como estratégia para conquistar mais leitores. Dessa forma, os jornais nacionais começam a apostar em uma pretensa imagem de isenção política para obter credibilidade diante de diferentes segmentos do público, de forma a atingir as metas de venda então estabelecidas.

Os jornais, na tentativa de conquistar e manter escalas de tiragens economicamente viáveis, foram obrigados a se voltar para um universo cada vez mais amplo. Em vez de cativar o leitor partidário, como no passado, a estratégia passou a ser atrair um público plural, composto por leitores com as mais variadas simpatias políticas e as mais diferentes visões de mundo (MARTINS, 2011, p. 19).

Com essa transformação no jornalismo brasileiro, a política, que se fazia presente em páginas variadas dos jornais, ganhou seu próprio caderno. Anos depois, com a chegada da ditadura civil-militar de 1964 a 1985, o jornalismo econômico é que passa a emergir nos folhetos e nos noticiários, recebendo o reconhecimento da mídia hegemônica (WAINER, 1988). O principal motivo desse movimento foi a intensa perseguição à imprensa durante a ditadura, principalmente a partir da instauração do Ato Institucional nº 5, o AI-5, que “cassou os direitos políticos de parlamentares da oposição e permitiu a censura prévia à imprensa e

espetáculos” (SEABRA, 2006, p. 131). Nesse contexto, a produção de conteúdos próprios do jornalismo político foi de fato reduzida.

À medida que a mídia hegemônica aderiu cada vez mais ao posicionamento liberal-conservador adotado por parte expressiva das empresas de comunicação naquele período, os pequenos e médios jornais alternativos sustentavam a produção de matérias investigativas e o debate político. Contudo, enquanto grande parte da mídia tradicional permanecia censurada ou favorável às ações golpistas, essa imprensa alternativa – situada no espectro das forças políticas de esquerda – passava a ser perseguida e, muitas vezes, exterminada (WAINER, 1988). Segundo Seabra (2006) e Dantas (2012), trata-se de uma época marcada por acontecimentos traumáticos, como a morte do jornalista Vladimir Herzog:

Mesmo os jornalistas que não estavam envolvidos diretamente com a imprensa de oposição sofreram perseguições da linha dura do regime militar. Em outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog, chefe do Departamento de Jornalismo da TV Cultura de São Paulo, morre nas celas do DOI-CODI paulista, após seguidas sessões de tortura. Herzog era simpatizante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Velho Partidão, mas nunca esteve envolvido com ações armadas contra o governo e sempre trabalhou na grande imprensa (SEABRA, 2006, p. 133).

A literatura registra ainda que, além de sofrer essa perseguição constante, a imprensa alternativa não tinha recursos suficientes para investir nas reportagens investigativas que se faziam necessárias. Seabra (2006) destaca que, mesmo assim, essa imprensa tentava “fazer o contraponto à grande imprensa”, publicando “não a notícia em si”, mas outra versão apurada (p. 133). A partir de 1970, entretanto, a imprensa alternativa reduz seu volume de publicações e alguns veículos chegam a desaparecer. Isso ocorreu devido à mudança de posicionamento da grande imprensa, que agora retomava o noticiário político com críticas ao sistema ditatorial e abordagens em defesa da abertura democrática (DANTAS, 2012; WAINER, 1988). Os estudiosos nesse campo deixam claro, no entanto, o caráter fundamental da mídia de oposição na manutenção e desenvolvimento de um jornalismo político ativo.

Mesmo no campo da mídia hegemônica, é certo que os jornais foram fundamentais ao processo de redemocratização do país. A *Folha de S. Paulo*, por exemplo, incentivou o movimento *Diretas Já*, na década de 1980 – e orgulha-se de ter sido chamada de “o jornal das Diretas”². Nesse momento, o jornalismo político foi consolidado, agora mais atento à necessidade de atualização de suas pautas, ao aprofundamento de suas abordagens e ao profissionalismo técnico (MARTINS, 2009). Esse movimento, contudo, também é influenciado pelo neoliberalismo que, nos anos seguintes, se revelaria o grande norteador do modo de

² Ver o Manual da Redação da *Folha de S. Paulo*, 22ª edição, p. 27.

produção e postura da mídia hegemônica. Em jogo está o interesse público, mas também, e sobretudo, o interesse publicitário (LIMA, 2006).

Assim, a imprensa, já no final do século XX, encontra-se completamente atrelada ao interesse econômico dos financiadores da mídia. Mesmo após a redemocratização – que assegurou mais segurança ao exercício da profissão nas redações –, os jornalistas políticos, principalmente, ainda se veem com autonomia bastante relativa no mercado de trabalho, ainda muito orientado por interesses de toda ordem. Nas eleições de 1989, por exemplo, Seabra observa que “na chamada grande imprensa, sediada nas capitais, os jornalistas em peso apoiavam Lula da Silva, candidato do PT, mas os patrões penderam a gangorra para a candidatura de Fernando Collor” (SEABRA, 2006, p. 136; CONTI, 2012).

Grande parte dos estudos e pesquisas sobre o jornalismo praticado pela imprensa brasileira aponta que, a partir da retomada do voto direto, em 1989, tornou-se cada vez mais evidente a existência de uma mídia posicionada não a um centro equilibrado da informação, mas em conformidade com os interesses daqueles que detêm o poder econômico – e político (PORTO, 2006; VENÍCIO, 2004). Desta forma, é possível perceber, no universo da mídia tradicional, posições ora a favor, ora contra candidatos como Fernando Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e, em especial, Luiz Inácio Lula da Silva. Todos esses posicionamentos variam conforme os interesses econômicos e ideológicos atrelados a cada candidatura (CONTI, 2012).

No século XXI, outro aspecto passa a caracterizar o jornalismo político brasileiro: a busca constante por uma adaptação às mídias digitais que, por sua vez, também atendem a interesses preestabelecidos. “Os blogs e sites de notícia nos fazem lembrar a imprensa brasileira em seus primórdios, quando uma profusão de folhas alimentava o debate político e desancava a segurança dos poderosos” (SEABRA, 2006, p. 139). Por outro lado, é igualmente certo que, nesse campo da informação digital, ampliou-se largamente o acesso à informação por parte dos profissionais da imprensa, assim como as possibilidades de fiscalização da gestão pública. Ampliou-se, portanto, o poder de apuração e checagem dos acontecimentos e relatos (COOK, 2011).

Para Martins (2009), houve, nesse período, um intenso desenvolvimento no modo de produção das matérias. Buscava-se não apenas a informação, mas também um tipo de trabalho capaz de “qualificá-la, relacioná-la com outros fatos, explicar suas causas e avaliar suas possíveis consequências”, de maneira a “entregar aos leitores não apenas a notícia, mas também o que está por trás e em volta da notícia” (p. 21). Na concepção do autor, aquele jornalismo político que sucede o período da redemocratização contribuiu efetivamente para o

desenvolvimento do senso crítico de seus leitores. Contudo, permaneceu orientando a opinião dos variados segmentos de leitores em conformidade com os interesses das maiores empresas jornalísticas – que definem o que tem e o que não tem relevância pública. Sob esse aspecto, é importante atentar para a relação entre o jornalismo e o público receptor, uma vez que a mídia, além do seu caráter informativo, possui o poder de selecionar aquilo que julga importante na cobertura eleitoral, por exemplo. Nesses casos, muitas vezes o relevante tem mais a ver com o mercado do que com os critérios de noticiabilidade.

Dessa forma, tem-se, de um lado, um público vigilante, engajado no acompanhamento do comportamento ético dos veículos noticiosos, e, do outro, um jornalismo que precisa atender aos critérios capitalistas que, em larga medida, asseguram a sua produção. Não por acaso, esse é um aspecto do jornalismo político muito presente nas campanhas eleitorais, sobretudo. Nesse campo, a cobertura da imprensa assume um caráter estratégico a favor de candidatos específicos, como observa Venício Lima:

Atribui-se à preferência da mídia pela cobertura jornalística dos candidatos, e não dos partidos, uma crescente “personalização” da política e do processo político que estaria sendo representado como uma disputa entre pessoas (políticos) e não entre propostas políticas alternativas (partidos) (LIMA, 2004, p. 52).

Dessa forma, o jornalismo, orientado ao mesmo tempo pela aquisição de lucro e pelo interesse público, trabalha a construção de certos cenários e figuras políticas para atingir objetivos financeiros e ideológicos, consolidando um padrão particular de cobertura. É assim que, por tantas vezes, o debate político foge do debate de propostas e entra no marketing eleitoral.

1.2. A imprensa brasileira e o PT

Desde a sua fundação, o Partido dos Trabalhadores convive, no universo da mídia tradicional, com uma imprensa pautada pelo conservadorismo político, por ideais de centro-direita e pelo liberalismo econômico, como observa Fernando Antônio Azevedo (2009). O PT, criado no ano de 1980, ainda sob o regime ditatorial, impôs ao jornalismo brasileiro uma situação atípica quando se revelou, nas palavras do autor, “um partido efetivamente de massa (no sentido da tradição socialdemocrata européia), criado de baixo para cima e vinculado a uma forte base operária por relações políticas construídas com anterioridade nas lutas sindicais dos anos 70/80” (AZEVEDO, 2009, p. 51).

Aquele era um marco da história da política de esquerda no país – e prova disso está na grande repercussão da legenda recém criada na mídia tradicional. Ao crescer rapidamente no cenário político brasileiro, e ao optar por não seguir uma linha comunista, fechada, o partido se tornou a melhor (ou única) opção da esquerda com poder suficiente para debater com as forças de direita, que seguiam aparelhando o jogo político. Como observa Azevedo (2009), a dupla face da legenda lhe garantiu capital eleitoral:

Partido com dupla face, parlamentar-eleitoral de um lado e, de outro, inserido nos movimentos sociais, o PT, ao longo da sua existência, se beneficiou desta dupla inserção para acumular progressivamente capital eleitoral que o alavancou primeiramente ao poder municipal e estadual (meados dos 80 e anos 90) para, finalmente, em 2002, chegar à presidência da República” (AZEVEDO, 2009, p 51).

Diante de uma mídia ideologicamente conservadora, o partido e suas decisões políticas não foram ignoradas pelas grandes empresas de comunicação em seus noticiários. Pautado em ideais marxistas e muito próximo aos movimentos sociais ascendentes naquela época, o PT ganhou uma imagem de puritanismo político, emergindo como a legenda que se mantinha distante da corrupção frequentemente denunciada pelos jornais. Essa imagem contribuiu para maior aceitação do partido e de seus membros por parte do público. Contudo, muitas abordagens jornalísticas sobre o PT já eram, naquele período dos anos 1980, marcadas por críticas severas ao seu caráter revolucionário e pouco articulado com os partidos divergentes (MORAIS, 2021).

Foi com essa roupagem socialista e de esquerda que o partido enfrentou sérias dificuldades em 1989, ao concorrer às eleições presidenciais pela primeira vez. Entre os variados motivos que levaram a legenda à derrota, estava o posicionamento opositor da mídia durante as eleições. A mídia tradicional permanecia apoiando os candidatos de direita e de centro-direita. No final daquela década, desenvolvia um discurso favorável ao alagoano Fernando Collor de Mello, então pertencente ao PRN (CONTI, 1999). Esse posicionamento prosseguiu nas eleições de 1994, quando a imprensa se mostrou favorável à candidatura de Fernando Henrique Cardoso, do PSDB (LIMA, 2004).

A década de 1990 também é marcada, assim, pelas primeiras transformações no PT, observadas principalmente nas bases do partido. São mudanças que começam a ocorrer paralelamente à ascensão do pensamento neoliberal, que obrigou os líderes petistas a novas articulações em busca de capital político. Nas palavras de Azevedo, era preciso assumir “a lógica competitiva da disputa partidária das democracias representativas em que o objetivo

final, como é da natureza dos partidos, não é demandar o poder (como é próprio dos movimentos sociais), mas a sua conquista e exercício” (AZEVEDO, 2009, p. 53).

Foi também nesse momento que, buscando fomentar a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, o partido apostou em técnicas de marketing diferentes daquelas desenvolvidas até então durante as campanhas eleitorais. Isso melhorou sua comunicação com o centro político. Ainda segundo Azevedo (2009), as novas estratégias, que buscavam construir uma imagem pacífica e moderada de Lula, mostraram-se eficientes para o partido, que alcançou a vitória nas eleições de 2002. Contudo, isso também significou um distanciamento dos movimentos sociais com quem o PT caminhou durante toda a década de 1980 e início de 1990.

Os jornais, por sua vez, ainda tinham dificuldade para assimilar todas as transformações da legenda. A imprensa tinha dúvidas a respeito do caráter moderado e centralizador do partido, visto que seu histórico se fundava nas organizações sociais. A mídia hegemônica, comandada por famílias conservadoras e jornalistas de centro-direita, prosseguia construindo uma imagem pouco amistosa do partido (CONTI, 1999). Os interesses financeiros dos grandes grupos midiáticos ainda se alinhavam ao pensamento neoliberal e, como observa Fonseca (2011, p. 42), “os órgãos da mídia – emissoras de TV, rádios, jornais, revistas, portais – atuantes na esfera pública são em larga medida empresas privadas que, como tal, objetivam o lucro e agem segundo a lógica e os interesses privados dos grupos que representa”.

É apenas a partir de 2003, durante o primeiro mandato de Lula, que as maiores empresas jornalísticas do país se tranquilizam ao perceber que o então presidente de fato prosseguia com o plano econômico conciliador que prometera na “Carta aos Brasileiros³”. Mas tudo mudou no noticiário político a partir de 2005, com o escândalo do Mensalão⁴. Nesse momento, a mídia, enfatizando os ideais de igualdade apregoados pelo governo petista, aproveitou o escândalo para construir uma narrativa na qual o governo Lula figurava como o mais corrupto da história do país (LIMA, 2006). O PT, então, mudou mais uma vez suas estratégias de marketing político, optando por centralizar suas ações e discursos nas propostas econômicas e sociais. O objetivo era a reeleição de Lula.

³ A Carta ao Povo Brasileiros, ou Carta Aberta ao Empresariado do Brasil, foi lida durante a campanha política de Lula nas eleições de 2002, e visava assegurar aos eleitores o seu compromisso com um plano de economia conciliador. Esse momento foi fundamental na campanha de Lula porque contribuía para substituir sua figura de sindicalista e socialista pela figura de um candidato moderado e pacífico.

⁴ *Mensalão* é o nome dado ao escândalo político tornado público em 6 de junho de 2005, durante o primeiro mandato de Lula na Presidência da República, envolvendo a compra de votos de deputados dispostos a aprovarem projetos de interesse do Poder Executivo. O termo “mensalão” foi cunhado pelo então deputado federal Roberto Jefferson em entrevista, ao se referir a uma mesada paga aos parlamentares em troca de apoio a determinados projetos de lei, conforme orientação do governo federal.

A despeito da resposta positiva às estratégias do partido, que resultaram na vitória Lula também nas eleições de 2006, a literatura sobre a cobertura política nesse período registra que, pelo menos por parte dos veículos de imprensa mais tradicionais do país, é notória a intensa perseguição midiática ao Partido dos Trabalhadores. Isso se mostraria prejudicial ao partido e a Lula nos anos seguintes, quando esses grandes veículos de comunicação seguiram investindo em denúncias e ataques contra a legenda e seus líderes, como assinala Azevedo:

A partir dessa fase o PT perde a sua aura de partido ético, uma imagem que sem dúvida constituía um grande capital político acumulado desde sua fundação e que era capaz de atrair votos na classe média, sempre mais sensível às questões morais, e o reconhecimento positivo por parte da grande imprensa. Assim, a partir deste momento, o PT, então já transformado num partido responsável e integrado ao sistema político, se torna também “igual” a todos os outros. (AZEVEDO, 2009, p. 55)

Nas eleições de 2022, a despeito da difícil situação política e socioeconômica imposta aos brasileiros pela pandemia de Covid-19 e pelos desatinos políticos que marcaram os anos da gestão de Jair Bolsonaro – eleito em 2018 pelo PSL –, a mídia se mostrou bastante crítica ao partido. Por sua vez, o PT e Lula, seu maior líder, também se posicionaram claramente em oposição à postura tendenciosa da imprensa brasileira, especialmente em relação às forças de esquerda no país (MORAIS, 2021). Duras críticas ao jornalismo político brasileiro foram feitas especialmente no ano de 2018, ocasião em que Lula foi preso em função dos desdobramentos da Operação Lava-Jato, ainda que não houvesse provas da acusação feita contra ele pelo então juiz Sérgio Moro. Impedido de disputar as eleições daquele ano contra o então candidato Jair Bolsonaro, Lula seguiu preso por 580 dias, período em que criticou veementemente a cobertura política feita pelos maiores noticiários da imprensa brasileira (idem).

Esse enfraquecimento da esquerda como forte referência política no país, que culminou na prisão de Lula, já dava sinais muito antes, no ano de 2013 – mais especificamente durante os protestos de rua contra o aumento das passagens de ônibus, hoje nomeados como as *Jornadas de Junho* –, quando emergiu de forma mais evidente. Eram manifestações realizadas, em especial, contra a gestão das políticas públicas desenvolvidas pelo governo do Partido dos Trabalhadores. Nesse período, forças conservadoras também passaram a influenciar grande parte dos países das Américas e da Europa. Naquele momento, observa-se, no Brasil, um claro movimento antipetista, com apoio midiático, principalmente dos veículos de comunicação da mídia tradicional – à época especialmente tolerantes, e até coniventes, com o pensamento da extrema direita (AZEVEDO, 2018). Esse movimento antipetista surte efeitos mais graves a partir de 2015, quando se inicia a abertura do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (idem). Nesse mesmo período, ocorre a eleição de Donald Trump nos EUA. Ele passa a ocupar

a Casa Branca em 2016 na condição de um dos maiores líderes de extrema-direita do século (GUERRA *et al*, 2017).

Devido a esse crescimento da direita internacional, o Brasil também vê o surgimento de líderes políticos conservadores. No Brasil, Jair Messias Bolsonaro passa a ganhar destaque nas mídias digitais em 2017, também impulsionado pelo jornalismo independente de direita. Esse momento é marcado por uma hostilidade não apenas ao PT, mas também aos canais de jornalismo tradicionais, culminando em um momento de desinformação intensa, utilizada incansavelmente por autoridades públicas de extrema direita para a disseminação de seus ideais, principalmente por meio das redes sociais (ROCHA, 2023).

Esse movimento surge sob intensa influência dos meios de comunicação alternativos e de fácil acesso à população, principalmente entre os jovens. É nesse momento que termos como *fake news* e meios de checagem de informação surgem no vocabulário popular. Um dos resultados dessa ação é a intensificação do processo de polarização política, que endurece o cenário político de forma especial em 2018, transformando Jair Bolsonaro no símbolo de um tempo marcado pela marginalização do jornalismo profissional, como observa Luís Felipe Miguel:

Bolsonaro, cuja candidatura foi alicerçada no uso deliberado de mentiras veiculadas por mídias sociais (em especial WhatsApp e Youtube) e que recusou qualquer tipo de debate ao longo da campanha, transformou-se no emblema local de uma nova era, na qual o jornalismo profissional é marginalizado e o líder político se relaciona de forma imediata com uma multidão não mais de cidadãos, mas de “seguidores”, usando um discurso que não é desafiado por qualquer checagem factual, muito menos por discursos opostos (MIGUEL, 2019, p. 47)

Há, portanto, nesse período, um jornalismo enfraquecido, que passa por uma crise profunda e que é obrigado a enfrentar não apenas os ataques ao direito à informação, mas também os efeitos das mudanças estruturais resultantes desse universo das mídias digitais e da disseminação intensa de informações cada vez menos pautadas pela veracidade dos acontecimentos, mas, sim, pelo sentimento que eles causam. Nesse cenário, a imprensa, embora passe a denunciar as teorias conspiratórias e as *fake news* produzidas pela extrema direita, não deixa de lado os ataques ao PT (MORAIS, 2021; ROCHA, 2023).

Esse quadro se agrava ainda mais a partir de 2020, quando o país enfrenta a pandemia da Covid-19. Nesse período, observa-se uma gestão governamental problemática, marcada por crises de toda ordem – que resultavam em mudanças constantes de ministros e outros agentes do governo. A gestão de Jair Bolsonaro também foi marcada por um discurso que desumanizava as vítimas da doença e que negava a eficiência das vacinas e da pesquisa científica como um

todo. O jornalismo, por sua vez, encontrou problemas constantes nos processos de produção: profissionais de imprensa passaram a sofrer ataques virtuais, verbais e físicos em todo o país a partir da disseminação de ideais extremistas por alguns brasileiros apoiadores do governo (FREITAS, 2022).

Há também, nesse momento, um governo marcado por crises econômicas intensas que afetaram as vidas de milhares de brasileiros. Além de cerca de 400 mil pessoas vítimas de Covid-19 que perderam suas vidas apenas em 2020⁵ – muitas delas devido à má gestão governamental –, o país também retorna para o Mapa da Fome da ONU devido ao crescimento da insegurança alimentar⁶. Nesse contexto, o bolsonarismo começa a perder força política na mesma medida em que a presença do antipetismo diminui na cobertura jornalística.

Além das críticas direcionadas ao então presidente, devido seu posicionamento negacionista frente às crises do governo, o ex-presidente Luiz Inácio retoma sua atividade política ao ser libertado, em novembro de 2019. Lula deixa a prisão já na condição de único candidato capaz de combater o bolsonarismo, na opinião de muitos políticos, jornalistas e intelectuais (MORAIS, 2018). Com Lula e Bolsonaro como figuras centrais da corrida eleitoral, instaura-se um clima renovado de polarização no país, que iria se intensificar ainda mais à medida que se aproximavam as eleições.

Com a chegada das eleições de 2022, observa-se – em grande parte devido à condição atípica da política brasileira, contaminada pelo fascismo – uma relação mais pacífica entre Lula, o PT e o jornalismo brasileiro, como observam Aline Nascimento e Carlos Zanotti (2023). Apesar de ainda não haver exatamente uma afinidade entre esses atores, há um terceiro elemento que chama mais a atenção de todos eles durante esse processo: a hostilidade disseminada pela extrema direita, como assinalam os autores:

Pode-se considerar que a eleição presidencial de 2022 foi um momento emblemático na recente história política do país, caracterizada por uma intensa polarização entre as duas principais candidaturas [...] A Campanha eleitoral foi marcada por um clima de hostilidade que ultrapassava as paredes dos estúdios das emissoras de rádio e televisão, invadindo o dia a dia dos eleitores, em longos meses de violência verbal nas redes sociais e violência física em episódios isolados. (NASCIMENTO; ZANOTTI, 2023, p. 113).

⁵ Checar Observatório dos Direitos Humanos: Crise Covid-19. Matéria do dia 19 de abril de 2023 disponível em: <https://observadhecovid.org.br/noticias/brasil-mais-de-700-mil-mortes-pela-covid-19-em-tres-anos-e-nenhuma-punicao/>.

⁶ Ver relatório da ONU na Agência Senado em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos>

Desta forma, há uma mídia tradicional que não apenas contém os ataques intensos ao partido, como também se une a ele – mesmo que apenas em alguns momentos estratégicos –, em apoio à democracia. Contudo, após as eleições de Lula em 2022 (e após a redução dos movimentos fascistas, ainda que apenas momentaneamente), o jornalismo retoma sua relação conflituosa com o PT. Todavia, é imprescindível compreender que, durante esse período, como demonstra a literatura, o combate às forças autoritárias antidemocráticas foi o foco principal da imprensa e do PT.

1.3. A esquerda e a direita na mídia brasileira

Compreender a maneira como as forças de esquerda e de direita no Brasil se articulam com a mídia exige um retorno ao período em que se dava o processo de redemocratização no país, após mais de duas décadas de governos regidos pelo regime militar (entre 1964 a 1985). É que esse movimento, particularmente, permitiu uma abertura política no campo partidário. Esse retorno à democracia é marcado também pela volta de partidos antes proibidos pela ditadura – caso do PCB e do PCdoB, que saem da ilegalidade. Paralelamente, ocorre também a criação de novos partidos, como é o caso do PT, formalizado em 1980, e do PDT, fundado por Leonel Brizola em 1979 (MORAIS, 2021).

A abertura partidária ocorre após o decreto do Congresso Nacional nesse mesmo ano, que determina o fim do bipartidarismo no Brasil, fruto de uma ordem arbitrária presente no AI-2, instituído pelo ex-presidente, marechal Humberto Castello Branco, que mantivera apenas dois partidos em legalidade: a Arena e o MDB. Esse último, após o retorno do pluralismo partidário, transformou-se no PMDB.

A partir desse ponto, o Brasil retoma sua condição real de república federativa presidencialista, isto é, um país cuja gestão se dá a partir da articulação efetiva entre os três poderes instituídos: Executivo, Legislativo e Judiciário⁷. Poderes que, a depender dos interesses políticos de cada representante dos cargos ocupados democraticamente (ou seja, por meio de eleições diretas, com exceção do poder judiciário), trabalharão de forma colaborativa. Há que se considerar ainda que, naquele contexto, um complexo ecossistema de interesses políticos advindos do próprio processo eleitoral se instala, uma vez que são muitas as estratégias para

⁷Artigo sobre Organização Política Brasileira da Câmara dos Deputados disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/sites-tematicos/a-camara-eleicoes/arquivos/a-organizacao-politica-brasileira>. Último acesso: 06/11/2024.

angariar o maior número possível de votos rumo à vitória. É o que ocorre na primeira eleição presidencial após a ditadura, em 1989, como explica Limongi e Guarnieri (2014):

Dadas essas condições, nenhum partido viu motivos para ficar de fora. Livres da camisa de força imposta por uma legislação até então restritiva, políticos optaram por testar suas forças. Novos partidos foram criados especificamente para lançar candidatos à presidência. Cada um queria provar que tinha um lugar ao sol na democracia nascente (LIMONGI; GUARNIERI, 2014, p. 8).

Importante observar, aqui, que a raiz desse ecossistema está no multipartidarismo – comum nas democracias regidas pelo voto popular e responsável pela variedade de representações. Nesse processo, é fundamental, para todas as legendas, a identificação das massas com as propostas partidárias. E isso vem do poder que o partido tem em se comunicar com a sociedade. Contudo, esse sistema pode obter problemas devido a pluralidade política, o que acaba convergindo em alianças político-partidárias durante os processos eleitorais, movidos principalmente pelo “voto útil” destinado normalmente a um embate bipartidário (LIMONGI; GUARNIERI, 2014). Dessa forma, ao se eleger um candidato a qualquer cargo público, elege-se também o partido e as alianças políticas que lhe abrigam e, portanto, certas ideologias e certas propostas estarão postas (ainda que possa ocorrer o surgimento de legendas puramente utilitárias, cujo único objetivo é lançar uma candidatura que não encontra espaços em qualquer outra legenda).

Neste ponto, é importante lembrar que o jornalismo brasileiro entra no contexto de redemocratização ainda marcado pelas influências da imprensa norte-americana e seus modos de produção (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). Assim, as redações ainda se inspiram em ideais ancorados a valores como a imparcialidade e a objetividade da informação. É a partir desse viés que a imprensa brasileira insiste em assumir esse lugar romantizado de quarto poder, no sentido de servir ao cidadão por meio de uma postura vigilante e fiscalizadora em relação aos governos. Mas não raras vezes, rendeu-se a movimentos golpistas (CARTA, 2018; AZEVEDO, 2018).

Outro aspecto importante nessa discussão está nas influências políticas e econômicas que sempre marcaram a atividade jornalística, influenciando todo o processo de produção de notícias. São elementos decorrentes dos interesses liberais citados anteriormente. Assim, são bastante perceptíveis as estratégias que orientam determinadas coberturas jornalísticas – especialmente nos veículos de comunicação que constituem a mídia tradicional. Nesse sentido, grandes jornais ou redes de televisão podem favorecer esse ou aquele candidato (seja de direita ou de esquerda) durante as disputas eleitorais. Por isso não é raro que, no campo midiático,

alguns candidatos sejam transformados em personagens capazes de atender a certos padrões, conforme a demanda dos eleitores que irão às urnas (COOK, 2011; LIMA, 2006) É nesse contexto que, tanto no espectro da direita quanto no da esquerda, é possível testemunhar o surgimento de candidatos construídos midiaticamente, de modo a atender aos interesses que movem determinado grupo político.

Não faltaram representações (inclusive misóginas) na construção das várias representações da ex-presidente petista Dilma Rousseff na mídia tradicional brasileira, que, na avaliação de uma parcela expressiva de pesquisadores, apoiava o golpe de 2016 (MENICUCCI; MARTIM, 2018). Aqui, pode ser útil retomar, mais uma vez, o ano de 2013 só para destacar que, não por acaso, já a partir das *Jornadas de Junho*, ainda sob o primeiro mandato da primeira presidente mulher do país, é possível notar uma organização efetiva do movimento de direita do Brasil. Na verdade, o que se pretendia, naquela ocasião, era construir representações de uma gestão desorganizada. Para isso, a mídia não trabalhou apenas as informações contrárias ao governo de Dilma Rousseff, mas inflou o aparecimento de personagens e organizações de direita e extrema-direita, como o MBL, o Movimento Brasil Livre, o ex-juiz e hoje senador Sérgio Moro, o ex-governador tucano de São Paulo, João Dória, e os ex-presidentes Jair Messias Bolsonaro e Michel Temer, entre muitos outros.

Nesse período, é possível ver esses personagens em capas de jornais populares, como *Folha de S. Paulo*, *Correio Braziliense*, *Estadão*, *O Globo* e, principalmente, nas principais revistas semanais. Muitas vezes representados como heróis ou salvadores da nação (em contraponto aos representantes da esquerda, representados como vilões da corrupção), esses personagens são construídos nesses moldes devido ao contexto de insatisfação política presente no país (AZEVEDO, 2018; SOUZA, 2016; TAVARES, 2018).

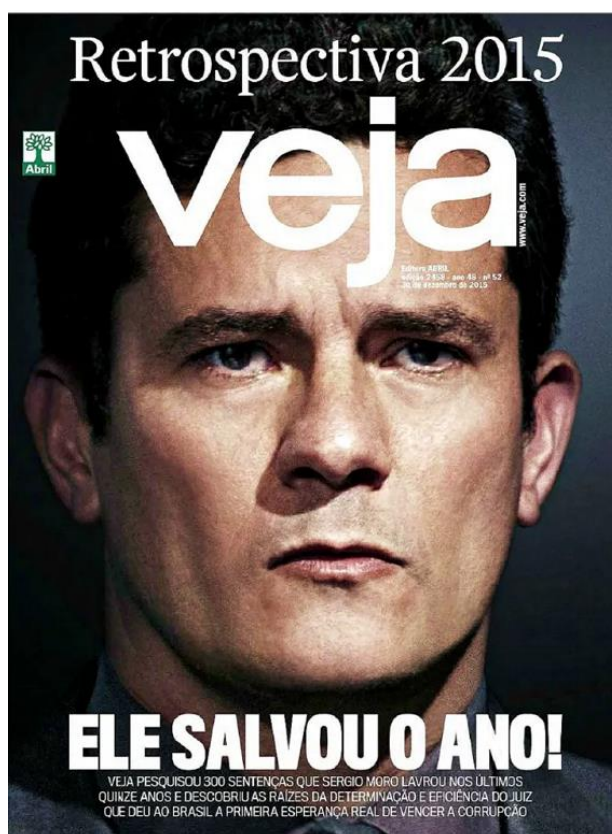


Figura 1. Capa da *Veja* de 30/10/2015 // Fonte: acervo digital.

Popular por ser um dos juízes responsáveis pela Operação Lava Jato⁸, Sérgio Moro foi um dos personagens midiáticos que estampou várias capas do jornalismo brasileiro. Seu protagonismo frente a perseguição ao PT serviu para a construção de um herói nacional. Nesse sentido, a mídia também atribui uma identidade séria, responsável e implacável (LEITE, 2018). Esse é o exemplo da capa da *Revista Veja* de 2015, onde a imagem séria de Moro é estampada com a legenda *Ele salvou o ano*.

Nesse processo de construção de personagens políticos ligados diretamente a partidos, é possível notar, ainda, a prevalência de um movimento anti-lula. Não por acaso, políticos como o então candidato a prefeito de São Paulo (que depois viria a se tornar governador), João Dória, passou a ser enquadrado como figura heroica em contraponto ao então ex-presidente Lula. Dória fugia a tudo o que a mídia e as forças conservadoras associavam ao lulismo (FIG. 2) –

⁸ Operação Lava Jato é o nome dado às investigações ocorridas entre 2014 e 2021. Seu objetivo inicial foi apurar um esquema de lavagem de dinheiro envolvendo a Petrobrás. Entre os políticos investigados e presos, está o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que teve sua prisão decretada em 2018. Essa investigação foi popularizada por um dos juízes da operação, Sérgio Moro. Seu fim foi decretado em fevereiro de 2021 devido seu enfraquecimento após o vazamento de áudios e mensagens entre procuradores da operação que constatavam atos ilegais, como acordos predefinidos de datas e utilização de testemunhas. Acesse: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-foi-a-operacao-lava-jato/>.

como a corrupção e a política velha. A personificação do tucano é a de um homem sério e positivo. A escolha da roupa e das cores que evidencia esse tom de sobriedade que a imagem carrega, típica na representação de outras figuras de direita.



Figura 2

Figura 2. Capa da IstoÉ de 27/07/2016 // Fonte: Acervo digital.



Figura 3

Figura 3. Capa da Veja de 12/10/2022 // Fonte: Acervo digital.

Outro aspecto possível de ser observado na construção dos personagens políticos de direita é o foco nas práticas econômicas de viés liberal. Mesmo durante um ano de intensa rejeição devido à má gestão da pandemia, o então presidente Bolsonaro estampou uma capa da *Veja*, onde aparece de modo sóbrio, elegante (FIG. 3). A matéria que acompanha a foto é trecho de uma entrevista exclusiva, em que o presidente defende a privatização como forma de melhorar o desempenho econômico do país. Essa modalidade econômica é exposta de maneira positiva, pois vai ao encontro dos interesses da mídia hegemônica brasileira (SOUZA, 2016). Esse foco no discurso econômico, como observa Souza, tende a acompanhar essas personagens de direita.

O Movimento Brasil Livre (MBL), organização liberal e de direita que surge em 2014 como grande apoiador da Operação Lava Jato, também cresce na mídia nesse período (idem). Contudo, sua participação ocorre na mídia independente e na utilização de redes sociais como

meio de comunicação com a população (CASIMIRO, 2018). Essa estratégia revela-se fundamental para o grupo, que passa a conquistar novos adeptos da extrema direita.

Nesse período, também as figuras de esquerda receberam tratamento específico a partir das representações midiáticas, especialmente por parte dos veículos de comunicação mais tradicionais do país. Aqui pode ser interessante lembrar as bases ideológicas que, em geral, sustentam as forças progressistas no Brasil. Ao longo da história do país, os partidos de esquerda em geral trabalharam por políticas públicas direcionadas para o desenvolvimento social, com ações econômicas e redistributivas voltadas para as parcelas mais pobres da população⁹. Assim, representam, em larga medida, uma ruptura com os ideais meritocráticos do neoliberalismo, por exemplo. Por isso costuma personificar aquilo que se convencionou chamar de “anti-sistema”, oposição à ordem conservadora.

Por estarem ligados às ideias acalentadas pela esquerda – e por estarem em partidos que representam esse espectro – personagens como Dilma Rousseff (PT), Flávio Dino (PSB), Guilherme Boulos (PSOL) e líderes do Movimento Sem Terra (MST), por exemplo, são muitas vezes representados como políticos adeptos ao antissistema e radicalismo (FIG. 4, 5 e 6). Uma das representações mais emblemáticas de uma figura à esquerda é a de Dilma Rousseff. Sua imagem veiculada na *Revista IstoÉ* na edição de 06 de abril de 2016, é o retrato da construção de um estereótipo da mulher desequilibrada. Ao contrário das representações dos personagens heroicos e sóbrios da direita, aqui a imagem é trabalhada para construir uma identidade de pessoa radical, nervosa e sem equilíbrio para comandar o país.

⁹ “Quem é a esquerda no Brasil? Existe mais de um?” disponível em <https://www.politize.com.br/esquerda-no-brasil/>. Último acesso: 06/11/2024.



Figura 4. Capa da IstoÉ de 06/04/2016 // Fonte: Acervo digital.

Percebe-se que essas personagens passam por dois tipos principais de caracterização. Elas podem ser vistas como despreparadas politicamente para solucionar questões governamentais ou como exclusivamente ligadas aos movimentos sociais. Tornam-se, portanto, representantes dessas pautas na vida pública.

Outro exemplo desse mesmo tipo de enquadramento é Guilherme Boulos. Político filiado ao PSOL, que se popularizou após concorrer às eleições presidenciais de 2018, ele é, não poucas vezes, representado pela mídia tradicional como um jovem político radical. Sua imagem é frequentemente associada ao MST e MTST devido a sua atuação dentro de ambos os movimentos – o que desagrade as parcelas mais ricas da população, inclusive os donos das grandes empresas de comunicação (SOUZA, 2018).



Figura 5



Figura 6

Figura 5. Matéria da Revista *Veja* de 25/01/2017 // Fonte: Acervo *Veja*.

Figura 6. Matéria da Revista *Veja* de 03/06/1998 // Fonte: Acervo *Veja*.

Na matéria da *Veja* de 2017 (FIG. 5), Boulos aparece como uma figura cada vez mais influente entre militantes da esquerda. O título *Ele vem quente* é acompanhado de uma imagem do deputado atrás de uma barreira de fogo, proveniente de uma manifestação. Seu semblante é fechado e ele veste roupas pretas e simples. Ao redor da imagem, é possível perceber outras pessoas na manifestação e um muro branco pixado ao fundo. Esse fogo explícito no título e na imagem podem trazer dois significados nesse momento: um de viés revolucionário, associado à mudança; outro de viés caótico, associando o político a uma desordem. Em ambas interpretações, há a exaltação da mudança e, portanto, da instabilidade.

O mesmo acontece em outra edição da *Veja*, de 1998 (FIG. 6). Ao mencionar o MST, a revista opta por uma associação da esquerda à raiva. A manchete intitulada *A esquerda com raiva*, acompanhada de um retrato do líder do movimento com uma expressão fechada, sob uma luz vermelha. Constrói, assim, uma associação da ira e da revolta e à “guerra” no campo político.

Assim, figuras do campo progressista emergem, na mídia hegemônica, sob uma perspectiva radical, independentemente do partido ao qual pertencem dentro do espectro da esquerda. A esses políticos atribui-se o desejo de beneficiar as classes menos favorecidas da

população em detrimento do equilíbrio fiscal e econômico. Eles representam, assim, um risco. E é desta forma que são contrapostos à “sobriedade” e “moderação” de políticos da direita, mais adequada aos interesses econômicos dominantes (LIMA, 2006; SOUZA, 2018).

Essa diferenciação na representação de figuras políticas de esquerda e direita na mídia hegemônica tem suas razões, a começar pelos padrões mercadológicos que orientam os maiores jornais do país e que advêm dos interesses financeiros das principais famílias e grupos proprietários dos meios de comunicação. Como afirma Pascual Serrano,

É claro que esses meios de comunicação apoiarão todos os políticos que propuserem mais poder para o mercado e menos para os cidadãos. Os jornais, os canais de televisão e as rádios, com seus colunistas, seus editoriais, suas reportagens por encomenda e suas informações manipuladas, lançar-se-ão como hienas contra qualquer um que ousar atentar contra os privilégios do mercado, pois foram criados para defendê-lo (SERRANO, 2013, p.73).

O interesse informativo de um jornal está, assim, na produção mercadológica da informação. Segundo Serrano (2013), compreende-se, a partir deste aspecto, que a liberdade de expressão de um jornal ou jornalista daquele sistema está nos limites da proposta liberal de seus proprietários. Nessa perspectiva, é possível compreender que os jornais hegemônicos possuem suas estruturas políticas de direita, o que influencia a caracterização de figuras políticas. Dessa forma, é possível entender que, nos contextos aqui referidos, políticos de direita possuam melhor performance no noticiário, em comparação com os políticos de esquerda.

Dessa maneira, o jornalismo tradicional brasileiro que age sob uma funcionalidade de direita colabora, como observa o autor, para a construção dos conceitos sociais dos personagens políticos. Ainda que não busque apresentar um posicionamento explícito por buscar o maior lucro possível (e, nessa perspectiva, se tornar um jornalismo de todos), esse jornalismo se utiliza de ferramentas e recortes para evidenciar aqueles que mais se adequam ao seu posicionamento, enquanto também se distancia ou satiriza aqueles do outro espectro político.

Sob essa perspectiva, é possível compreender ainda a existência de aspectos predefinidos na construção da figura política do candidato Luiz Inácio Lula da Silva na *Folha de S. Paulo*, nas eleições de 2002, 2006 e 2022. É possível identificar, ao longo da história, a prevalência de uma relação conturbada entre um dos maiores jornais brasileiros e o líder do Partido dos Trabalhadores. Contudo, não se trata de uma representação idêntica nos três períodos eleitorais. Devido a diferentes influências econômicas, políticas e sociais, o candidato Lula é retratado, pela *Folha*, a partir de aspectos particulares, dependendo de cada cenário. Para compreender essa relação, também é necessário compreender o que move esses dois atores: o jornal e o metalúrgico que, por três vezes, governou seu país.

2. A FOLHA DE S. PAULO E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

O presente capítulo busca abordar alguns dos elementos fundamentais para compreender a história dos dois personagens centrais deste trabalho: a *Folha de S. Paulo* e Luiz Inácio Lula da Silva. Para isso, será traçada de forma linear a história de cada um no cenário político brasileiro. No caso da *Folha de S. Paulo*, serão abordados momentos importantes como o surgimento do veículo e a maneira como ele concebeu e desenvolveu a cobertura política empreendida durante momentos importantes da política brasileira. Será discutido também o modo como o caráter hegemônico é operacionalizado no universo da imprensa tradicional.

Já a biografia de Lula será acessada de forma a ressaltar elementos relevantes para a formação do ator político que ele se tornou, passando por sua infância e adolescência, mas resgatando, sobretudo, sua atuação no movimento sindical (que lhe proporcionou habilidades importantes no campo da oratória e da liderança), o que possibilitou não só a criação do Partido dos Trabalhadores, mas também a sua vitória em três eleições distintas para a Presidência da República.

2.1. A *Folha de S. Paulo*: tempos distintos, políticas idênticas.

A *Folha de S. Paulo* é um dos grandes jornais tradicionais do Brasil e resulta da fusão de outras três “Folhas”. De acordo com a *Folha*¹⁰, a primeira edição data o ano de 1921, quando os jornalistas Olival Costa e Pedro Cunha, liderando um grupo de profissionais da imprensa, criaram, naquela capital, a *Folha da Noite*. Já em 1925, o grupo cria a *Folha da Manhã* e, em 1949, a *Folha da Tarde*. Os três títulos se unificam no dia 1º de janeiro de 1960, tornando-se a atual *Folha de S. Paulo*, ou apenas *Folha*. Naqueles anos, seus idealizadores buscavam desenvolver uma oposição ao jornal *O Estado de S. Paulo*, de cunho mais conservador.

Contando com ex-funcionários do *Estado de S. Paulo* que buscavam outras oportunidades de crescimento no mercado jornalístico, Olival buscava consolidar a sua marca no estado. À medida que se desenvolvia, o jornal atraía intelectuais e adversários políticos que almejavam travar debates a fim de receber divulgação midiática. Dessa forma, desde seu surgimento, o jornalismo da *Folha* esteve sempre presente na pauta política nacional, se tornando um meio de informação relevante nesse aspecto.

¹⁰ Biografia do jornal *Folha de S. Paulo* da década de 20 e 30 disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_20_30.htm. Último acesso: 17/09/2024.

Contudo, a *Folha* não se comportava de maneira imparcial. Efetivamente, o jornal possuía um posicionamento político claro, e se tornou um dos meios de comunicação a ser abertamente contrário à revolução de 1930¹¹, o que ocasionou em um ataque à sede da *Folha*, organizado por apoiadores da Aliança Liberal. “Por volta das 23h, chegaram à sede do jornal, com archotes, pedaços de pau e barras de ferro. Da esquina, Olival viu máquinas de escrever, cadeiras e mesas serem arremessadas pela janela” (PINTO, 2020, n.p).

Apenas dois anos após os jornais se consolidarem no título único da *Folha de S. Paulo*, em 1962, a empresa é comprada pelo jornalista e empresário Octavio Frias de Oliveira, bisneto do barão Itambi, e pelo empresário e político Carlos Caldeira Filho¹². Nesse momento, o jornal inicia um processo de modernização, que será responsável por tornar a *Folha* um dos jornais mais populares no Brasil. Na mesma década, se torna a primeira empresa de comunicação a utilizar impressão *offset* em cores, técnica de impressão indireta, onde as páginas entram em contato com a tinta após sua passagem por cilindros (FOLHA DE S. PAULO).

Durante os anos de 1960, também apresentou uma cobertura pontual na política nacional e internacional. Figuras como Juscelino Kubitschek estamparam as capas do jornal, e, em 1964, o veículo foi um dos jornais a cobrir a Marcha da Família com Deus pela Liberdade¹³. Além disso, também atuou favorável à queda anti institucional de João Goulart, que deu início ao Regime Militar no Brasil.

¹¹ A Revolução de 1930 foi um movimento armado liderado por Getúlio Vargas e pelo chefe militar Pedro Aurélio de Góis Monteiro. O objetivo da ação foi a derrubada do então presidente Washington Luís e cancelar a posse do seu sucessor, Júlio Prestes. O golpe concretizado em outubro do mesmo ano tornou Getúlio Vargas um presidente provisório, que ficou no poder até 1945 (FAUSTO, 2009).

¹² Biografia do jornal Folha de S. Paulo da década de 60 disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_60.htm. Último acesso: 17/09/2024.

¹³ A Marcha da Família com Deus pela Liberdade ocorreu no dia 19 de março de 1964, na capital Paulista. Organizada por partidos políticos de oposição e movimentos católicos e anticomunistas, a marcha foi um movimento amplamente divulgado nos meios de comunicação e tinha o objetivo de protestar contra a ameaça comunista e atéia que acreditavam que João Goulart- também conhecido como Jango- representava. A ação recebeu suporte financeiro do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) que, por sua vez, recebia subsídio do governo estadunidense. O movimento é considerado responsável por dar início ao golpe militar, que ocorreu legalmente apenas 2 dias depois, em 21 de março de 1964, com a fuga de Jango. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/videos/35024_1964-marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade.html. Último acesso: 06/11/2024.

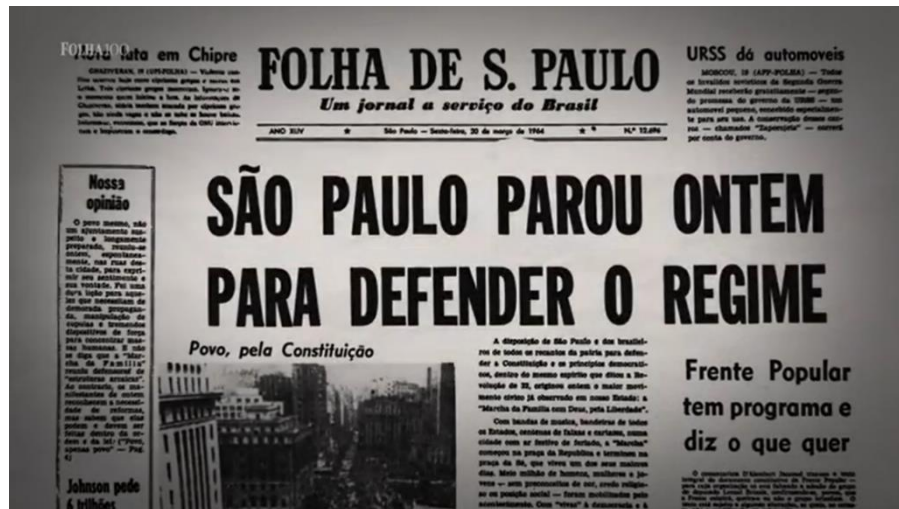


Figura 7. Capa da Folha de S. Paulo da cobertura da Marcha da Família com Deus pela Liberdade. // Fonte: Folha de S. Paulo - Facebook

Durante parte do período ditatorial, o *Grupo Folha* se manteve em harmonia com o regime autoritário, mantendo uma linha editorial favorável às ações ditatoriais (QUADROS, 2023). Em 31 de março de 1964, publicou no caderno um suplemento oficial em apoio e esperança a um futuro melhor com os militares no poder. Além disso, também foi responsável por estampar matérias nomeando membros do movimento antiditatorial como terroristas de Estado. Em uma reportagem investigativa disponível pela *Agência Pública* de 2023¹⁴, é possível perceber a relação de proximidade mantida pelo *Grupo Folha* aos governos ditatoriais.

Documentos encontrados no Arquivo Nacional, aos quais a Agência Pública teve acesso, indicam que Octavio Frias de Oliveira mantinha relações muito próximas com as entidades que conspiraram pelo golpe de 1964 e depois apoiaram sem restrições a ditadura. Trata-se de um recibo de contribuição de Frias ao Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), entidade que conspirou pelo golpe e atuou na manutenção do regime militar, em valores da época, de Cr\$ 12.000 [em valores atuais, pelo IGP-DI, R\$ 207 mil], com data de 16 de julho de 1967, e de um outro papel em que o dono da Folha é identificado como “Sócio do IPES” no período “pré-64” (QUADROS, 2023, n.p).

Em consonância, a *Folha* avança em sua tecnologia de produção. Na década de 1970, substitui a antiga ferramenta de impressão para uma técnica recém-lançada nos Estados Unidos, a impressão *Gross Metro-offset*, e se torna um dos primeiros jornais brasileiros a utilizar o sistema eletrônico de fotocomposição¹⁵. Todo aparato tecnológico e apoio governamental

¹⁴ Disponível em: <https://apublica.org/2023/07/documentos-indicam-que-alianca-da-folha-com-a-ditadura-foi-mais-forte-do-que-jornal-admite/>. Acesso em dia 18/07/2024

¹⁵ Biografia do jornal Folha de S. Paulo da década de 70 disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_70.htm. Último acesso: 17/09/2024.

foram, entre outros motivos, fundamentais para que o grupo se tornasse o jornal de maior circulação do país.

Já na década de 1980, período que será marcado pelo processo de redemocratização no país, o jornal inicia seu afastamento do governo. Incluída na linha editorial do jornal há alguns anos, a sessão intitulada *Tendências e Debates* se torna um espaço favorável para debates entre intelectuais e políticos a respeito da inconstitucionalidade do regime militar. Naquele momento também surge o *Projeto Folha*, que passa a ditar normas e condutas éticas para a produção de um jornalismo objetivo e de qualidade, disponibilizadas em um Manual de Redação, em 1984.¹⁶

Essa mudança editorial permitiu a introdução de importantes movimentos do jornal rumo ao apoio à redemocratização. Isso é perceptível no engajamento da *Folha* no movimento pelo voto direto, as chamadas *Diretas Já*, movimento que reuniu estudantes, militantes, políticos, intelectuais e grupos de pessoas perseguidos durante o período ditatorial. Todos reivindicavam a eleição direta para presidente da República. Um dos protestos, aquele realizado em 25 de janeiro de 1984, chegou a reunir 300 mil pessoas¹⁷.

A *Folha de S. Paulo* se tornou um importante jornal durante esse período. Atuando como um representante de grande parcela da população mobilizada, o jornal cobriu amplamente os comícios e as campanhas pelas *Diretas Já* (QUADROS, 2023). Tornou-se, assim, um meio de comunicação bastante relevante para a compreensão daquele processo que marcava o enfraquecimento do regime militar. Ao contribuir efetivamente para a realização de importantes debates políticos, a partir da modificação da sua linha editorial, a *Folha* passa a buscar aquilo que considera uma postura apartidária na cobertura política (FOLHA DE S. PAULO). Nesse período, moderniza também a sua forma de produção.

Apesar desses avanços, e cada vez mais na condição de um jornal de referência na cobertura política, o jornal, ainda que de maneira sutil, permanece recorrendo a artifícios que o permitem abordar a política nacional de acordo com as ideologias e interesses dos proprietários da empresa. Porém, não é o único nesse percurso, especialmente no contexto de crescente concorrência entre os jornais impressos no final da década 1980.

O processo de modernização da *Folha* abrange áreas diversas. O jornal altera sua tecnologia investindo em computadores avançados nas áreas de *design* e de ilustração e inclui novos cadernos em suas edições: Brasil, Mundo, Dinheiro, Cotidiano, Esporte e Ilustrada são

¹⁶ Biografia do jornal *Folha de S. Paulo* da década de 80 disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_80_84.htm. Último acesso: 17/09/2024.

¹⁷ Campanha *Diretas Já* disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/historia/diretas-ja/#:~:text=A%20campanha%20pelas%20E2%80%9CDiretas%20J%C3%A1.al%C3%A9m%20de%20artistas%20e%20jornalistas..> Último acesso: 06/11/2024.

os principais. No governo Collor, torna-se o primeiro jornal a solicitar a abertura de um processo de *impeachment* contra um presidente da República¹⁸. Contudo, a relação do jornal com Collor não foi sempre tensionada (CONTI, 1999). Isso porque, ainda na década de 1980, o então governador de Alagoas manifestava ideais próximos daqueles defendidos pelo jornal, então focados em práticas liberais e neoliberais. Além disso, Collor era filiado ao antigo Partido da Reconstrução Nacional (PRN), legenda criada para abrigá-lo e que se unia a partidos de centro-direita (FRANÇA, 2015). Dessa forma, Collor recebeu uma cobertura positiva, que o alçou – também por obra de outros veículos da mídia tradicional – à condição de postulante ideal para o Palácio do Planalto (idem).

Collor era, sem dúvida, um bom candidato para as forças de direita: possuía discurso neoliberal; boas relações com alguns empresários; havia votado em Paulo Maluf, candidato apoiado pelo Governo Figueiredo na eleição indireta para presidente em 1985; e sua imagem foi construída com apoio da grande mídia desde 1986 (FRANÇA, 2015, p. 43).

Sua ruptura com o governo Collor ocorreu de maneira gradual, tendo como principais aspectos de influência a má gestão do governo, especialmente na área econômica (PULITI, 2013). Além disso, Collor também apresentou um comportamento autoritário, enfraquecendo seu prestígio junto à mídia hegemônica que, naquele momento, buscava se distanciar das ideias que inspiraram a ditadura militar. Contudo, apesar de o processo de abertura do *impeachment* do presidente surgir de sua oposição, como o PT, PCdoB e CUT – a Central Única dos Trabalhadores –, a imprensa tradicional não se vincula diretamente aos ideais da esquerda, mas, sim, a uma pauta mais ao centro, a favor da preservação do Estado e da democracia (LIMA, 2006).

Fato é que, mesmo contribuindo para a queda de Collor, a *Folha* prossegue agindo dentro de uma pauta cada vez mais neoliberal. Nessa perspectiva, é possível perceber uma relação menos conturbada entre o jornal e o então presidente Itamar Franco (que, na condição de vice-presidente de Collor, assume o governo após o *impeachment*). Isso ocorre porque Itamar representava, naquele quadro, a permanência de um governo neoliberal, ainda que empenhado em corrigir os equívocos de ordem econômica cometidos pela antiga gestão, principalmente a partir da criação do Plano Real¹⁹.

¹⁸ Biografia do jornal Folha de S. Paulo da década de 90 disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_90_92.htm. Último acesso: 17/09/2024.

¹⁹ Em busca de uma estabilização econômica após o desastre governamental de Collor, Itamar Franco foi responsável por introduzir o Plano Real, a partir de 1994. Trata-se da introdução da moeda real, que prossegue sendo a moeda oficial brasileira nesta primeira metade do século XXI. Quem esteve à frente desse projeto foi o Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso (FHC). Apesar de não agradar a oposição devido ao aumento de impostos, o plano se mostrou eficiente para a redução da inflação ainda no final de 1994 (PULITI, 2013).

Gradualmente, a *Folha de S. Paulo* se torna um jornal de grande prestígio e interesse, especialmente em função de suas propostas inovadoras até ali. Portanto, é um meio de comunicação interessante ao poder político. Já em 1996, o grupo *Folha* inaugura o site *Universo Online*, conhecido atualmente como *Uol*, o qual reunia gratuitamente o banco de dados da *Folha*, com matérias publicadas dos últimos três anos. Explorando o universo digital, a *Folha* prossegue com sua proposta de um jornal objetivo e fiel à informação, otimizando o processo de correção de informações e de erros ortográficos (FOLHA DE S. PAULO). No final do ano, a iniciativa se une ao *Grupo Abril*, outro veículo midiático de grande circulação inaugurado em São Paulo em 1996²⁰.

Prosseguindo também com mudanças na linha editorial a fim de manter uma organização que valorize a produção jornalística, a *Folha* também inclui uma seção de economia, em 1998. Intitulado de *Folhainvest*, o novo caderno buscava abordar o mercado financeiro²¹. Esse interesse na pauta econômica é perceptível desde o surgimento do jornal, agora voltado para as propostas neoliberais. Nessa perspectiva, é compreensível que a inclusão de um caderno voltado para a economia fosse cada vez mais importante para o grupo empresarial. Além disso, a partir da introdução do plano real, e de outras diversas propostas de estabilização financeira, a pauta econômica se revela excelente oportunidade de crescimento editorial para alavancar vendas no campo do jornalismo tradicional. Essa visão econômica é ainda mais forte na *Folha de S. Paulo* ao final do século XX. Nesse percurso, o jornal também passa a incluir no seu caderno de Economia, semanalmente, algumas reportagens do *Financial Times*, jornal econômico inglês (FOLHA DE S. PAULO).

Ainda nesse período de crescimento do *Grupo Folha*, inicia-se a produção das edições internacionais do site *Uol*, inicialmente direcionadas aos demais países da América Latina. Dessa forma, o jornal inicia sua consolidação nos meios digitais, algo essencial para o seu fortalecimento nos primeiros anos do século XXI. Em 2000, A *Folha de S. Paulo* já é um dos jornais mais renomados do Brasil, com uma visibilidade internacional, focado explicitamente em coberturas prioritariamente política e econômica²².

Importante compreender, também, o público conquistado pela *Folha de S. Paulo*. O jornal, reconhecido por sua grande tiragem nacional, pelas pautas cuidadosamente selecionadas

²⁰ Biografia do jornal Folha de S. Paulo da década de 1996 disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fofha/circulo/historia_96.htm. Último acesso: 17/09/2024.

²¹ Biografia do jornal Folha de S. Paulo da década de 1998 disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fofha/circulo/historia_98.htm. Último acesso: 17/09/2024.

²² Biografia do jornal Folha de S. Paulo da década de 2000 disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fofha/circulo/historia_2000.htm. Último acesso: 17/09/2024.

e *desing* moderno, bem como pela qualidade das informações trabalhadas – atrai especialmente a classe média alta²³. Isso vai ao encontro dos interesses do grupo *Folha*, que valoriza a proximidade com agente do mercado financeiro e das ideologias neoliberais, e também com partidos políticos de direita e centro-direita (AZEVEDO, 2009). O objetivo do jornal, portanto, não está em alcançar leitores inseridos nos segmentos estudantis ou operários – ou de movimentos sociais emergentes –, mas, sim, empresários, políticos e intelectuais que formam, sobretudo, a elite econômica.

É nesse cenário que a *Folha* entra no cenário de migração da produção jornalística para o universo digital. Nesse cenário, que marca as duas primeiras décadas do século XXI, a mídia tradicional é desafiada a reconhecer os formatos próprios deste modelo, a fim de obter ascensão digital, como observa Monforte:

Não tem para onde fugir: o jornalista tem de estar atrelado, conectado às chamadas redes sociais para se colocar no meio das tempestades. É por aí que descobre fatos, que faz contatos, que se integra ao mundo das notícias. E é exatamente por meio desse seu novo instrumento de trabalho que ele vive suas alegrias e seus infernos (MONFORTE, 2022, n.p).

Trata-se, nesse momento, de uma nova forma de fazer jornalismo, que diverge dos formatos tradicionais de texto, rádio e televisão. A comunicação, que antes envolvia apenas um transmissor e um receptor (respectivamente o jornal e o leitor), passa a se tornar um ambiente de debate, com abertura para opiniões de leitores nos sites de jornais e no compartilhamento de informação com mais facilidade e velocidade. (MONFORTE, 2022).

Jornais tradicionais, como a *Folha de S. Paulo*, *Grupo Abril* e *O Globo* iniciam seu processo de modernização tecnológica, transformando-se em sites de informação *mainstream*, direcionados para a obtenção de visualizações e compartilhamentos, também muito associados à abertura ao debate nesse meio de comunicação (FOLHA DE S. PAULO). Contudo, o advento da internet também colaborou para o surgimento e fortalecimento de canais de comunicação alternativos, que utilizam o baixo custeio de sites e ampla possibilidade de crescimento para solidificar suas marcas no digital.

Nesse momento de adaptação, é possível notar mudanças estruturais acontecendo dentro do jornalismo, devido às novas exigências do mercado informativo, também como assinala Monforte:

²³ Público-alvo da Folha de S. Paulo disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml#:~:text=O%20leitor%20t%C3%ADpico%20da%20Folha,m%C3%A9dia%20C3%A9%2040%2C3. Último acesso: 06/11/2024.

A tendência atual do Jornalismo é que seja praticado em outra dimensão, longe do formalismo das redações e dos padrões formatados e com fórmula consagrada. O rumo que ele deve tomar é o do compartilhamento, tanto quanto possível on-line, ao vivo, no momento em que tudo está acontecendo, longe das fórmulas e das pasteurizações consagradas. Mudarão os velhos jornais impressos e os tradicionais telejornais. São formas antigas, capengas, atropeladas diariamente por fatos que todos já conhecem e que não têm mais o conhecido charme do segundo milênio. Mudamos de milênio e de patamar (MONFORTE, 2022, n.p)

Assim, é notável o surgimento de novas práticas no jornalismo, enquanto supera as limitações da redação impressa e se adapta as demandas tecnológicas. Apesar de muitos jornais- principalmente os tradicionais- manterem sua produção impressa, é imprescindível que a produção digital se torne o principal foco de domínio jornalístico, sejam grandes jornais nacionais ou mídias alternativas. Ferramentas inovadoras, como o desenvolvimento de IAs eficientes, que atingem diretamente a profissão jornalística. Isso exige que profissionais se destaquem dentro do algoritmo midiático (MONFORTE, 2022).

Contudo, mesmo permitindo aspectos positivos para o desenvolvimento de jornais, a internet também proporciona desafios. É o caso da disseminação de *fake news*, polarizações políticas digitais e meios de comunicação independentes que crescem mesmo sem possuir padrões de produção voltados para a ética jornalística da objetividade, imparcialidade e fidelidade à informação (ROCHA, 2024). Há ainda uma intensa revolta social contra jornais tradicionais, muitas vezes devido aos posicionamentos políticos ou dificuldade de comunicação de jornais com seu público (FREITAS,2022).

A despeito desse panorama de modificações e desafios, os grandes jornais brasileiros de referência prosseguiram com as pautas neoliberais durante os três governos petistas. No governo de Dilma Rousseff, deram demonstrações de aproximação com a direita, num primeiro momento, e, mais adiante, com a extrema direita (AZEVEDO, 2018; SOUZA, 2016). Com a *Folha de S. Paulo* não foi diferente. Tais aspectos serão analisados aqui a partir de recortes eleitorais específicos, a fim de compreender quais estratégias de enquadramento foram utilizadas pelo jornal durante a cobertura das três eleições disputadas por Luiz Inácio Lula da Silva.

2.2. Jornalismo, política e hegemonia

Antes de analisar a figura política de Luiz Inácio Lula da Silva e sua relação com o jornal *Folha de S. Paulo*, é importante abordar alguns aspectos que ajudam a compreender como ocorre, de fato, a interação entre jornalismo e política.

Desde o início, entende-se que desde sempre a imprensa está diretamente ligada à política. Essa relação íntima entre jornal e política corresponde a dualidade que existe na profissão, onde “o compromisso com a informação pública precisa compor-se, em maior ou menor grau, com a defesa dos interesses gerais dessa clientela privilegiada” (LAGE, 2014, p. 23). Ou seja, o jornalismo atua também como um órgão empresarial, onde funções relacionadas a lucro e tecnologia estão envolvidas em sua base operacional.

Nesse aspecto, a mídia atua na construção de narrativas políticas que buscam equilíbrio, a fim de permitir maior pluralidade de opinião. Esse movimento ocorre a fim de manter seu público ativo, movendo a máquina da sua economia. Mesmo assim, aspectos como seu público-alvo e o contexto político são norteadores dos jornais, que, segundo Lage (2014), costumam guiar suas narrativas a partir de um viés neoliberal. Para o autor, “essa ideologia é essencialmente a da classe dominante ou uma composição elaborada para encobrir paradoxos no seio da classe dominante” (p.25).

Contudo, é necessário dar um passo atrás para compreender alguns conceitos fundamentais. Quando se utiliza a expressão “imprensa hegemônica”, a intenção é referir-se à imprensa que possui domínio econômico, político e/ou cultural no cenário em que se encontra. Assim, trata-se de empresas de comunicação com autoridade sobre o que produzem e vendem (LIMA, 2006). Esse conceito de *hegemonia*, tão explorado por estudiosos marxistas, foi utilizado e interpretado de diferentes maneiras por intelectuais como Antônio Gramsci (1891-1937), que propôs uma concepção de hegemonia relacionada à capacidade da liderança de expor seu poder em estruturas variadas, como observa Negrão:

Em Gramsci, o conceito vai definir a capacidade de uma classe de manter sua dominação não apenas por meio da força, mas por ser capaz – indo além de seus interesses mais estreitos, mas sem perder de vista a perspectiva central – de exercer a liderança moral e intelectual sobre uma variedade de aliados unificados num bloco social de forças, o bloco histórico (NEGRÃO, 2005, p. 35).

Está, portanto, relacionada à classe dominante e às suas ferramentas de coerção social. Essa classe está associada, historicamente, aos segmentos adeptos do capitalismo e que exercem seu poder nas sociedades burguesas. Contudo, não é possível compreender a hegemonia como uma ferramenta de poder utilizada por todas as esferas da classe dominante. Para o filósofo, é necessário compreender esse esquema de controle em dois formatos políticos:

(...) a sociedade política – que Gramsci também vai chamar de Estado em sentido estrito ou Estado-coerção –, formada pelo conjunto de instituições tais como polícia, forças armadas, burocracia judiciária, etc., que garantem o monopólio legal da violência; e a sociedade civil, formada pelo conjunto de instituições ‘privadas’ que

dão forma e difundem ideologias e concepções de mundo: escolas, igrejas, sindicatos, meios de comunicação, etc (NEGRÃO, 2005, p. 37).

Esse exercício de hegemonia articulados nessas “duas sociedades” podem ocorrer, segundo Negrão, em tempos diversos. Há o momento em que ocorre o domínio da sociedade política sobre a civil – a primeira agindo como colaboradora das propostas dominantes, com função de coerção contra movimentos contrários; e o momento do conflito de interesses no âmbito da sociedade civil, que se manifestam de modo a modificar a estrutura da sociedade política, por meio das revoluções.

Desta forma, trata-se de uma relação complexa, que envolve interesses variados. Nesse sentido, a hegemonia, na concepção de Gramsci, trata da capacidade de realização de alianças e da criação de estratégias destinadas à criação de pautas capazes de unir certos interesses, principalmente de cunho econômico:

O fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que sejam levados em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que se forme um certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa; mas também é indubitável que tais sacrifícios e tal compromisso não podem envolver o essencial, dado que, se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser também econômica, não pode deixar de ter seu fundamento na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica (GRAMSCI, 2000, n.p).

Portanto, a despeito da busca por modos de conciliação, esse movimento não implica o abandono dos interesses dominantes. Portanto, tem-se aqui um ambiente em que as classes dominadas – caso do proletariado na sociedade burguesa, por exemplo – cultivam interesses muito distantes das propostas hegemônicas. A manutenção dos interesses dominantes, por sua vez, envolve um aparato de coerção que não age apenas na forma de ataques diretos aos grupos subalternos, mas também através da criação estratégias para a obtenção de apoio por meio da manipulação.

O jornalismo, nessa perspectiva, pode ser notado, também, como uma ferramenta de manutenção da hegemonia. Isso ocorre à medida que os veículos de informação se aproximam da política. Nessa perspectiva, há uma mídia de propriedade privada, detentora dos suportes técnicos e tecnológicos para a produção de matérias que visem a manutenção da burguesia capitalista como a força política hegemônica (LAGE, 2014). A ação do jornal, quando se torna esse objeto de suporte para o fortalecimento do caráter hegemônico já configurado, não precisa estar diretamente ligada ao poder político. Segundo Lage, ela é, em si, uma potência para a manutenção de uma ordem social e de uma ordem cultural já enraizadas no âmbito da política.

Esse pensamento se alinha, de fato, à concepção de Gramsci, para quem “as questões políticas revestem-se de formas culturais e, como tais, se tornam insolúveis” (2000, n.p). Desse ponto de vista, o jornalismo, mesmo sob ação indireta da perpetuação da hegemonia, torna-se também um agente político, um órgão de interesses político-partidário de caráter panfletário. Torna-se, dessa maneira, um agente em prol da manutenção do poder.

Nesse sentido, é curioso que, no Manual da Redação da *Folha de S. Paulo*, 22ª edição, o jornal adote, como conduta de profissão, o apartidarismo. O texto aconselha o jornalista da empresa, por exemplo, a não perpetuar manifestações partidárias ou futebolísticas de forma pública (MANUAL DA FOLHA, 2021 p. 51). Contudo, mesmo asseverando esse caráter objetivo e apartidário, o *Grupo Folha* tem demonstrado, até aqui, um posicionamento político simpático ao neoliberalismo, como já mencionado na sessão anterior, que tratou, entre outros temas, dos posicionamentos do jornal durante a eleição e gestão do ex-presidente Collor de Mello. Esse posicionamento fica ainda mais evidente quando o ator político central é o petista Luiz Inácio Lula da Silva.

2.3. Lula operário, o PT e o jornal

Antes de se tornar uma das figuras políticas mais emblemáticas do século XXI, Luiz Inácio fez um longo caminho. É de origem simples, nascido em 1945 no interior nordestino, mais especificamente em Garanhuns, Pernambuco. Aos 7 anos de idade, partiu – junto com a mãe, dona Lindu, e seus irmãos – para São Paulo. Foram em um pau de arara, um tipo de transporte clandestino de passageiros, popularmente utilizado por famílias que saem do Nordeste para o Sudeste. O objetivo era encontrar o pai da família, Aristides, que havia partido para a capital paulista pouco antes do nascimento de Lula. Sua história foi detalhada na obra de Fernando Morais, intitulada *Lula, volume 1: biografia*, publicada originalmente em 2021. Os parágrafos a seguir têm a obra como fonte, para melhor compreensão da história do político.

Já no litoral paulista, dona Lindu e os filhos passaram a morar separados do pai da família – que, descobriu-se, mantinha uma relação estável com sua sobrinha, com quem teve outros filhos. Nesse período, Lula foi matriculado em uma escola pública para cursar o ensino fundamental. Mesmo não deixando as duas famílias passarem fome, Aristides era um pai extremamente violento com os filhos dos dois casamentos. Certa vez dona Lindu entrou na frente dos filhos para os defender dos ataques do pai e acabou sendo acertada. Foi quando decidiu finalizar seu relacionamento e, mais tarde, mudar-se para outra região em busca de uma vida melhor para a prole.

Anos depois, a mulher e os filhos se mudaram para a capital, onde Lula concluiu o fundamental I. Aos 15 anos, enquanto trabalhava de *office boy* em uma empresa de logística, conseguiu a oportunidade de trabalhar na metalúrgica *Parafusos Marte*. Mesmo sem entender como funcionava a vaga de aprendiz, ele foi contratado, e esse foi o emprego que abriu as portas para que se formasse como torneiro mecânico por meio do curso oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizado Industrial, o SENAI.

A formação para se tornar um torneiro mecânico proporcionou condições de vida antes consideradas um sonho para Lula. Ele foi a primeira pessoa da família a possuir um emprego de carteira assinada, a conquistar uma casa, um carro e uma TV. Lula relata, na biografia, seu sentimento durante esse período:

Sabe aquele negócio de você estar numa escola de boa qualidade, de você almoçar, de você tomar café decentemente? Acho que foi a primeira vez que eu alcancei a cidadania, porque, fora do Senai, a vida era muito dura e no Senai a gente tinha o aventalzinho da gente, a gente tinha a comida na hora certa, de boa qualidade, tinha café, tinha futebol de salão, tinha basquete. Então era uma coisa grã-fina para mim (MORAIS, 2021, p. 227).

Sua história com os movimentos grevistas começou nos anos de 1960, quando passou a acompanhar, apenas como testemunha, protestos onde operários grevistas invadiam as fábricas para identificar os trabalhadores chamados de “fura-greve” – que, segundo ele, eram retirados das empresas por meio de agressão física. Também foi próximo a essa época que, devido a um desentendimento com o patrão, que se recusou a dar um aumento para o cargo que exercia, Lula se viu demitido do primeiro emprego. Apesar de conquistar outras oportunidades em empresas menores (em uma dessas perdeu o dedo mindinho), Lula também encarou um período de desemprego e de dívidas logo depois do golpe militar de 1964.

Foi apenas em 1966 que conquistou sua vaga de torneiro mecânico na empresa siderúrgica Villares. Foi nesse período de sua vida que, motivado pelas insistências de seu irmão Frei Chico, jovem politizado e envolvido com sindicatos desde o início do regime militar, Lula inicia sua participação ativa no movimento sindical. Indicado por seu irmão para concorrer a diretor do sindicato, Lula relutou ao cargo. É que, naquele momento, ainda não era um homem politizado. Tinha, inclusive, alguns preconceitos contra aqueles que participavam dos sindicatos (MORAIS, 2021).

Alguns meses depois, Lula acabou concorrendo como suplente da diretoria, na chapa de Paulo Vidal. Nesse período, também estava envolvido com os preparativos para seu casamento com sua primeira esposa, Lourdes, irmã de seu melhor amigo naquela época. Mesmo diante da vitória já prevista (a chapa era única), essa mudança na liderança do sindicato não mobilizou a

mídia brasileira, que preferiu dar destaque às notícias da política internacional, como assinala Morais:

Previsível, e desimportante como notícia, a vitória de Vidal não apareceu sequer como registro nos veículos da grande imprensa. O foco de jornais como o Estadão, a Folha, o Globo e o Jornal do Brasil estava no referendo sobre a reforma do Senado francês e na tentativa do líder palestino Yasser Arafat de apaziguar o Líbano juntando em torno da Al-Fatah as diversas tendências que formavam a olp (Organização para a Libertação da Palestina) (MORAIS, 2020, p. 250-251).

Os interesses midiáticos voltados para a exclusão de pautas de cunho político-social, principalmente atreladas a movimentos caracterizados como comunistas, é reflexo da ação de forças conservadoras na condução da política brasileira. Esses segmentos conservadores, no entanto, não envolviam apenas os militares, mas também as elites econômicas do país – que incluíam, além das camadas mais favorecidas da população, também os donos das empresas de comunicação. Assim, a imprensa já estava marcada por um jornalismo de direita. Esse quadro só começa a se modificar a partir das ações antidemocráticas que se intensificam a partir do AI-5, atingindo jornais como *Folha de S. Paulo*, *o Globo* e *o Estadão*. E seus jornalistas.

Enquanto isso, Lula, já casado, começa a se interessar cada vez mais pelo movimento sindicalista. Nesse processo, o poder dos sindicatos também começa a crescer consideravelmente a partir do processo de conscientização dos operários acerca dos direitos trabalhistas e da política nacional. Lula também passa a ganhar notoriedade nesse meio, concorrendo como suplente de Vidal. Sua aproximação com o sindicato se torna ainda mais intensa após a morte de sua esposa, vítima de complicações decorrentes da gravidez.

Após passar por um período de depressão devido ao luto, Lula retorna à casa da mãe. Para lidar com a perda, o metalúrgico se aprofunda ainda mais nas ações do sindicato. Devido à sua popularidade, chegou a assumir a primeira secretaria do sindicato na eleição de 1972, ainda na chapa de Vidal. O sindicato, então, passa a investir na criação de um jornal para informar e politizar a categoria.

Contudo, Lula mantivera distância do Partidão²⁴, ao qual pertencia seu irmão, Frei Chico, e alguns outros membros do sindicato. O secretário se preocupava apenas com os assuntos sindicais, voltado para a garantia dos direitos operários. Em 1975, já ocupando o cargo de diretor – maior cargo que se poderia ocupar –, Lula conduziu as greves do sindicato do ABC

²⁴O Partidão, conhecido atualmente como PCB (Partido Comunista Brasileiro) foi um partido fundado em 1922, poré atuava de maneira clandestina durante o período ditatorial. Formado pelos ativistas comunistas, sofreu grande repressão, tendo seus membros levados e torturados no doi-codi. O irmão de Lula, Frei Chico, foi um entre os homens, mulheres e crianças que sofreu tortura durante o período. Apenas em 1994 que o partido ganha sua legalidade, tendo como base ideológica o centralismo democrático.

(MORAIS, 2021). Nesse momento de ação sindical, é possível perceber o início da construção do seu personagem na mídia – ainda que em pequenas notícias e notas, apenas.

Ainda se mantendo longe do movimento político comunista, Lula se assemelhava mais ao centralismo democrático, de acordo com o depoimento de pessoas que o conheciam de perto naquele período (MORAIS, 2021). Suas mudanças no sindicato foram profundas. Durante sua gestão, foram propostos mais debates com os trabalhadores sobre pautas sociais e a realização de numerosas greves em busca de variados direitos trabalhistas. Além disso, ele mantinha contato direto com os chamados “peões” e nunca deixou de panfletar pessoalmente nas portas das fábricas. Nesse momento, Lula já consolidava sua postura popular no interior da classe trabalhadora, que passa a acompanhar de perto os seus discursos.

Em 1978 surge a ideia da criação de um partido composto pela classe trabalhadora, a fim de servir como uma frente contra a ditadura militar. Essa ideia também resultava do desejo de Lula de ver a classe trabalhadora atuando ativamente nas decisões políticas que, muitas vezes, diziam respeito a eles. Esse movimento foi visto como revolucionário, entusiasmando outros ativistas políticos, estudantes, intelectuais e até parte da Igreja Católica.

Esse processo recebeu cobertura midiática de grandes jornais paulistas. A *Folha de S. Paulo*, em especial, cobriu a reunião do dia 10 de outubro de 1980, onde se deliberou a criação do partido. Na capa da edição do dia 11, estava estampado – ainda que com pouco destaque – o início das atividades do Partido dos Trabalhadores (FIG. 8). A matéria anunciava também que o encontro reunira cerca de mil participantes e que os nomeados para a comissão provisória eram Jacó Bittar, José Cicoti, Paulo Skromov, Manoel da Conceição, Henos Amorina, José Ibrahim, Arnóbio Vieira da Silva, Wagner Benevides, Olívio Dutra, Edson Khair e Luiz Inácio Lula da Silva. Em sua maioria, eram representantes sindicais. No mesmo ano, contudo, Lula é preso e enviado ao DOPS²⁵, devido uma greve organizada no ABC Paulista. A prisão de Lula e de outros membros sindicais não foi capaz de para a greve, que prosseguiu até a soltura do petista, que permaneceu na prisão durante 31 dias.

²⁵ O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) foi um órgão governamental criado em 1924 e bastante utilizado durante o período ditatorial. Tinha como objetivo investigar e combater crimes de ordem política e social, além de realizar o controle da entrada e saída de estrangeiros no país. Essa instituição servia como órgão de coerção social e seu principal objetivo era investigar e punir movimentos sociais, movimentos operários e movimentos sindicais, além de grupos considerados minoritários, como pessoas pretas, imigrantes, pobres ou LGBTQIAP+.



Figura 8. Capa da Folha de S. Paulo de 11/02/1980 // Fonte: Folha de S. Paulo, acervo digital.

Pelo panorama midiático, é possível notar que o PT surge como um partido conciliador de camadas sociais distintas. Isso é percebido quando a *Folha* evidencia em seu título, que o partido surgiu em um colégio de freiras, deixando explícita a relação da Igreja Católica com o partido. Além disso, também é notório se tratar de um partido com base sindical, focada principalmente no trabalhador. Em uma entrevista ainda para a *Folha*, Lula diz que “A questão, como militantes do PT é diferente. Ninguém está preocupado com seu bem estar [individual] e sim com o bem estar da sociedade. E contra esse desejo não há dinheiro que tenha força.” (SILVA, Luiz Inácio Lula da. Luiz Inácio Lula da Silva: depoimento [fev. 1980]. Entrevista concedida à *Folha de S. Paulo*).

No capítulo a seguir, a figura de Lula será retomada, mas, desta vez, sob o olhar da equipe de jornalismo da *Folha de S. Paulo* – que construiu diferentes representações desse líder político durante as três campanhas em que ele disputou a Presidência da República.

3. LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA NA *FOLHA DE S. PAULO*.

Este capítulo tem por objetivo analisar os enquadramentos presentes em capas específicas do jornal *Folha de S. Paulo* – capas que contribuíram para certas representações de Luiz Inácio Lula da Silva durante as campanhas eleitorais de 2002, 2006 e 2022. Para isso, será considerado, inicialmente, o percurso do recorte metodológico que permitiu a concretização da análise. Em seguida, serão apresentadas as considerações sobre o enquadramento e suas técnicas, de modo a articular melhor a metodologia utilizada para o exame de todas as capas elencadas.

3.1. Recorte metodológico e enquadramento

A fim de desenvolver essa análise, foi realizado, a partir de cada disputa enfrentada por Lula rumo à Presidência da República, um mapeamento das capas das edições da *Folha de S. Paulo* no período compreendido entre 1º de setembro – último mês da campanha eleitoral antes da votação em primeiro turno – e 1º de novembro, pouco depois do resultado das urnas após o segundo turno de votação. Nesse recorte para os anos de 2002, 2006 e 2022, foram consideradas as edições cujas pautas valorizavam a trajetória de vida e os posicionamentos do candidato do PT em cenários diversos, de forma a identificar a maneira como a figura de Lula foi enquadrada na condição de ator político brasileiro – e de postulante ao maior cargo executivo do país. A proposta principal, assim, é verificar e compreender os elementos presentes nos enquadramentos construídos pela *Folha de S. Paulo* nesse processo de construção da identidade política de Lula como candidato presidencial.

Esse recorte particular, quando aplicado às edições veiculadas nos anos de 2002, 2006 e 2022, resultou na seleção de **79 edições** – aquelas que davam destaque especial à figura de Lula durante as campanhas, seja por meio dos títulos, manchetes, *leads* e imagens captadas. Desse total, foram escolhidas **29 capas** que sinalizavam para uma cobertura mais ampla e minuciosa das falas e dos movimentos do candidato petista durante a campanha, no contexto geral da disputa. Foram 10 capas do conjunto de edições publicadas em 2002, outros 10 referentes à campanha de 2006 e outras 9 que dizem respeito às eleições de 2022, sempre naquele intervalo já mencionado, entre 1º de setembro e 1º de novembro. Desta forma, tanto nos recortes de 2002 (APÊNDICE 1), quanto nos de 2006 (APÊNDICE 2) e de 2022 (APÊNDICE 3), foram consideradas, em especial, as chamadas das matérias que constituem a

capa, as editorias correspondentes e as fotografias do então candidato Lula, bem como as legendas para cada imagem trabalhada.

O último recorte, que define a análise de **9 capas** (3 para cada ano estipulado), decorre da escolha de abordagens que, no conjunto anterior selecionado, escapavam das pautas típicas da cobertura padrão durante as eleições (atividades de campanha, agenda, propostas, programa eleitoral gratuito etc.). Assim, o material coletado para a análise final constitui-se de capas que tratam de eventos específicos – acontecimentos que, de forma positiva ou negativa, marcaram de forma especial a campanha do candidato petista, principalmente nas áreas política, econômica e jurídica, como é possível verificar na tabela a seguir:

TABELA 1: Recorte Final	
Data de Publicação	Manchete
18 out. 2002	Bolsa dispara, e risco-país desaba
20 out. 2002	Lula vai a 61%; Serra mantém 32%
29 out. 2002	Lula anuncia secretaria da fome
30 set. 2006	Fotos mostram dinheiro do dossiê
01 out. 2006	Lula perde vantagem, e 2º turno está indefinido
11 out. 2006	Lula amplia vantagem sobre Alckmin
04 out. 2022	Por voto, governo acelera Auxílio Brasil e planeja 13º /
06 out. 2022	Lula colhe apoio de Tebet e FHC, e Bolsonaro, de governadores
14 out. 2022	Moraes barra inquéritos contra pesquisas

Elaboração da autora

As matérias que constituem a tabela acima foram examinadas a partir da concepção de enquadramento trabalhada por Mauro Porto (2002) no estudo intitulado *Enquadramentos da mídia e política*, presente na obra organizada por Antônio Albino Rubim, *Comunicação e Política: conceitos e abordagens*. Essa concepção, contudo, é articulada, em alguns momentos, com algumas das noções trabalhadas por Bruno Leal (2010), e também por Ricardo Fabrino e Paula Simões (2012) em valiosas abordagens sobre as teorias do enquadramento em diálogo com a capacidade de agendamento da mídia.

Nesse capítulo, é importante que se atente ao discurso jornalístico apresentado como produto da experiência – mas também como um dos seus vetores –, como observa Bruno Leal. Nessa perspectiva, esse discurso emerge como produto de uma rede de interações intrincada, complexa, na qual os profissionais de imprensa, as empresas jornalísticas e as fontes se fundem a cenários sócio históricos (e também a sistemas semióticos) para atuarem e se moldarem de modo recíproco (LEAL, 2010). O mosaico abaixo é uma tentativa de retratar o emaranhado de visões que formam essa diversidade de perspectivas decorrentes de maneiras singulares de ver que, diariamente, são oferecidas pelos jornais.



Figura 9. Mosaico de edições da Folha de S. Paulo nas eleições de 2002, 2006 e 2022 // Elaboração da autora

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 • UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Lula tem 50%; Bolsonaro, 36%

Pesquisa Datafolha revela que o petista terá hoje maioria de votos válidos para vencer presidente no 7º turno

Realidade mostra 29%; Tarcísio, 35%, e Bolsonaro, 25% em SP...

Em MG, governador Zema chega a 56%; Kaul, 35%

Carter está com 44% no RL, segundo por Freitas (DS)

Congresso reabre fortesce Bolsonaro, mas não trata Lula

MEB, PSD, PRT e União angustiam apoio a candidatura

Leftista bolsonarista, presidente faz aliança com Bolsonaro

Petista tem de buscar centro, Berra e comunista

PT quer se segurar em meio a revolução política

As urnas, cidadãos

Seminário "chance de mama"

Conte de BS 2, 4 mil pelo governo em MG, ameaça anticomunidade

Editor do PT mata bolsonarista após discussão política em SP

Expectativa econômica do eleitor é a melhor desde 2015

Palmeiras campeão

Na economia, Lula sobressai; Bolsonaro está à direita de Lula

Filho Paulo diz se arrepender por raios e que visita avô

Em Seul, 351 mortos em ruínas

Alckmin vence em São Paulo; PT perde o governo gaúcho

PT quer "fundo social", começa disputa de cargos

Núcleo farol de SP tem maioria no partido

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 • UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Por voto, governo acelera Auxílio Brasil e planeja 13º

Bolsonaro avalia pagamento contra a inflação: sem proveito de onde virá recurso

MEB, PSD, PRT e União angustiam apoio a candidatura

Leftista bolsonarista, presidente faz aliança com Bolsonaro

Petista tem de buscar centro, Berra e comunista

PT quer se segurar em meio a revolução política

As urnas, cidadãos

Seminário "chance de mama"

Conte de BS 2, 4 mil pelo governo em MG, ameaça anticomunidade

Editor do PT mata bolsonarista após discussão política em SP

Expectativa econômica do eleitor é a melhor desde 2015

Palmeiras campeão

Na economia, Lula sobressai; Bolsonaro está à direita de Lula

Filho Paulo diz se arrepender por raios e que visita avô

Em Seul, 351 mortos em ruínas

Alckmin vence em São Paulo; PT perde o governo gaúcho

PT quer "fundo social", começa disputa de cargos

Núcleo farol de SP tem maioria no partido

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 • UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Lula colhe apoio de Tebet e FHC, e Bolsonaro, de governadores

Sinaliza o fim da luta de poder no governo, mas de compromissos com democracia em perigo

MEB, PSD, PRT e União angustiam apoio a candidatura

Leftista bolsonarista, presidente faz aliança com Bolsonaro

Petista tem de buscar centro, Berra e comunista

PT quer se segurar em meio a revolução política

As urnas, cidadãos

Seminário "chance de mama"

Conte de BS 2, 4 mil pelo governo em MG, ameaça anticomunidade

Editor do PT mata bolsonarista após discussão política em SP

Expectativa econômica do eleitor é a melhor desde 2015

Palmeiras campeão

Na economia, Lula sobressai; Bolsonaro está à direita de Lula

Filho Paulo diz se arrepender por raios e que visita avô

Em Seul, 351 mortos em ruínas

Alckmin vence em São Paulo; PT perde o governo gaúcho

PT quer "fundo social", começa disputa de cargos

Núcleo farol de SP tem maioria no partido

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 • UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Lula marca 49%, Bolsonaro, 44%, e nulos ou brancos são 6%

Na largada do segundo turno, petista tem 5% dos votos válidos presidente, 47% mostra Datafolha

MEB, PSD, PRT e União angustiam apoio a candidatura

Leftista bolsonarista, presidente faz aliança com Bolsonaro

Petista tem de buscar centro, Berra e comunista

PT quer se segurar em meio a revolução política

As urnas, cidadãos

Seminário "chance de mama"

Conte de BS 2, 4 mil pelo governo em MG, ameaça anticomunidade

Editor do PT mata bolsonarista após discussão política em SP

Expectativa econômica do eleitor é a melhor desde 2015

Palmeiras campeão

Na economia, Lula sobressai; Bolsonaro está à direita de Lula

Filho Paulo diz se arrepender por raios e que visita avô

Em Seul, 351 mortos em ruínas

Alckmin vence em São Paulo; PT perde o governo gaúcho

PT quer "fundo social", começa disputa de cargos

Núcleo farol de SP tem maioria no partido

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 • UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Moraes barra inquéritos contra pesquisas

Presidente do TSE cita ausência de provas e impugnação de cada CPF para apoiar um período eleitoral

MEB, PSD, PRT e União angustiam apoio a candidatura

Leftista bolsonarista, presidente faz aliança com Bolsonaro

Petista tem de buscar centro, Berra e comunista

PT quer se segurar em meio a revolução política

As urnas, cidadãos

Seminário "chance de mama"

Conte de BS 2, 4 mil pelo governo em MG, ameaça anticomunidade

Editor do PT mata bolsonarista após discussão política em SP

Expectativa econômica do eleitor é a melhor desde 2015

Palmeiras campeão

Na economia, Lula sobressai; Bolsonaro está à direita de Lula

Filho Paulo diz se arrepender por raios e que visita avô

Em Seul, 351 mortos em ruínas

Alckmin vence em São Paulo; PT perde o governo gaúcho

PT quer "fundo social", começa disputa de cargos

Núcleo farol de SP tem maioria no partido

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 • UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Bolsonaristas protocolam pedido de CPI das pesquisas

Edoaldo Bolsonaro é o autor do projeto para investigar instituições e meios de mídia

MEB, PSD, PRT e União angustiam apoio a candidatura

Leftista bolsonarista, presidente faz aliança com Bolsonaro

Petista tem de buscar centro, Berra e comunista

PT quer se segurar em meio a revolução política

As urnas, cidadãos

Seminário "chance de mama"

Conte de BS 2, 4 mil pelo governo em MG, ameaça anticomunidade

Editor do PT mata bolsonarista após discussão política em SP

Expectativa econômica do eleitor é a melhor desde 2015

Palmeiras campeão

Na economia, Lula sobressai; Bolsonaro está à direita de Lula

Filho Paulo diz se arrepender por raios e que visita avô

Em Seul, 351 mortos em ruínas

Alckmin vence em São Paulo; PT perde o governo gaúcho

PT quer "fundo social", começa disputa de cargos

Núcleo farol de SP tem maioria no partido

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 • UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

'Quem tiver mais voto leva, é democracia', diz Bolsonaro

Tucanado, 68 milhões de votos entre Lula e Bolsonaro em eleições e em economia

MEB, PSD, PRT e União angustiam apoio a candidatura

Leftista bolsonarista, presidente faz aliança com Bolsonaro

Petista tem de buscar centro, Berra e comunista

PT quer se segurar em meio a revolução política

As urnas, cidadãos

Seminário "chance de mama"

Conte de BS 2, 4 mil pelo governo em MG, ameaça anticomunidade

Editor do PT mata bolsonarista após discussão política em SP

Expectativa econômica do eleitor é a melhor desde 2015

Palmeiras campeão

Na economia, Lula sobressai; Bolsonaro está à direita de Lula

Filho Paulo diz se arrepender por raios e que visita avô

Em Seul, 351 mortos em ruínas

Alckmin vence em São Paulo; PT perde o governo gaúcho

PT quer "fundo social", começa disputa de cargos

Núcleo farol de SP tem maioria no partido

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 • UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Na véspera, Datafolha indica Lula com 52% Bolsonaro tem 48%

Dados são de votos válidos, no total, há 4% de brancos e nulos e 2%

MEB, PSD, PRT e União angustiam apoio a candidatura

Leftista bolsonarista, presidente faz aliança com Bolsonaro

Petista tem de buscar centro, Berra e comunista

PT quer se segurar em meio a revolução política

As urnas, cidadãos

Seminário "chance de mama"

Conte de BS 2, 4 mil pelo governo em MG, ameaça anticomunidade

Editor do PT mata bolsonarista após discussão política em SP

Expectativa econômica do eleitor é a melhor desde 2015

Palmeiras campeão

Na economia, Lula sobressai; Bolsonaro está à direita de Lula

Filho Paulo diz se arrepender por raios e que visita avô

Em Seul, 351 mortos em ruínas

Alckmin vence em São Paulo; PT perde o governo gaúcho

PT quer "fundo social", começa disputa de cargos

Núcleo farol de SP tem maioria no partido

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 • UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

LULA É ELEITO PELA TERCEIRA VEZ

COM 50,9% DE PETISTA E 49,1% DE BOLSONARO, SEGUNDO TURNO É O MAIS ACIRBADO DA HISTÓRIA • É HORA DE BAIXAR AS ARMAS; VENCEDOR • ESQUERDA VOLTA AO PODER APÓS SEIS ANOS • BOLSONARO SILENCIA • CHEFES DOS PODERES E ESTRANGEIROS SAUDAAM VITÓRIOS

Bolsonarismo triunfa em SP com eleição de Tarcísio para o governo

to centro, Lula

PT quer "fundo social", começa disputa de cargos

Núcleo farol de SP tem maioria no partido

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 • UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Lula é reeleito, promete crescimento e pede união

Presidente obtém 60,8% dos votos e contará com apoio de mais governadores que em 2002

MEB, PSD, PRT e União angustiam apoio a candidatura

Leftista bolsonarista, presidente faz aliança com Bolsonaro

Petista tem de buscar centro, Berra e comunista

PT quer se segurar em meio a revolução política

As urnas, cidadãos

Seminário "chance de mama"

Conte de BS 2, 4 mil pelo governo em MG, ameaça anticomunidade

Editor do PT mata bolsonarista após discussão política em SP

Expectativa econômica do eleitor é a melhor desde 2015

Palmeiras campeão

Na economia, Lula sobressai; Bolsonaro está à direita de Lula

Filho Paulo diz se arrepender por raios e que visita avô

Em Seul, 351 mortos em ruínas

Alckmin vence em São Paulo; PT perde o governo gaúcho

PT quer "fundo social", começa disputa de cargos

Núcleo farol de SP tem maioria no partido

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 • UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

LULA PRESIDENTE Metalúrgico é o primeiro líder de esquerda a ser eleito no país

EDITORIAL

MAIS DEMOCRACIA

Alckmin vence em São Paulo; PT perde o governo gaúcho

PT quer "fundo social", começa disputa de cargos

Núcleo farol de SP tem maioria no partido

Figura 10. Mosaico de edições da Folha de S. Paulo nas eleições de 2002, 2006 e 2022 // Elaboração da autora

As pesquisas do século XX que tomavam as técnicas de enquadramento para examinar o discurso jornalísticos – especialmente as abordagens norte-americanas – são marcadas por noções arcaicas que frequentemente associavam o jornalismo (em especial o jornalismo político) à imparcialidade (ou à busca dela). Por isso, as discussões propostas se baseavam tanto nas noções de objetividade e imparcialidade. Contudo, à medida que os estudos avançam, compreende-se que a essa suposta “isenção” sequer explica de modo satisfatório a forma como mídia e política se relacionam. Ao contrário, contribui “para tornar invisíveis diversos aspectos importantes desta relação” (PORTO, 2002, p. 75).

Foi exatamente para se opor ao modelo de objetividade jornalística que Mauro Porto propôs observar os estudos de Robert Hackett (1993) acerca dos elementos presentes na construção midiática. Na perspectiva de Hackett, o maior ou menor grau de objetividade evidenciado por uma notícia, por exemplo, não explica, por si só, a influência dessa notícia sobre as pessoas do ponto de vista ideológico ou político. Como assinala Porto, ao comentar os estudos de Hackett, outros elementos estão em jogo:

O autor [Hackett] argumenta que o conteúdo da mídia pode desempenhar um papel político e ideológico importante, não apenas quando existe ou falta “objetividade” e/ou “imparcialidade”, mas também quando este conteúdo é produzido a partir de uma matriz ideológica limitada. Essa matriz seria composta por um conjunto de regras e conceitos (uma “estrutura profunda”) que são ativados pelos jornalistas, nem sempre de forma consciente e sem necessariamente existir uma intenção deliberada de iludir ou manipular (PORTO, 2002, p. 75-76).

Nesse sentido, compreende-se que os estudos de enquadramento respondem a uma necessidade de discutir não apenas o padrão de produção jornalística que marcou o século passado, mas também a maneira como as estratégias de enquadramento conversam, ainda hoje, com o agendamento dos temas impostos pela mídia, isto é, com o processo de *agenda setting* – a teoria de Maxwell McCombs e Donald Shaw que, já na década de 1970, refletia como o público consumidor de notícias tende, de fato, a julgar mais importante as questões que ganham maior destaque na imprensa.

Desse ponto de vista, a *agenda-setting* seria o primeiro nível de ação da abordagem noticiosa sobre as pessoas. O enquadramento seria um segundo nível, na perspectiva de Hackett (PORTO, 2002). Mas no campo do jornalismo político, especificamente, importa muito o argumento central que move a notícia. Neste ponto, Porto também recorre a William Gamson, que dedicou parte de seus estudos ao teor político dos conteúdos veiculados. Gamson, como ressalta o autor, parece convencido de que “todo tema político tem uma cultura, ou seja, um

discurso que se modifica no decorrer do tempo e que apresenta interpretações e significados sobre os fatos relevantes” (PORTO, 2002, p. 81).

É também sob esse aspecto que Ricardo Fabrino e Paula Simões (2012) lembram que, em geral, situações muito controversas – próprias do campo político – não raras vezes abrem caminho para modos alternativos de assimilar uma determinada situação. Os autores também recorrem ao estudo de Gamson e Modigliani, intitulado *Media discourse and public opinion on nuclear power*, publicado no ano de 1989, em que se defende uma perspectiva construcionista. Esse estudo propõe a noção daquilo que se convencionou chamar de “pacotes interpretativos”, isto é, uma estrutura interna da notícia que tem, como elemento organizador central, um *frame* – ou um enquadramento – capaz de dar um sentido particular a eventos que o narrador julga relevante. Ao recorrer a Gamson e Modigliani, Porto ressalta que existe uma “matriz de assinatura” capaz de evidenciar os elementos que compõem um enquadramento político, tais como certas imagens, certos discursos, fontes e até slogans:

De acordo com esta perspectiva, os temas políticos são caracterizados por uma disputa simbólica sobre qual interpretação irá prevalecer. Para analisar os enquadramentos da mídia, os autores propõem o método da “matriz de assinatura” (signature matrix). Esta matriz inclui as práticas de enquadramento que caracterizam cada “pacote interpretativo”, tais como as metáforas, slogans e imagens presentes nos discursos dos diversos agentes (PORTO, 2002, p. 81).

É devido às muitas possibilidades de moldar cada *frame* (compondo uma situação, a partir de um foco particular), que Porto propõe três passos principais no desenvolvimento da análise de enquadramento. O **primeiro passo** seria investir numa distinção objetiva entre enquadramentos noticiosos (*new frames*) e os enquadramentos interpretativos (*issue frames*). Os **enquadramentos noticiosos** referem-se aos “elementos pré-estabelecidos de escrita, produção e organização de um conteúdo jornalístico, que possuem padrões na produção advindos da **escolha ou recorte de jornalistas** para constituição dos fatos abordados” (PORTO, 2002, p. 91-92).

Enquanto isso, o **enquadramento interpretativo** sai da delimitação do jornalismo e ganha ênfase em outros meios de comunicação social. Trata-se de “padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento etc.” (PORTO, 2002, p. 92). Em síntese, essa modalidade de enquadramento **não surge da prática jornalística**, mas de outros agentes da comunicação, como partidos políticos e movimentos sociais, por exemplo. Trata-se, portanto, de elementos externos da mídia, que podem ou não ser adotados nessa prática (idem).

Porto também ressalta a importância de se atentar para as controvérsias presentes em certas situações políticas observadas. Seria o **segundo passo** para essa análise, já que a identificação dessas controvérsias, segundo ele, permite que se verifique quais discursos e enquadramentos se sobrepõem durante as disputas e processos políticos. Permite, ainda, um exame mais apurado da relação entre o jornalismo praticado e os agentes sociais. E, sob esse aspecto, Porto assinala que se trata, aqui, de uma relação bilateral, pois mesmo que agentes políticos – como partidos e candidatos – influenciem o processo de produção de informação, os enquadramentos produzidos pela mídia também influenciam (de forma positiva ou negativa) a “performance” de grupos e figuras públicas em foco (PORTO, 2002, p. 94). Portanto, a análise proposta exige a compreensão dos elementos centrais dispostos nesses enquadramentos.

Por fim, um **terceiro passo** está relacionado à importância do desenvolvimento de uma abordagem sistemática, capaz de refletir, de modo objetivo, as nuances dos enquadramentos constatados a partir dos recortes estabelecidos (idem). Portanto, a fim de sistematizar a análise dos **enquadramentos noticiosos** produzidos pela *Folha de S. Paulo* para retratar Luiz Inácio Lula da Silva no período próximo aos pleitos das eleições presidenciais de 2002, 2006 e 2022, esta pesquisa recorreu aos parâmetros acima elencados, seguindo o percurso proposto pelo autor.

3.2. As construções midiáticas via enquadramentos

São variados os enquadramentos noticiosos identificados durante a cobertura do jornal *Folha de S. Paulo* no período investigado. Para melhor observação dos elementos presentes em cada configuração, é preciso sublinhar as particularidades de cada ano em que se deram as eleições disputadas por Lula e pelo PT.

2002

O segundo ano do século XXI tem profundos acontecimentos políticos, econômicos, socioculturais e esportivos que impactaram o Brasil. O último ano de governo do FHC é marcado pela vitória da seleção de futebol masculina brasileira na Copa do Mundo, que ocorreu entre maio e junho, trazendo o quinto título para o time. Além disso, o ano também é marcado pela estreia do clássico filme *Cidade de Deus*, dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, que retrata a violência presente nas favelas brasileiras. No universo da cultura pop, o ano também é marcado pela estreia do programa *Big Brother Brasil*, e pelo encerramento do programa *Planeta Xuxa*.

O ano também é marcado por situações problemáticas. A moeda brasileira sofreu depreciação durante o período, provocando insegurança no campo econômico. Nesse cenário, é criada a nota de R\$ 20,00 como tentativa de reestruturação financeira. Outro desafio era a dívida externa, que crescia em comparação com o ano anterior. O índice de inflação brasileiro fechou o ano em 12,53%²⁶, afetando principalmente o mercado alimentício. A taxa média de desemprego atingiu 11,7% naquele mesmo ano.

Nesse panorama, o período eleitoral foi marcado por campanhas políticas que exploravam o desejo social por mudanças, justamente devido aos problemas escancarados no campo da economia brasileira. Esse desejo surgia principalmente no setor empresarial. Mas além do anseio por reformas econômicas, pautas sociais também refletiam o interesse de outra parte da população – as parcelas menos favorecidas. Por isso mesmo, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva – que já concorria à sua terceira eleição presidencial – surgia no noticiário como uma possibilidade de mudança social, ainda que não favorecesse a política defendida pelos segmentos neoliberais em sua totalidade.

É diante desse cenário que se inicia a análise sobre a candidatura de Lula refletida nas páginas do jornal *Folha de S. Paulo*.

TABELA 2: 1ª edição 2002

Edição: 18 de outubro de 2002 (sexta-feira)

Matérias da capa: Bolsa dispara, e risco-país desaba / Inflação é a menor da história; dívida sobe / Lula critica economia, e FHC o vê de ‘sapato alto’ / PT admite elevar corte de gastos / SP tem mais casos de dengue do que em 2001 / Colombianos têm sua maior batalha urbana / EUA recuam para obter acordo sobre o Iraque.

Editorias da capa: Dinheiro / Especial (eleição) / Opinião / Cotidiano / Mundo

Fotografia: Lula está no centro da imagem. Ao lado da esposa Marisa e de outro aliado, Lula está sorridente e aparenta felicidade e confiança. Seus braços estão para o alto, de mãos dadas com Marisa e o colega ao lado.

Legenda: Os dois lados da fé: Ao lado da mulher, Marisa, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em ato no Rio, com 500 integrantes de igrejas evangélicas que declaram apoio à sua candidatura.

Resumo da Capa

1. Economia é o ponto central dessa edição;
2. Dólar registra queda, enquanto Ibovespa recebe valorização

²⁶ Acesse <https://www.ibge.gov.br/explica/inflacao.php>.

3. Bolsa de valores tem aumento e risco-país desaba, apontando para uma estabilidade econômica;
4. Interesses econômicos de FHC e Lula divergem;
5. Lula considera desastrosa a política econômica de FHC;
6. PT visa corte de gastos para estabilização da dívida/PIB;
7. FHC sugere despreparo de Lula para gerir a economia brasileira;
8. Inflação no governo do FHC é apontada como a menor da história;
9. Serra deseja seguir com a mesma proposta de inflação de FHC;
10. Lula quer mais saldo comercial e menor vulnerabilidade externa;
11. Lula e Serra focam no eleitorado evangélico.

Elaboração da autora



Figura 11. Capa da Folha de S. Paulo de 18/10/2002 // Fonte: Acervo Folha digital.

Há uma escolha editorial marcante na capa desta edição, que permite uma percepção geral do cenário econômico do país em meio à corrida presidencial. Isso é percebido ao observar que a cobertura jornalística valoriza pautas relacionadas a alguns dos principais norteadores da economia, como a bolsa de valores, valor do dólar, índice de inflação, risco-país e dívida externa. Em um panorama geral, é possível notar que há em destaque, no noticiário, uma boa

performance geral associada à gestão econômica do presidente FHC, como demonstra um dos *leads* da capa, associada à inflação²⁷:

A inflação na era FHC foi a menor já registrada no país. O Plano Real, de 94, baseou-se na âncora cambial e, desde 99, em juros e rigor fiscal. Mas os altos juros resultaram na explosão da dívida. A equipe de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) diz que é preciso maior saldo comercial e menor vulnerabilidade externa. A de José Serra (PSDB) propõe manter as metas de inflação.

Nesta chamada da capa intitulada *Inflação é a menor da história; dívida sobe*, é possível concluir que Serra, opositor de Lula nesse segundo turno eleitoral, está comprometido com as mesmas propostas econômicas de FHC em relação ao controle da inflação. Contudo, há uma ressalva para o aumento da dívida, resultante dos juros que surgem advindos do Plano Real. Nessa perspectiva, é possível notar que a resolução da dívida será um dos desafios econômicos que o próximo presidente encontrará durante o mandato.

Enquanto o candidato Serra aparenta ser um sucessor dos planos econômicos de FHC, Lula, candidato de esquerda que está à frente nas pesquisas eleitorais, de acordo com o *Datafolha*, aparece como opositor da proposta econômica do então presidente tucano. Isso fica explícito na chamada *Lula critica economia, e FHC o vê de 'sapato alto'* desta edição, quando ocorre um embate entre Lula e FHC referente às propostas econômicas de cada um:²⁸

O presidenciável Luiz Inácio Lula da Silva (PT) criticou a atual política econômica, chamando a equipe econômica de "cega". "O que deve motivar o investimento do dinheiro é a produção, não a especulação", disse. Na avaliação do candidato petista, o país "andou para trás" no campo econômico durante a atual administração.

Por meio de seu porta-voz, o presidente Fernando Henrique Cardoso disse que as críticas não são válidas porque Lula não tem "domínio pleno" do assunto - declaração que faz parte da estratégia tucana de tentar mostrar despreparo por parte do petista. Segundo FHC, Lula está de "sapato alto antes da hora".

Nesse momento, é perceptível que Lula é um candidato que representa uma oposição às práticas do governo FHC. Devido ao seu posicionamento, Lula não é um personagem que recebe apoio político do então presidente nem da ala política da centro-direita e direita que apoia as atuais práticas econômicas. Tendo em vista a queda do dólar, associada às práticas econômicas de FHC, Lula também não possui apoio do governo norte-americano. Além disso, o petista também é visto como despreparado diante da percepção do então presidente FHC devido às suas propostas econômicas que favorecem as classes mais pobres da população. Essa

²⁷As citações são referentes à capa da edição nº 26.861 da *Folha de S. Paulo*, em 18/10/2002. Está disponível para consulta no Acervo Digital da Folha em: <https://acervo.folha.com.br/digital/index.do>.

²⁸As citações são referentes à capa da edição nº 26.861 da *Folha de S. Paulo*, em 18/10/2002. Está disponível para consulta no Acervo Digital da Folha em: <https://acervo.folha.com.br/digital/index.do>.

postura de exaltar o despreparo político de Lula é, como revela a chamada, um dos argumentos da coordenação da chapa encabeçada por Serra.

Além disso, a *Folha* destaca de maneira dúbia uma das propostas governamentais da equipe de Lula. Isso pode ser visto na chamada da capa *PT admite elevar corte de gastos*, que está incluída na editoria de política. O coordenador do programa de Lula explica que a ação tem como objetivo estabilizar a dívida e o PIB. Apesar da utilização duvidosa do verbo “admitir”, a ação é tida como condizente com a proposta do superávit primário, que vai de acordo com os interesses do Fundo Monetário Internacional.²⁹

De maneira geral, há um questionamento quanto às atitudes do candidato Lula no que se refere às questões econômicas. Lula é visto pelo então presidente FHC como inexperiente em assuntos econômicos. Contudo, também é possível perceber que o PT busca mostrar que possui conhecimento nessa área. Esse esforço era uma estratégia de campanha para demonstrar que o partido estava atento aos problemas relacionados à dívida brasileira e também à necessidade de crescimento do PIB, o Produto Interno Bruto, que mede a quantidade de riqueza produzida pelo país.

Outro aspecto interessante pode ser observado a partir do exame das fotografias presentes na capa. Nota-se que duas das três imagens retratam aspectos da campanha dos presidenciáveis. A utilização de imagens com a mesma proporção sugere uma dicotomia entre os candidatos, gerando uma relação de equilíbrio entre ambos. Mas Lula aparece na parte superior esquerda da página, enquanto Serra está um pouco abaixo, na direita. É possível perceber, assim, que a *Folha* transfere para a organização das imagens um sentido semiótico da própria corrida eleitoral: enquanto Lula, um candidato de esquerda, está liderando as pesquisas de intenção de voto, Serra, à direita do espectro político, está abaixo do adversário.

Apesar da baixa qualidade das imagens disponíveis no acervo da *Folha*, é possível perceber ainda, a partir da foto e da legenda, que Lula parece feliz e confiante durante o ato e que, num sinal de companheirismo – de mãos dadas com a esposa e apoiadores –, ergue os braços para o alto, em sinal de vitória. Mas há um detalhe sutil em relação à fotografia do adversário tucano. É que José Serra, também retratado com um semblante feliz, aparece na capa com maior número de apoiadores. Isso sugere que, apesar de estar atrás de Lula nas pesquisas, está igualmente confiante – e com maior número de aliados.

²⁹O superávit primário é referente ao valor restante da receita federal, quando há ganho. Para isso, são desconsiderados as dívidas públicas e os juros.

TABELA 3: 2ª edição 2002

Edição: 20 de outubro de 2002 (domingo)

Matérias da capa: Lula vai a 61%; Serra mantém 32% / Chávez tem novo teste em paralisação de amanhã / Gugu obtém concessão de TV durante a campanha / PT pede voto por carta a cadastrados na prefeitura / Petista reúne empresários e ensaia 'pacto' / Tucano atribui patrulhamento à Venezuela / Telefones dobram, e país raciona energia

Editorias da capa: Especial (eleição) / Mundo / Opinião / Esporte

Fotografia: Um cumprimento de Lula a um integrante do campo político e econômico que o apoia. A aliança sorri em resposta. Há um Lula conciliador ao abraçar o presidente do Itaú. Embaixo, também vemos Serra próximo a Alckmin.

Legenda: Lula cumprimenta Roberto Setúbal, do Banco Itaú, em reunião com empresários e sindicalistas.

Resumo da Capa

1. Eleição é o ponto central dessa edição;
2. Datafolha registra ampliação de 3 pontos para Lula sobre Serra, enquanto este se mantém estável;
3. Pesquisa demonstra que a porcentagem de satisfação com o governo FHC aumentou de 23% para 26%;
4. 12% dos entrevistados admitiram mudar o voto;
5. Apresentador Gugu Liberato obtém concessão para realizar campanha de Serra na TV;
6. PT envia cartas a cadastrados em programas sociais, habitacionais e educacionais de São Paulo solicitando votos para Lula e José Genoíno;
7. Lula realiza reunião com empresários e Folha estampa a chamada com a palavra 'pacto';
8. Serra associa Lula à Venezuela e afirma que presidentes da Venezuela e Argentina prometeram reformas, mas não obtiveram sucesso;
9. País registra aumento de 237% de celulares e telefones fixos;
10. FHC é responsabilizado pela privatização do setor elétrico. Também foi apontado que racionamento de energia marcou a era FHC por período de até 9 meses;
11. Lula propõe fiscalização das agências responsáveis pelo setor elétrico por um conselho deliberativo;
12. Serra propõe que haja mais participação social nas agências administrativas de energia.
13. Em charge, Lula é retratado como um baixinho sorridente, correndo à frente de Serra, que é retratado como esguio e irritado, tentando alcançar o adversário;
14. Imagens mostram os adversários com respectivas alianças estratégicas, Lula com a economia e Serra com a política.

Elaboração da autora



Figura 12. Capa da Folha de S. Paulo de 20/10/2002 // Fonte: Acervo Folha digital.

Esta edição reflete a proximidade do fim da campanha para o pleito que vai definir o resultado do segundo turno. A editoria predominante na capa é a eleitoral, com foco nas porcentagens da “corrida” entre Lula e Serra. Nela, pesquisas evidenciam o crescimento de Lula, que alcança três pontos percentuais a mais em relação ao adversário. Ainda sob esse aspecto, Lula é representado em uma charge como um sujeito baixo em comparação a Serra, mas com um grande sorriso por estar à frente na corrida presidencial.

A *Folha* aponta que o apoio político que Lula recebeu de Ciro Gomes (PPS) e Garotinho (PSB) influenciou o resultado da pesquisa do *Datafolha*. Obtendo os eleitores de ambos, Lula, segundo o jornal, ganha em desempenho nas pesquisas. Além disso, há também uma análise regional que situa o eleitorado do candidato Lula: “O petista tem a maior vantagem no Sudeste e no Nordeste: 33 pontos em cada região. No Norte/Centro-Oeste, ele ganha por 20 pontos; no Sul, por 22”. Nessa perspectiva, é possível notar uma adesão maior no sudeste e nordeste, embora Lula apareça em primeiro lugar em todas as regiões.

Outra informação disponível na capa diz respeito às ações do PT em busca de votos, recorrendo aos cadastros de programas sociais em São Paulo e realizando reuniões com moradores em Mato Grosso do Sul. A capa não especifica os movimentos sociais abordados pelos petistas e é possível perceber um tom de investigação sobre a maneira como o partido teria acesso aos perfis dos beneficiários desses programas, já que as identidades desses usuários são preservadas. Em contrapartida, há também uma manchete investigativa sobre a campanha de Serra, relacionada às ações do apresentador Gugu, que fez campanhas para o candidato na TV. Ambas as chamadas aparecem uma ao lado da outra no jornal, conduzindo o leitor a uma compreensão de que os candidatos estariam agindo de maneira similar, a despeito de suas diferenças políticas.

Outra abordagem presente na edição está relacionada à associação feita pelo candidato Serra, que, em sua fala, vincula os interesses do PT aos interesses dos governos da Venezuela, então comandada por Hugo Chávez, líder da esquerda no país, e da Argentina, então presidida pelo peronista Néstor Kirchner. Serra argumenta que esses são países que “prometeram mudanças, com resultado negativo”. É possível notar uma consonância entre o argumento de Serra e a realidade exposta pela *Folha de S. Paulo* ao abordar outra manchete na capa, que descreve as dificuldades enfrentadas pelo presidente venezuelano Hugo Chávez. De acordo com o jornal:³⁰

A crise política que paralisa a Venezuela provocou forte deterioração da economia e da qualidade de vida da população, que há três décadas era uma das mais prósperas e menos desiguais do continente.

O atual cenário é causado por fatores políticos, como o golpe frustrado de abril, as sucessivas greves para derrubar o governo e os ataques de Hugo Chávez aos empresários. Amanhã haverá nova paralisação para forçar a saída do presidente. Chávez disse não temer tentativa de golpe.

A declaração de Serra, quando faz essa ligação entre o governo venezuelano e um possível governo de Lula, sugere que uma gestão petista resultaria no mesmo desastre econômico observado no país vizinho. Na *Folha*, um dos pontos abordados na chamada sobre a Venezuela é a perseguição de Hugo Chávez aos empresários, o que teria agravado os problemas econômicos enfrentados pelo país. Essa abordagem é como um retorno à pauta econômica que marcou as eleições de 2002, quando a estratégia política de Lula já estava voltada para a formação de alianças com alguns empresários, a fim de melhorar sua imagem junto a esse segmento. Isso é evidenciado quando, em uma das chamadas da capa, Lula é

³⁰ As citações são referentes à capa da edição nº 26.863 da *Folha de S. Paulo*, em 20/10/2002. Está disponível para consulta no Acervo Digital da Folha em: <https://acervo.folha.com.br/digital/index.do>.

mostrado em reuniões com a classe empresarial. A palavra “pacto”, inclusive, é usada para descrever as alianças entre Lula e esse setor econômico, o que pode ser interpretado de diferentes maneiras: **1)** seriedade e compromisso, **2)** uma aliança duradoura com benefícios mútuos, **3)** um tom sombrio, sugerindo uma reunião perigosa. Ainda na matéria, o CEO do Banco Itaú, Roberto Setubal, demonstra satisfação com as propostas de Lula durante a reunião.

Ainda no campo das finanças, a *Folha* discute a economia brasileira sob a gestão de FHC. Nesse contexto, o jornal expõe o posicionamento dos adversários a respeito dessa dificuldade. A equipe de Serra propõe a participação da população nas agências reguladoras, uma proposta social que não é comumente associada ao candidato. Enquanto isso, Lula é vinculado à proposta de que haja um conselho deliberativo na fiscalização das empresas, apresentando uma proposta que caminha mais para a estatização do que para a privatização.

Passando para as imagens presentes na capa, é possível observar que a ideia de dicotomia entre os candidatos continua presente, com Lula novamente acima de Serra – mas, desta vez, ambos centralizados na página. De acordo com a legenda, Lula aparece abraçando Roberto Setúbal, do banco Itaú, na tentativa de estabelecer uma aliança político-econômica. A imagem registrada mostra que esse abraço está marcado por um semblante feliz por parte do aliado, sinalizando uma boa relação entre ambos e, deste modo, evidenciando a capacidade do candidato petista de agregar diferentes atores políticos e econômicos. Enquanto isso, Serra também está junto de um aliado, Geraldo Alckmin, então governador de São Paulo. Há, portanto, uma comparação entre as alianças e os campos políticos acessados por cada candidato. O enfoque sobre Lula, entretanto, remete mais às estratégias do petista voltadas para o setor econômico.

TABELA 4: 3ª edição 2002

Edição: 29 de outubro de 2002 (terça-feira)

Matérias da capa: Lula anuncia Secretaria da Fome - novo órgão terá como objetivo o combate à miséria, diz petista / Eleito reafirma compromisso com a estabilidade e o rigor fiscal / falas dirão a mercado se Lula é ‘louco’, afirma secretário dos EUA / Governo terá nova estrutura / Petistas vão ter de passar “vergonha”, diz Mendonça / Sociólogo vê ‘refundação do Brasil’ com vitória do PT / Para FHC, eleito dará continuidade ao seu governo / Globopar vai “reescalonar” as suas dívidas / PSDB é o maior vencedor nos estados.

Editorias da capa: Especial (eleições) / Opinião / Dinheiro / Cotidiano / Esporte

Fotografia: Um abraço de Lula e José Dirceu, enquanto Marisa está sentada ao lado, observando os dois. No fundo, há uma bandeira do Brasil que fecha toda a imagem.

Legenda: O que entra: Lula abraça José Dirceu depois de fazer pronunciamento em São Paulo; ao lado, sua mulher, Marisa

Resumo da Capa

1. Transição do governo Lula é o ponto central dessa edição;
2. Anúncio da criação da Secretaria da Fome, proposta de Lula para combater a fome no país;
3. Foco no compromisso econômico do presidente;
4. Opinião norte-americana aponta para possíveis reações negativas do mercado a Lula;
5. Mudanças na estrutura governamental revelam interesse em pautas sociais;
6. PT busca aliança com PMDB para servir como base do governo;
7. Ex-ministro diz que Lula deverá adiar seu compromisso com as promessas de campanha para não assustar o mercado; Ele também relata que 2003 deverá adotar medidas ‘duras’ para gerar um bom governo nos três anos seguintes;
8. Sociólogo e filiado ao PT diz que vitória de Lula é um momento histórico para o país; Ele também relata que não se tratará de um governo de esquerda;
9. FHC acredita que Lula continuará sua política de combate à miséria; Ele também relata que vitória de Lula é reflexo da grande mobilidade social do país;
10. Ex-presidente demonstra emoção ao saber que passará faixa para ex-sindicalista;
11. PT é o 5º partido com mais governadores eleitos no Brasil; estão à frente dele o PSDB, o PMDB, o PFL e o PSB que empatam;
12. *Folha* aponta para problemas que Lula encontrará para se reunir com governadores, devido à baixa eleição de governadores do PT nos estados;
13. Empresa Globopar reescalonar dívidas devido à desvalorização do real e dos problemas econômicos do Brasil;
14. Fotografia em plano médio evidencia a bandeira do Brasil no fundo, enquanto Lula e Dirceu se abraçam ao lado de Marisa.

Elaboração da autora



Figura 13. Capa da Folha de S. Paulo de 29/10/2002 // Fonte: Acervo Folha digital.

Esta edição foi publicada um dia após a confirmação da vitória de Lula nas eleições de 2002. Trata-se de uma informação que ajuda a compreender o foco da publicação, voltado para as práticas aplicadas durante o processo de transição de governo. Na manchete, Lula anuncia a criação de uma nova secretaria, que será responsável pelo combate à pobreza. Trata-se de uma iniciativa voltada para a pauta social, um tema recorrente nos discursos de Lula e de seu partido durante a campanha eleitoral. A proposta foi revelada durante o seu primeiro discurso como presidente eleito, no qual ele também abordou outros temas.³¹

Segundo ele [Lula] seu primeiro ano de mandato terá o "selo do combate à fome", Para isso, anunciou a criação da Secretaria de Emergência Social, que começará a funcionar em janeiro e terá como meta o combate à miséria, com "verbas e "poderes" para a defesa dos "humilhados e ofendidos".

³¹ As citações são referentes à capa da edição nº 26.871 da *Folha de S. Paulo*, em 29/10/2002. Está disponível para consulta no Acervo Digital da Folha em: <https://acervo.folha.com.br/digital/index.do>.

Após apresentar sua proposta social, o presidente também mencionou algumas questões econômicas, segundo o jornal: “Mais adiante, Lula reiterou o seu compromisso com a estabilidade econômica, o cumprimento dos contratos do país e a responsabilidade para manter o superávit”, explica a chamada. Mesmo apontando o interesse do presidente eleito na destinação de verbas para a criação de uma nova secretaria de viés social, o jornal destaca a ambiguidade do discurso sob o argumento de que Lula, ao mesmo tempo que defende a pauta social, promete trabalhar pelo superávit, chegando, em alguns momentos, a manifestar até mesmo o desejo de aumentá-lo.

Na mesma chamada, que leva o título principal da capa *Lula anuncia secretaria da fome*, o jornal também apresenta dados que demonstram a reação do mercado financeiro diante da eleição de Lula. No último trecho da manchete, relata que “no primeiro dia pós-eleição, o dólar subiu 1,34% e fechou a R\$ 3,78. O risco-país cresceu 1,9%, para 1.813 pontos, e a Bolsa caiu 4,4%”. Diante dessas informações, é possível perceber uma reação negativa do mercado diante da vitória de Lula. Além disso, a *Folha* também traz parte do discurso do tesoureiro dos EUA, Paul O’Neill, que expõe a opinião de que Lula deve ser cauteloso em seus discursos, a fim de não amedrontar o mercado com eventuais propostas consideradas imprudentes. A despeito dessa perspectiva, a *Folha* expõe, ainda nessa edição, as ligações estabelecidas por Lula com outros 12 líderes internacionais – que o parabenizavam, ali, pela conquista eleitoral. São considerados personagens mais relevantes naquele cenário os representantes dos EUA e do Reino Unido. Nesse contexto, Lula relata que recebeu uma ligação efusiva do presidente americano, indicando uma possível relação amigável entre os países.

A *Folha* também aborda as mudanças que surgem devido à troca de governo. Entre elas, está a criação de outras secretarias, algumas relacionadas à mulher e à exportação, e de um novo ministério destinado à Política Urbana. Diante das mudanças previstas no governo Lula, o jornal apresenta opiniões divergentes no centro da página. De um lado está o ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luiz Carlos Mendonça de Barros, para quem Lula não será capaz de cumprir com as promessas eleitorais produzidas em campanha. Para o economista, o presidente eleito terá de passar “vergonha” diante do eleitorado, pois terá que adotar “políticas impopulares” a fim de obter segurança na economia. Tal argumentação sugere uma ausência da capacidade de gestão estratégica de Lula, pois o cumprimento das promessas do presidente eleito, na avaliação de Mendonça, transformará a economia num empecilho para o governo no primeiro ano de mandato.

Por outro lado, há também a opinião de um segundo economista, Francisco de Oliveira, na chamada intitulada *Sociólogo vê ‘refundação do Brasil’ com vitória do PT*. O estudioso

considera a eleição de Lula um momento histórico, comparando-o à “abolição [da escravatura], à Proclamação da República e à Revolução de 30”. Francisco também aponta que a vitória traz uma simbologia da classe dominada que obtém o poder, ainda que Lula, segundo o sociólogo, não representasse um governo puramente de esquerda. Também na capa, FHC também expõe sua opinião sobre a eleição de Lula. O líder tucano diz acreditar que o petista tende a seguir suas propostas sociais de combate à fome, e considera a eleição de Lula um sinal de que há organização social sem distinção de classes no país.

Outro ponto levantado nesta edição é a distribuição partidária brasileira, considerando a quantidade de governadores eleitos no Brasil. Apesar de Lula ter se eleito pelo PT, a colocação do partido não é confortável. Estando em 5º lugar na tabela, o partido perde para o PSDB, PMDB, PFL e PSB que possuem, respectivamente, 7, 5, 4 e 4 governadores eleitos. Apesar de se reeleger em estados como AC e MS, o PT também perdeu duas reeleições no RJ e RS. O partido não detém, por si só, a popularidade do presidente eleito. Para a *Folha*, Lula encontrará dificuldades diante desse cenário, devido à baixa adesão ao partido nos demais estados brasileiros. Mesmo diante da situação, Lula demonstra interesse em se reunir com os governadores eleitos. Além disso, o PT também busca a formação de alianças para assegurar bases políticas. O PMDB é um exemplo. Trata-se de um grande partido de centro, aberto a acordos e que, além disso, é o sendo colocado na pesquisa de quantidade de governadores eleitos.

Nesta edição, as duas imagens que estampam a capa são de Lula e FHC. A fotografia de Lula é maior e está situada acima da foto do ex-presidente tucano. Na imagem, vê-se Lula abraçando José Dirceu, com a bandeira do Brasil ao fundo. Há um destaque para a palavra “ordem”, presente na bandeira, enquanto os políticos se abraçam ao lado da futura primeira-dama. A legenda que acompanha a imagem destaca a frase ‘o que entra’, sinalizando uma expectativa em relação a um novo modo de fazer política – o de Lula e o do PT. A legenda também sinaliza um esforço da nova equipe em busca da “ordem” em meio à desestabilização financeira. Já a fotografia de FHC – acompanhada de uma legenda com a expressão “o que sai” – informa que o tucano não pretende se candidatar novamente.

2006

O ano de 2006 foi caracterizado por crises internacionais, especialmente na América Latina, e por avanços em serviços tecnológicos. Nesse ano se deu também o conflito árabe-israelense com duração de um mês, devido ao sequestro de dois soldados israelenses por milícias. Houve ainda cenários de instabilidade para a missão da ONU liderada por tropas

brasileiras no Haiti após a morte do comandante Urano Bacellar. O Haiti atravessava, naquele momento, um período de insegurança política e social devido a um golpe de Estado de 2004. As atividades das tropas brasileiras só terminaram em 2017. Entre outras crises internacionais, também houve o golpe de Estado na Tailândia, que durou até 2007.

Paralelamente aos conflitos internacionais, o meio digital também passou por transformações significativas. Um exemplo é a criação do *Twitter*, rede social criada nos EUA e que se popularizou rapidamente no Brasil, gerando mudanças nas relações comunicacionais na internet. A plataforma *YouTube* também cresceu, sendo eleita pela revista *Time* como a melhor invenção do ano. Na cultura pop, o ano é marcado pelo lançamento do primeiro álbum de Taylor Swift e pelo marcante álbum *Back to Black* de Amy Winehouse. No cinema, os filmes *Crash*, *O Segredo de Brokeback Mountain*, e *King Kong* marcaram o Oscar. No cinema brasileiro, filmes marcantes como *O ano em que meus pais saíram de férias* e *Se eu fosse você* são lançados. A Copa do Mundo, que ocorreu na Alemanha, teve a Itália como campeã.

Na política brasileira, em 2006, a Lei Maria da Penha é sancionada. Além disso, o Programa Bolsa Família atinge a meta de cobertura da população de extrema pobreza e o governo cria o Pacote de Incentivo à Construção voltado para a construção civil. Contudo, há algumas crises políticas em desenvolvimento, como o desenrolar do Escândalo do Mensalão e o ataque do PCC em São Paulo, que deixou cerca de 500 vítimas devido a conflitos nas ruas e em presídios. Nesse contexto geral, ocorriam também as eleições presidenciais de 2006, com os dois principais candidatos: Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Geraldo Alckmin (PSDB).

TABELA 5: 1ª edição 2006

Edição: 30 de setembro de 2006 (sábado)

Matérias da capa: Avião da Gol se choca no ar e desaparece / Fotos mostram dinheiro do dossiê / PF identifica comprador de dólares achados com petistas / Presidente diz que acertou ao não aparecer no debate da TV / Assessor liga dossiê à campanha de Lula / Jovem é acusado de encomendar morte da mãe

Editorias da capa: Cotidiano / Eleições / Opinião

Fotografia: A fotografia tem o fundo desfocado, enquanto Lula aparece no centro da imagem, dos ombros até a cabeça. Ele está com um semblante sério, vestindo um moletom azul, com o capuz tapando metade do rosto.

Legenda: Lula se protege da garoa entre operários na porta da fábrica da Ford, em São Bernardo do Campo.

Resumo da Capa

1. Escândalo do dossiê é ponto central da edição;
2. Acidente envolvendo avião da Gol desaparecido com 155 passageiros também recebe destaque;
3. Tribunal Superior Eleitoral divulga imagens do dinheiro do dossiê;
4. PT tenta barrar esse movimento, mas sem sucesso;
5. PF investiga para onde o dinheiro que estava com petistas é direcionado;
6. Lula afirma que acertou em não participar de debate, pois adversários são de “baixo nível”;
7. Assessor afirma que dinheiro do dossiê seria usado para realizar campanhas de Lula e outros candidatos do PT;
8. Duas imagens mostrando o dinheiro em reais e dólares do dossiê são expostas na capa;
9. Imagem de Lula com o capuz, tapando metade do rosto, aparece abaixo das imagens do dinheiro.

Elaboração da autora



Figura 14. Capa da Folha de S. Paulo de 30/09/2006 // Fonte: Acervo Folha digital.

Um dos principais temas abordados nesta edição é o desenrolar do Escândalo do Dossiê, que impactou negativamente a campanha de Lula em 2006. Trata-se de um episódio da política

brasileira envolvendo a tentativa de compra de um dossiê pelo PT que, supostamente, conteria provas de corrupção capazes de comprometer o candidato a governador de São Paulo da coligação *Compromisso com São Paulo*, José Serra, e outros candidatos. Existem duas manchetes principais na capa: a primeira relacionada a um acidente envolvendo o avião desaparecido após o choque com outra aeronave, e segunda voltada para a divulgação das imagens do dinheiro do dossiê. Na chamada, é relatado que o dinheiro utilizado para a criação de um dossiê contra candidatos do PSDB foi apreendido com dois petistas. A matéria informa que as imagens, que estavam sob sigilo para não influenciar as eleições, foram vazadas. A PF iniciou uma investigação sobre o vazamento ilegal das fotos e, ao mesmo tempo, prosseguia investigando a trajetória do dossiê.

Na chamada da capa *PF identifica comprador de dólares achados com petistas*, é relatada a identificação das empresas que compraram o dinheiro do dossiê. A notícia destaca: “segundo o BC, a *Disk Line* adquiriu os dólares das corretoras *Action* e *EBS*. O dinheiro vinha de um lote de US\$ 15 milhões comprado pelo banco *Sofisa*”. A narrativa sobre o episódio envolvendo a investigação movida pela PF é acompanhada de duas imagens, que apresentam uma extensa quantidade de dinheiro envolvendo o dossiê. Na legenda, são identificados R\$ 1,16 milhão e US\$ 248,8 mil.

Além do escândalo que estampa a página central, é possível observar, nessa edição, o estabelecimento de uma ligação entre esses acontecimentos e a campanha de Lula. Na chamada *Assessor liga dossiê à campanha de Lula*, Hamilton Lacerda, ex-coordenador de campanha de um candidato a governador pelo PT, afirmou que o dinheiro encontrado no dossiê seria utilizado para financiar a campanha de Lula e de outros integrantes do partido. Lacerda também está na lista de investigados pela PF, mas alega inocência.

Outro detalhe a ser observado é que a *Folha* inseriu uma imagem do candidato Lula no centro da parte inferior da página, logo abaixo das imagens vazadas, envolvendo o dinheiro ligado ao dossiê. Lula é retratado em um plano fechado, com o fundo desfocado. Enquanto isso, o candidato está centralizado na imagem, vestindo um moletom azul com um capuz que ocultava parte de seu rosto, mantendo um semblante sério. A imagem não tem associação com a manchete da capa e a legenda indica que Lula estava se protegendo da chuva durante um ato com operários, em São José dos Campos. Contudo, a imagem aparece logo abaixo da chamada que relaciona o dossiê à campanha de Lula, gerando uma associação semiótica entre a imagem e o texto.

Outra chamada presente na edição está relacionada a um pronunciamento realizado pelo presidente. Lula afirma ter acertado em não participar do último debate da TV devido ao “baixo

nível” presente nas falas de seus adversários que, de acordo com o petista, “deveriam ter aproveitado para falar o que pretendem fazer com o Brasil”. Ao relatar os ataques diretos de Lula aos adversários, a chamada sugere que Lula está irritado, na verdade, é com os ataques que seu partido e sua campanha vinham sofrendo por causa das denúncias de corrupção – e por causa da exploração dessas denúncias pelos demais concorrentes.

A outra grande manchete da capa, agora fora do embate eleitoral, diz respeito à investigação sobre o acidente envolvendo um Boeing que desapareceu após uma colisão com um *Legacy*. A manchete detalha horários de decolagem, quantidade de passageiros, mapa e horário da colisão e informações técnicas sobre a aeronave desaparecida. A relevância da matéria está ligada, sobretudo, ao desaparecimento da aeronave com mais de 150 passageiros, caracterizando um acidente histórico que terá seu desenrolar nos próximos dias. Na chamada ainda não há apontamentos para as possíveis causas do acidente.

TABELA 6: 2ª edição 2006

Edição: 01 de outubro de 2006 (domingo)

Matérias da capa: Desastre de Boeing é o pior do país / Lula perde vantagem, e 2º turno está indefinido / Índios caiapós ajudam no resgate de vítimas / Serra deve ser eleito hoje governador de São Paulo / Delegado da PF admite ter vazado fotos do dinheiro / Lula tem mais problemas do que votos

Editorias da capa: Cotidiano / Eleições / Opinião

Fotografia: São duas fotografias que retratam a corrida eleitoral. Os espaços reservados para ambas são iguais, como também são muito semelhantes as duas fotografias inseridas. Lula aparece sorridente, está utilizando sua “gravata da sorte” e também possui um broche da bandeira do Brasil preso em seu terno. Alckmin possui apenas um terno padrão, óculos e está com a mão sob o queixo, em posição que remete ao ato de pensar.

Legenda: Fotomontagens de Paulo Fridman utilizando as mensagens enviadas pelos dois principais candidatos. Geraldo Alckmin: “Vamos trabalhar para um Brasil com melhor qualidade de vida e que os brasileiros possam se orgulhar do seu governo”; Lula: “Eu vivo o sonho que é de todo brasileiro: mãos solidárias construindo vida digna para todos”.

Resumo da Capa

1. Eleição e acidente do Boeing são o ponto central da edição;
2. Acidente envolvendo avião da Gol tem desenrolar da história, com escombros encontrados e nenhum sobrevivente;
3. Desastre é o primeiro acidente com vítimas daquele modelo de avião, e é considerado o pior acidente brasileiro;
4. Povos indígenas caiapó auxiliam no resgate de vítimas do acidente;

5. Vantagem percentual de Lula diminui;
6. Presidente possui 50% dos votos válidos, mesmo valor da soma dos opositores;
7. Um segundo turno entre Lula e Alckmin sugere 49% e 44% de intenções de voto, respectivamente;
8. Imagem de Lula e Alckmin dividem espaço com fotografia dos escombros do avião Boeing;
9. Em imagem, Lula e Alckmin são estampados sorridentes, transmitindo uma mensagem curta aos eleitores;
10. Serra destaca qualidade de vida e orgulho do governo como metas;
11. Lula destaca vida digna e trabalho coletivo como metas;
12. Vazamento de fotos do dossiê foi realizado por delegado da PF;
13. Caderno de Opinião avalia que Lula possui mais problemas em um possível próximo governo do que votos.

Elaboração da autora



Figura 15. Capa da Folha de S. Paulo de 01/10/2006 // Fonte: Acervo Folha digital.

O acidente com o avião Boeing continua a ser destaque no noticiário da *Folha de S. Paulo*. Nesta edição, é constatada a localização dos escombros do avião em uma fazenda no Mato Grosso, resultando na morte de 155 passageiros. A chamada, que ressalta o fato de o

acidente ser considerado um dos maiores desastres da história do país, ocupa espaço de destaque na capa, com uma fotografia dos destroços do avião em uma área florestal. Contudo, a despeito da gravidade do acidente, a edição também destaca informações sobre a corrida eleitoral presidencial, que apresenta algumas modificações no cenário.

Este é o caso da outra manchete, que aparece logo abaixo do desenrolar do acidente aéreo, intitulada *Lula perde vantagem, e 2º turno está indefinido*. Nessa chamada, há a evidência de que o candidato Lula tem perdido popularidade entre os eleitores nas últimas semanas, segundo dados do *Datafolha*.³²

A vantagem do presidente Lula em relação à soma de seus adversários, que era de 12 pontos no início de setembro e havia caído para cinco pontos no último dia 27, agora desapareceu, segundo pesquisa Datafolha. O petista tem 50% dos votos válidos, contra também 50% dos demais. A margem de erro é de dois pontos percentuais.

Embora o presidente mantenha, sozinho, o mesmo percentual de votos que a soma de seus opositores, a queda de pontos levanta dúvidas sobre seu nível de popularidade entre os brasileiros. Há ainda, no texto, uma estimativa de que, em um possível segundo turno entre os dois principais candidatos, Lula teria 49% dos votos, enquanto Alckmin teria 44%, uma distância porcentual considerada curta. Na capa, logo abaixo da fotografia de Lula, há uma sugestão no título do texto do caderno de Opinião: *Lula tem mais problemas do que votos*, do jornalista Carlos Heitor Cony. Este título, que ocupa certo espaço na capa — entre os demais da seção de opinião —, apoia a chamada central, levando o público leitor à conclusão de que Lula está fragilizado. Outro pormenor, aqui, é que esse título está ao lado de outro, desta vez relacionado ao dossiê: *Delegado da PF admite ter vazado fotos do dinheiro*. Ou seja: apesar de não possuir o texto da chamada, o título sinaliza para a volta da discussão do escândalo do dossiê — um tema considerado um desafio para a candidatura de Lula e para o PT.

Apesar da chamada relacionada ao dossiê e o texto de opinião de Cony estarem presentes na capa apenas por meio de seus títulos, é possível notar que ambos conversam entre si por abordarem — um de forma indireta e outro de forma direta — os desafios que o então candidato Lula enfrentava durante a campanha. Já o título situado abaixo da imagem de Alckmin refere-se à eleição de Serra, também do PSDB, como governador de São Paulo. Não há chamadas negativas relacionadas ao candidato a presidente do PSDB na capa desta edição.

Na parte inferior da capa, há uma fotomontagem em filtro sépia que retrata ambos os presidentes a partir do busto. Os dois estão inclinados para a esquerda e olham para cima.

³²As citações são referentes à capa da edição nº 28.305 da *Folha de S. Paulo*, em 01/10/2006. Está disponível para consulta no Acervo Digital da Folha em: <https://acervo.folha.com.br/digital/index.do>.

No espaço superior das duas imagens, há frases redigidas à mão pelos dois concorrentes. As fotos de Lula e Alckmin, bastantes similares na forma, demonstram a intenção do jornal de estabelecer certo equilíbrio nesta abordagem, a despeito das pequenas nuances que os divergem fisicamente e esteticamente. Lula estampa um sorriso contido, levando no terno um broche da bandeira do Brasil. A frase que estampa a fotografia de Lula é: “Eu vivo o sonho que é de todo brasileiro: mãos solidárias construindo vida digna para todos”, finalizada com o desenho de uma estrela, símbolo do seu partido.

A frase objetiva o posicionamento do candidato do seu eleitorado, em uma tentativa de associar os próprios ideais aos ideais da população, sugerindo que Lula e os brasileiros possuem as mesmas metas. Lula sinaliza, ainda, para a construção de um país que ofereça dignidade para todos, por meio do trabalho coletivo. Dessa forma, o candidato também evidencia a necessidade de união para o desenvolvimento do país, ou seja, governo, cidadãos e instituições trabalhando juntos para um bem comum. Ao finalizar o texto com o símbolo petista, o candidato valoriza sua legenda, a despeito dos problemas que o partido enfrenta – internos e externos – em função dos escândalos noticiados.

Enquanto isso, Alckmin, que aparece com a mão no queixo, num ar reflexivo, tem, acima de sua imagem, a seguinte frase manuscrita: “Vamos trabalhar para um Brasil com melhor qualidade de vida e que os brasileiros possam se orgulhar do seu governo”. O candidato também recorre ao verbo *trabalhar*, sinalizando para essa necessidade coletiva da construção de um “país melhor”. O candidato também oferece a meta de construir uma gestão da qual a sociedade tenha orgulho, capaz de proporcionar uma vida melhor aos brasileiros. A frase sugere, portanto, que o seu adversário, o então presidente Lula, não estaria comandando bem o Brasil.

TABELA 7: 3ª edição 2006

Edição: 11 de outubro de 2006 (quarta-feira)

Matérias da capa: Lula amplia vantagem sobre Alckmin / China pede punição à Coreia do Norte, mas veta ataque / Kassab anuncia hoje a troca de dois secretários / Secretário é preso, acusado de torturar moradores de rua / Ministro quer mais liberdade na utilização de receita da União / Em São Paulo, governo tucano arrecadou mais e gastou mais / Justiça manda quebrar sigilos de Abel Pereira / TV digital vai começar no fim do próximo ano.

Editórias da capa: Eleições / Cotidiano / Mundo / Dinheiro / Opinião / Esporte

Fotografia: Lula aparece sorridente no canto direito da imagem, estendendo o braço até o rosto de uma eleitora que parece muito emocionada, com as mãos para cima. Ao redor estão mais pessoas.

Legenda: Lula, ao lado de Aloizio Mercadante, faz campanha na cidade de Guarulhos (SP).

Resumo da Capa

1. Eleição é o ponto central da edição;
2. Corrida eleitoral tem Lula abrindo vantagem em relação a Alckmin;
3. Ampliação de Lula ocorre após debate na TV;
4. Pesquisa do Datafolha sugere que Alckmin se saiu melhor no debate;
5. China e Coreia de Norte entram em conflito;
6. Mudança de secretários em prefeitura de São Paulo;
7. Secretário da Segurança do Paraná é acusado de torturar pessoas;
8. Justiça manda quebrar sigilo de Abel Pereira sobre dossiê;
9. A TV digital chegará ao Brasil em 2007.

Elaboração da autora



Figura 16. Capa da Folha de S. Paulo de 11/10/2006 // Fonte: Acervo Folha digital.

Esta edição foi publicada após o primeiro debate entre os presidenciáveis na TV, momento em que a pesquisa do *Datafolha* indicou uma mudança na corrida eleitoral em comparação com a edição vista anteriormente. Nesse momento, Lula amplia sua vantagem sobre o adversário, alcançando 56% dos votos válidos, enquanto Alckmin registra 44%. Considerando a intenção de votos (51% para Lula e 40% para Alckmin), o candidato do PT retoma uma vantagem de 11 pontos percentuais. Uma tabela na edição utiliza as cores vermelho e azul para representar as performances dos candidatos, correspondendo, respectivamente, às cores do PT e do PSDB.

Segundo a *Folha*, essa queda de Alckmin ocorreu entre os eleitores mais escolarizados e de renda alta, além de ele ter perdido votos no Sul e no Nordeste. Eleitores da ex-candidata do PSOL também migraram para Lula. Essa mudança no eleitorado é atribuída ao impacto do debate eleitoral, que afetou principalmente eleitores de renda e escolaridade mais altas. Embora Lula lidere a corrida eleitoral nesta edição, ele saiu mal avaliado do debate presidencial de acordo com o *Datafolha*, sem que houvesse explicações claras para esse desempenho.

O desenrolar do escândalo do dossiê ganha novo destaque na edição a partir da quebra de sigilo de uma figura importante no processo. Trata-se de Abel Pereira, investigado como possível comprador do dossiê contra candidatos do PSDB, supostamente em colaboração com membros do PT. Mesmo diante das denúncias, Lula continua liderando as pesquisas de intenção de voto.

Dentro desse contexto, a edição apresenta duas imagens dos presidenciáveis, cada uma retratando momentos distintos de suas campanhas. A imagem de Alckmin aparece à direita, enquanto a de Lula aparece à esquerda – um padrão já observado em outras edições. Embora a imagem mostre Lula em plano médio, é possível ver várias pessoas ao seu redor durante uma ação de campanha em Guarulhos. Lula e Aloizio Mercadante aparecem lado a lado e sorridentes, enquanto o candidato estende os braços para se aproximar de uma possível eleitora, que se encontra emocionada. A eleitora é uma mulher negra, vestida de maneira simples. A fotografia mostra apenas pessoas ao redor, que aparentam entusiasmo em relação ao candidato petista. Alckmin, por sua vez, aparece sorridente ao lado de uma eleitora, uma mulher loira vestida de maneira mais formal. Ao redor, vê-se outras pessoas e um espaço arborizado. A combinação do ambiente com a roupa do candidato e o cabelo da eleitora cria uma imagem que remete às cores da bandeira do Brasil. Enquanto isso, a imagem de Lula aparenta muito mais tons brancos, e também cinza e vermelho.

As imagens evidenciam que os dois candidatos se conectam com eleitorados distintos, alinhados com os perfis de seus respectivos partidos: o PT com os segmentos mais pobres e o

PSDB com as parcelas mais favorecidas da população. As duas fotografias, que mostram os candidatos interagindo com eleitoras em proporções e ângulos semelhantes, reforçam a intenção de tratar as imagens de ambos de maneira equilibrada na página. A emoção transmitida pelas eleitoras sinaliza para a popularidade dos candidatos entre o eleitorado feminino, apesar de se tratarem de dois grupos femininos de diferentes classes sociais.

2022

Após um longo período de afastamento social e crise no sistema de saúde devido à pandemia da Covid-19, 2022 é marcado pela lenta reabertura das atividades sociais e econômicas, impulsionada pela vacinação. Apesar disso, o ano colhe os resultados da pandemia, como a crise financeira, as mudanças no sistema de trabalho – a instituição do *home office*, por exemplo – e os desafios de grande parte da população para superar instabilidades psicológicas e físicas. Além disso, também foi o ano de início da Guerra da Ucrânia, após a invasão russa ao território ucraniano, provocando impactos na política mundial, como a alta da inflação.

Na cultura, o país perde alguns dos grandes nomes da comunicação e da música brasileira. É o caso de Jô Soares e Gal Costa, que faleceram na segunda metade do ano. O período também foi marcado pela estreia do filme *Eduardo e Mônica*, inspirado na canção de Renato Russo, e pelo lançamento do álbum *Renaissance*, de Beyoncé. O remake da novela *Pantanal* fez sucesso na TV brasileira, e a popularização da rede social *BeReal* sugeriu novos formatos de interação *online*. Na Copa do Mundo do Qatar, a Argentina se tornou tricampeã mundial.

Importante lembrar, ainda, que, em 2022, o Brasil celebrou seus 200 anos de independência. No entanto, o ano foi marcado, principalmente, por problemas de cunho econômico a partir do agravamento da inflação, que, junto com a má gestão da pandemia, pressionou as contas do governo, aumentando as demandas sociais. Bolsonaro implementou, então, o Auxílio Brasil, substituindo o programa social de seu rival político, o Bolsa Família.

TABELA 8: 1ª edição 2022

Edição: 04 de outubro e 2022 (terça-feira)

Matérias da capa: Por voto, governo acelera Auxilio Brasil e planeja 13º / Congresso eleito fortalece Bolsonaro, mas não trava Lula / MDB, PSDB, PDT e União negociam apoio a candidatos / Para pesquisadora, pleito decantou bolsonarismo / Igrejas exprimem onda bolsonarista no dia da eleição / Lula mira sudeste, e presidente foca visitar periferias / Petista tem de buscar o centro, dizem economistas / Mercado financeiro vê ‘barreira antiesquerda’

saída das urnas / Presidente obteve voto útil na última hora, diz *Datafolha* / Jovens que não estudam nem trabalham são 35,9% / Setembro teve 9 mortes violentas de indígenas / 2º turno não é outra eleição.

Editorias da capa: Mercado / Opinião / Política / Cotidiano

Fotografia: Lula aparece com expressão preocupada, com a mão sobre a testa e cabeça baixa. É possível ver ao fundo a palavra ‘espera’. Trata-se de um recorte da palavra original ‘esperança’, feito pelo fotógrafo.

Legenda: O ex-presidente Lula (PT) participa de reunião de campanha nesta segunda (3), em São Paulo.

Resumo da Capa

1. Aceleração do Auxílio Brasil e criação de um 13º são estratégias eleitorais de Bolsonaro;
2. Decisão de pagamento extra não possui estrutura bem definida;
3. Congresso eleito no primeiro turno está mais ligado a Bolsonaro do que Lula;
4. Partidos de centro começam a se repartir em apoio aos dois candidatos;
5. PL é o partido mais eleito na câmara dos deputados e senado;
6. PT está bem colocado no senado, mas possui baixa adesão na câmara;
7. Igreja católica é base eleitoral de Bolsonaro no 1º turno;
8. Opinião sugere que Lula é o favorito, mas possui o desafio de converter votos contra os votos úteis da direita de Bolsonaro;
9. Lula está focado em converter votos no Sudeste, enquanto Bolsonaro busca apoio nas periferias;
10. Lula deve procurar centro para se eleger;
11. Mercado sugere uma barreira “antiesquerda” no país;
12. Lula estampa a capa com um semblante preocupado;
13. Ênfase na palavra “espera” que compõe a foto;
14. Pesquisa aponta que jovens “nem-nem” crescem no país.

Elaboração da autora

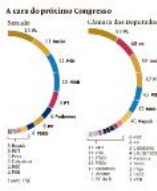
FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ******* UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

2022.010 - 10/10/2022

TERÇA-FEIRA, 4 DE OUTUBRO DE 2022

R\$ 1,50



Por voto, governo acelera Auxílio Brasil e planeja 13º

Bolsonaro avança pagamento extra a mulheres sem prever de onde virá recurso

Certo quanto ao voto, o governo Bolsonaro acelerou o pagamento do auxílio Brasil e planeja o 13º pagamento extra a mulheres sem prever de onde virá o recurso. O governo também anunciou o aumento da taxa de juros para o crédito pessoal, o que pode gerar mais receita para o Tesouro. Além disso, o governo planeja o aumento da taxa de juros para o crédito empresarial, o que também pode gerar mais receita para o Tesouro.

Congresso eleito fortalece Bolsonaro, mas não trava Lula

Embora o Congresso eleito fortaleça o governo Bolsonaro, não trava o caminho para a reeleição de Lula. O Congresso eleito fortalece o governo Bolsonaro, mas não trava o caminho para a reeleição de Lula. O Congresso eleito fortalece o governo Bolsonaro, mas não trava o caminho para a reeleição de Lula.

MDB, PSDB, PDT e União negociam apoio a candidatos

O MDB, PSDB, PDT e União Brasil negociam apoio a candidatos. O MDB, PSDB, PDT e União Brasil negociam apoio a candidatos. O MDB, PSDB, PDT e União Brasil negociam apoio a candidatos.

Lula mira Suleste, e presidente foca sudeste periferias

Lula mira o Sudeste, e o presidente Bolsonaro foca no Sudeste periferias. Lula mira o Sudeste, e o presidente Bolsonaro foca no Sudeste periferias. Lula mira o Sudeste, e o presidente Bolsonaro foca no Sudeste periferias.

Genoma ancestral

Um novo estudo revela o genoma ancestral de uma população indígena. Um novo estudo revela o genoma ancestral de uma população indígena. Um novo estudo revela o genoma ancestral de uma população indígena.

Petista tem de buscar o centro, dizem economistas

Economistas dizem que o petista deve buscar o centro político. Economistas dizem que o petista deve buscar o centro político. Economistas dizem que o petista deve buscar o centro político.

Setembro teve 9 mortes violentas de indígenas

Nove indígenas morreram violentamente em setembro. Nove indígenas morreram violentamente em setembro. Nove indígenas morreram violentamente em setembro.

Presidente obtiverá voto útil na Câmara, diz Dória

O presidente Bolsonaro terá um voto útil na Câmara. O presidente Bolsonaro terá um voto útil na Câmara. O presidente Bolsonaro terá um voto útil na Câmara.

Seminário câncer de mama

Quanto descobrir em fases iniciais, o câncer de mama dá mais chances de cura.

HOJE

10h às 12h

Inscreva-se gratuitamente

DGO

FOLHA

Figura 17. Capa da Folha de S. Paulo de 04/10/2022 // Fonte: Acervo Folha digital.

Um dia após o primeiro turno das eleições de 2022, a edição da *Folha de S. Paulo* foca na situação eleitoral presidencial e no desenrolar das eleições já concluídas. Uma tabela mostra a proporção de eleitos no Senado e na Câmara dos Deputados já no 1º turno das eleições. O partido que mais se destaca em ambas as casas é o PL, partido do presidente e candidato Bolsonaro, que conquistou 14 posições no Senado e 99 na Câmara dos Deputados. O PT também obteve uma boa performance na Câmara e é o segundo partido mais votado, com 68 posições. No entanto, sua participação no Senado é baixa, com apenas 6 posições, ficando atrás do PL, União Brasil, PSD e MDB.

Como a maioria dos eleitos pertence à direita ligada ao bolsonarismo, isso indicava, naquele momento, um possível enfraquecimento da possibilidade de uma boa relação entre Lula e os segmentos conservadores no Congresso, caso o petista fosse eleito. Entretanto, a chamada *Congresso eleito favorece Bolsonaro, mas não trava Lula*, sugere que Lula pode construir uma

boa relação com o centro, fortemente representado entre os eleitos do Congresso Nacional. Um exemplo disso é a situação do Senado: apesar de poucos eleitos do PT, há espaço para buscar o apoio de partidos como PSD e MDB. Contudo, esse não é um cenário ideal para a governabilidade petista. A busca por apoio não se limita ao PT, mas também envolve seu adversário, como aponta a chamada *MDB, PSDB, PDT e União negociam apoio a candidatos*: “Cobiçados por Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL), principais partidos devem decidir de que lado ficam até o fim da semana. PDT é pressionado a apoiar petista, MDB e PSDB estão divididos, e União Brasil se mostra incógnita”.

A edição também consulta economistas e o mercado para indicar o direcionamento que Lula deve adotar em um possível governo. Na chamada *Petista tem de buscar o centro, dizem economistas a Folha* explicita que Lula deve adaptar seu plano governamental para receber apoio do centro e garantir sua eleição. Na questão econômica, a chamada destaca que a reação do mercado não é favorável à pauta da esquerda, refletindo a baixa adesão entre os eleitos do 1º turno. De maneira geral, o jornal sugere que Lula deve se afastar do movimento de esquerda dentro de seu partido para se destacar na eleição. Portanto, deve haver uma transição de posicionamento para que Lula se fortaleça na área em que mais se encontra afastado: a economia.

Enquanto isso, a edição também procura entender o eleitorado dos candidatos. Dado o enfoque na relação de Lula com o centro, a chamada destaca a busca do petista pelos votos do eleitorado do Sudeste, onde ainda tinha adesão insatisfatória. Por outro lado, Bolsonaro buscava apoio entre o eleitorado mais pobre, presente nas periferias, que já tendia a se aproximar mais de seu adversário. A busca de ambos por apoio em áreas onde não tinham bom desempenho refletia uma corrida eleitoral acirrada. A capa também aborda o eleitorado católico, que constituía importante base de apoio ao presidente Bolsonaro, reforçando a ideia de que Lula não tem bom desempenho entre os religiosos.

Diante do bom desempenho de Lula entre a população mais pobre, Bolsonaro também age estrategicamente em busca do mesmo eleitorado. Isso é evidenciado na manchete intitulada *Por voto, governo acelera Auxílio Brasil e planeja 13º*, que explica que o candidato do PL buscava ampliar o Auxílio Brasil, programa semelhante ao Bolsa Família desenvolvido pelo presidente, em busca de apoio eleitoral³³

O objetivo, segundo interlocutores, é atrair o eleitor de baixa renda, considerado vital para Bolsonaro ampliar suas chances de vitória no segundo turno, mas é

³³ As citações são referentes à capa da edição nº 34.152 da *Folha de S. Paulo*, em 04/10/2022. Está disponível para consulta no Acervo Digital da Folha em: <https://acervo.folha.com.br/digital/index.do>.

tradicionalmente eleitor de Lula, que recebeu 48% dos votos ante 43% do atual presidente. O placar deixa um campo estreito para a disputa.

A capa traz uma única imagem, centralizada na parte inferior da página, que ilustra a edição. Trata-se de uma fotografia de Lula, em um plano médio, capturada ligeiramente acima dos ombros. Seu semblante transmite preocupação ou indecisão, evidenciado pela mão aberta sobre a testa. Ao fundo, levemente desfocada, mas ainda legível, aparece a palavra “espera”, originalmente da palavra “esperança”, presente na imagem de campanha do candidato. A expressão preocupada de Lula, combinada com a palavra 'espera', sugere sua ansiedade em relação ao segundo turno, insinuando que ele deve aguardar mais alguns dias o desfecho final da eleição. Seu semblante também pode exprimir sua indecisão sobre as próximas estratégias para conquistar o apoio do centro, que podem entrar em conflito com as propostas políticas dele e de seu partido.

TABELA 9: 2ª edição 2022

Edição: 06 de outubro e 2022 (quinta-feira)

Matérias da capa: Lula colhe apoio de Tebet e FHC, e Bolsonaro, de governadores / Petista lidera por 51% a 43%, diz Ipec / Presidente cita NE e liga vitória de Lula a analfabetismo / Eleitor do PT mata bolsonarista após discussão política em SP / A nova cara das direitas / Fragmentação partidária cai quase pela metade / Corte de R\$ 2,4 bi pelo governo no MEC ameaça universidades / Petróleo em alta limita redução de preços da Petrobras / Jovem fere 3 com arma de CAC em escola no CE / Líder britânica, Truss cita ‘tempestade’ em 1º mês

Editorias da capa: Política / Opinião / Cotidiano / Ciência /Esporte / Turismo

Fotografia: A fotografia mostra um abraço entre Lula e Carlos Lupi, presidente do PDT. As cores de destaque são azul, verde e amarelo, mesmas cores da bandeira nacional. Lula e Lupi se abraçam de uma maneira próxima, sugerindo uma união estável entre os políticos.

Legenda: O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se encontra com Carlos Lupi, presidente do PDT do ex-presidenciável Ciro Gomes, em São Paulo.

Resumo da Capa

1. Corrida eleitoral é o ponto central da edição;
2. Lula recebe apoio de nomes fortes do centro, como Tebet e FHC;
3. Bolsonaro recebe apoio de governadores eleitos;
4. Folha divulga lista de apoiadores de cada candidato;
5. MDB e PDT apoiam Lula, enquanto União, PL e Novo apoiam Bolsonaro;
6. PSDB se divide para apoiar candidatas;
7. Corrida eleitoral tem Lula na frente com 51%, contra 43% de Bolsonaro;
8. Bolsonaro liga boa performance de adversário à analfabetismo;
9. Polarização entre Lula e Bolsonaro resulta em conflitos fatais entre eleitores;

- 10. Eleitor de Lula é visto como mais agressivo após assassinar eleitor bolsonarista;
- 11. Opinião sugere que antipetismo não faz mais parte de um grupo democrático e elitista, mas sim, de um grupo de extremismo e antidemocrático movido pelo populismo de Bolsonaro;
- 12. Fragmentação partidária diminui no congresso;
- 13. Bolsonaro corta verba das universidades públicas;
- 14. Lula estampa a edição abraçando o presidente do PDT.

Elaboração da autora



Figura 18. Capa da Folha de S. Paulo de 06/10/2022 // Fonte: Acervo Folha digital.

A edição de 6 de outubro continua a abordar o jogo político de apoio aos candidatos à presidência durante o segundo turno. A manchete *Lula colhe apoio de Tebet e FHC, e Bolsonaro, de governadores* sintetiza as de alianças em processo de formação. Uma tabela ao lado detalha os principais apoiadores de cada candidato, apresentando cinco nomes para cada um. Ao lado de Bolsonaro, estão quatro governadores e um senador, filiados ao PSDB, União, PL e Novo. Lula conta com o apoio de um governador e um senador, além de figuras de

destaque na política brasileira, como o ex-presidente FHC e a ex-candidata Tebet, que teve uma forte atuação nas eleições de 2022. Os partidos que apoiam Lula incluem o MDB, PDT e PSDB.

Com base nos partidos que apoiam cada candidato, observa-se que Bolsonaro recebe maior apoio de partidos de direita ou centro-direita, enquanto Lula conta com o apoio de partidos de centro ou centro-esquerda. O PSDB aparece em ambos os lados, evidenciando uma divisão entre os tucanos. Apesar das alianças estratégicas formadas por Lula, é possível identificar um padrão de apoio baseado não apenas nas propostas eleitorais, mas também na figura representativa de cada candidato – uma mais progressista, outra mais conservadora – ao longo da trajetória política percorrida até ali.

O candidato do PT trabalhava, naquele momento, as alianças com o centro. Enquanto isso, Bolsonaro buscava o apoio de um número significativo de governadores. Parte dos apoiadores de Lula havia sido pressionada por suas próprias legendas no sentido de um distanciamento de Bolsonaro, de modo a assegurar a defesa da democracia. A chamada de capa relativa à manchete destaca³⁴:

Lula recebeu ainda endosso do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB- SP), com quem dividiu palanque nas Diretas Já (1984) e por quem foi derrotado nas eleições de 1994 e 1998. "Voto por uma história de luta pela democracia e inclusão social", escreveu FHC."

Lula está bem posicionado na corrida eleitoral, mantendo uma vantagem sobre Bolsonaro, com 51% e 43% das intenções de voto, respectivamente, segundo o Ipec. Contudo, a disputa é acirrada, gerando uma atmosfera hostil não apenas na política brasileira, mas também no cotidiano das pessoas. Isso fica evidente na chamada de capa que relata um conflito entre eleitores de Lula e Bolsonaro, resultando na morte de um eleitor bolsonarista. Além de representar os riscos decorrentes da polarização, a chamada destaca a violência presente entre os eleitores petistas – e, igualmente, entre os apoiadores de Bolsonaro. Outras narrativas da capa enfatizam, ainda, ações e declarações preconceituosas de Bolsonaro. É o caso da chamada *Presidente cita NE e liga vitória de Lula a analfabetismo*, em que o título sugere que o presidente associa a alta adesão ao petista à baixa escolaridade. A *Folha* também expõe o corte bilionário de verbas destinadas às universidades federais, feito pelo governo Bolsonaro. A ação prejudica, em especial, os estudantes de baixa renda.

Lula estampa a capa dessa edição, ao lado do aliado Carlos Lupi, presidente do PDT, um partido de centro-esquerda. A imagem está posicionada à direita da capa, na parte superior.

³⁴ As citações são referentes à capa da edição nº 34.154 da *Folha de S. Paulo*, em 06/10/2022. Está disponível para consulta no Acervo Digital da Folha em: <https://acervo.folha.com.br/digital/index.do>.

A imagem tem tons de azul, verde e amarelo, e novamente remete à bandeira do Brasil. Ela surge para ilustrar as alianças que Lula tem feito durante a campanha eleitoral, principalmente com o centro político. Lula estampa as imagens de 2022 com poucos ou nenhum símbolo de seu partido, sejam a estrela ou a cor vermelha. Ao contrário, Lula resgata as cores da bandeira do Brasil, muito associada ao seu adversário.

TABELA 10: 3ª edição 2022

Edição: 14 de outubro de 2022 (sexta-feira)

Matérias da capa: Moraes barra inquéritos contra pesquisas / CPI e Justiça não acharam casos que ex-ministra citou / Reconstruir após a porta estreita / Na TV, Lula e Bolsonaro dão vazão a ‘lama’ de rede social / Nos legislativos estaduais, centro dá espaço à direita / Associação de jornais premia advogada da *Folha* / Governo federal corta R\$ 1,2 bi de fundo para ciência / Busca de paternidade mais fácil

Editoria da capa: Política / Cotidiano / Ciência / Opinião

Fotografia: Trata-se de duas fotografias que retratam atos dos dois presidentiáveis. Na foto superior, a campanha de Lula se faz presente, repleta de pessoas. Abaixo, está a fotografia de Bolsonaro (em mesmo plano), com público mais escasso.

Legenda: Luiz Inácio Lula da Silva (PT) desfila com apoiadores em evento em Maceió.

Resumo

1. Presidente do TSE barra inquérito contra institutos de pesquisa;
2. Investigação que ocorreria pela PF e pelo Cade carecia de materialidade;
3. Movimento de investigação sob pesquisas emergiu dos movimentos bolsonaristas;
4. Ex-ministra Damares mente sobre casos de abuso infantil, mas diz que fez isso para preservar a investigação;
5. Ministério Público Federal nega ter recebido as denúncias de Damares;
6. Lula e Bolsonaro utilizam TV e rádio para espalhar informações distorcidas contra adversários;
7. Classes C, D e E ainda são afetadas por campanhas na TV e rádio;
8. Opinião diz que é necessário otimismo da vontade e pessimismo da inteligência se Bolsonaro vencer as eleições;
9. Direita cresce no legislativo, ocupando mais espaço do que o centro;
10. Esquerda também se fortaleceu, mas não é constatada qual seria a base dessa comparação;
11. Governo de Bolsonaro corta verba bilionária na ciência;
12. Lula estampado em foto durante ação eleitoral em rua cheia de eleitores;
13. Bolsonaro estampa uma foto durante uma ação eleitoral com a rua esvaziada.



Figura 19. Capa da Folha de S. Paulo de 14/10/2022 // Fonte: Acervo Folha digital.

A manchete desta edição reflete um movimento que emerge durante o segundo turno das eleições a respeito de certas dúvidas quanto à veracidade de informação nas pesquisas eleitorais. Há um desejo que parte dos movimentos bolsonaristas de investigar os padrões de pesquisa realizados por institutos como *Datafolha* e *Ipec*. Isso ocorre devido à vantagem que Lula tem sobre Bolsonaro – e que não corresponde às expectativas dos eleitores de Bolsonaro. Contudo, a edição expõe que a investigação conduzida pela PF e pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) não prosseguirá devido à decisão de bloqueio por parte do presidente do TSE, Alexandre de Moraes. Segundo ele, o pedido de investigação não tem causa justificável. No texto, o jornal destaca a fala de Moraes³⁵:

Determina ainda que a Corregedoria-Geral Eleitoral e a Procuradoria-Geral Eleitoral investiguem "eventual prática de abuso de poder político, consubstanciada no desvio

³⁵ As citações são referentes à capa da edição nº 34.162 da *Folha de S. Paulo*, em 14/10/2022. Está disponível para consulta no Acervo Digital da Folha em: <https://acervo.folha.com.br/digital/index.do>.

de finalidade no uso de órgãos administrativos com intenção de favorecer determinada candidatura, além do crime de abuso de autoridade"

O TSE considerou a ação como estratégia eleitoral, visando mover investigações sem materialidade suficiente contra os institutos de pesquisa eleitoral. Esse movimento por parte dos grupos bolsonaristas já estava acompanhado do discurso sobre eventuais irregularidades no sistema de votação das urnas eletrônicas, sugerindo manipulação eleitoral.

A capa também contém notícia envolvendo Damares Alves, ex-ministra do governo Bolsonaro e senadora eleita no 1º turno das eleições. Em entrevista à *Folha*, Damares comenta as denúncias de abuso infantil no Pará, feitas por ela durante um culto e supostamente enviadas ao Ministério Público. Ao lado da entrevista, há um texto relacionado à CPI que investiga a exploração sexual de crianças. Nele, o jornal informa que as investigações não revelaram qualquer um dos casos particulares relatados pela ex-ministra durante o culto. Além disso, o texto relata que o Ministério Público, na verdade, negava ter recebido denúncias de Damares nesse sentido. Outro destaque na capa, porém apenas com o título da chamada, trata do corte de R\$ 1,2 bi no orçamento público, que deveriam ser destinados à ciência.

Ainda na capa, está a chamada intitulada *Na TV, Lula e Bolsonaro dão vazão a 'lama' de rede social*, em que os candidatos são comparados quanto ao potencial para a disseminação de desinformação na TV e na rádio durante horário eleitoral. Segundo a *Folha*, os dois concorrentes se utilizavam, então, dos mesmos recursos para disseminar *fake news* em seus discursos. Lula, nessa edição, é posto em segundo plano ou, em outros momentos, é comparado às atitudes conflituosas de Bolsonaro, como se tratasse de uma versão bolsonarista à esquerda.

A edição também anuncia discussões sobre alguns dos sinais de que Lula, se eleito, enfrentaria, com o PT, alguns problemas, a começar pela grande presença das forças políticas de direita nas casas legislativas desde 2018. O texto indica que, enquanto a direita avança no Senado e na Câmara, há uma redução do centro político, que abrigaria figuras importantes para a estratégia de aliança de Lula.

Outro ponto a ser observado é que, assim como em outras edições, há duas imagens de mesma proporção que comparam os presidentes em um mesmo contexto. São atos de campanha junto aos eleitores realizados por Lula e por Bolsonaro em Maceió e Recife, respectivamente. Na imagem de Lula, situada acima da imagem de Bolsonaro, o petista se encontra em cima de um veículo rodeado por apoiadores, todos em camisetas brancas. Ao fundo, está a militância de vermelho, embora a cor verde também se faça presente. A imagem dos eleitores do candidato petista, agitando as bandeiras do PT, mas também a bandeira nacional, dão uma impressão de infinitude e força. Já a fotografia de Bolsonaro, abaixo, foi

produzida num espaço de prédios elegantes. Ao redor do candidato do PL e de seus aliados, existe uma quantidade reduzida de eleitores, em comparação com a imagem de seu opositor. A maioria das pessoas ao redor veste roupas com cores da bandeira nacional ou camisas da seleção brasileira de futebol, numa referência ao patriotismo exaltado por esses segmentos do eleitorado. As duas fotos marcam, mais uma vez, as diferenças entre progressistas e conservadores, mas também uma disputa evidente pelos símbolos nacionais.

Um olhar atento sobre essas capas evidencia pontos convergentes e pontos divergentes em cada cobertura eleitoral aqui contemplada. No campo das convergências, é possível observar que, tanto em 2002, quanto em 2006 e 2022 a relação de Lula com a economia esteve sempre atrelada a dois pressupostos principais: **(1)** o petista não tem conhecimento econômico suficiente e **(2)** precisa melhorar sua relação com o mercado financeiro. Em 2002 e 2006, essa relação é negativa, sob o argumento de que Lula é inexperiente nesta área (em 2002) e devido ao suposto envolvimento no escândalo do dossiê (em 2006). Já em 2022, o jornal sugere que o melhor caminho para o então candidato petista é abandonar as políticas defendidas pelos segmentos da esquerda e aderir às propostas valorizadas pelo mercado. Também esteve sempre em destaque, na cobertura política das três eleições, a associação do petista aos movimentos sociais e suas propostas de combate à fome.

Já no campo das divergências, estão as diferentes representações de Lula como político, essencialmente. Em 2002, ele aparece como um importante nome da esquerda em ascensão, com proposta de gestão considerada nova (e, em certa medida, até temida). Em 2006, como um gestor cujo governo está comprometido por escândalos que envolvem, em larga medida, o partido que o elegeu (e que, até ali, pautava-se pela luta contra a corrupção). Em 2022, Lula emerge como elemento chave para a derrota de Jair Bolsonaro e preservação do regime democrático em função de sua capacidade de articulação e agregação de forças políticas diversas, com interesses distintos.

Assim, esse exame das capas das nove edições que compreendem esses três anos eleitorais evidencia certos padrões e escolhas feitas pela *Folha de S. Paulo* no processo de produção dos enquadramentos responsáveis pela construção da figura política (e eleitoral) de Luiz Inácio Lula da Silva. Se o recorte de 2002 faz uma espécie de “concessão” ao então candidato petista – como um eventual governante de êxito a depender dos rumos que der à economia –, o recorte de 2006 evidencia abordagens estratégicas, que ligam o petista de maneira quase sistemática aos escândalos de corrupção a partir do advento do Mensalão e seus desdobramentos. Mesmo no recorte de 2022, um ano marcado por um esforço de grande parte da mídia para resguardar a democracia – considerada ameaçada, em certa medida, por um

eventual segundo mandato de Jair Bolsonaro –, é possível perceber que o jornal não faz grandes concessões à figura de Lula. Embora a importância de uma eventual vitória do petista (impedindo a escalada golpista) esteja clara em grande parte das pautas, a *Folha* permanece crítica a Lula em relação às suas propostas para a economia, fundadas, especialmente, no alargamento e fortalecimento das políticas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base as capas selecionadas para representar a corrida eleitoral presidencial de 2002, 2006 e 2022 produzidas pela *Folha de S. Paulo*, considerando tanto os elementos textuais e visuais utilizados na narração quanto a diagramação de informações posicionadas nas capas, é possível identificar elementos que se repetem com o passar do tempo. Isso se dá em função de uma linha editorial notadamente marcada pelos ideais neoliberais do jornal – um aspecto que, durante as campanhas eleitorais aqui referenciadas, tornam-se evidentes em cada capa examinada. De modo geral, o posicionamento da *Folha*, nas edições analisadas, não se alinha aos interesses e propostas apresentadas pelo candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, nem dos segmentos mais progressistas. Ao contrário. O ex-sindicalista e seus aliados são frequentemente inferiorizados sob variados e diferentes aspectos, sejam eles de cunho social, político ou econômico, como se demonstrou aqui. Esse posicionamento só se arrefece no ano de 2022, quando o jornal se une a outras mídias na campanha pela manutenção da democracia, então ameaçada pelas forças bolsonaristas.

A partir da análise das capas selecionadas, é possível compreender como as abordagens da *Folha* são influenciadas pelas mudanças do cenário político-econômico-social que marcam cada um desses períodos. No ano de 2002, que foi marcado por um grande desejo de mudança por parte do eleitorado brasileiro, Lula ganhou destaque, mas não necessariamente como uma alternativa positiva. Ao final da campanha, contudo, o jornal acabou reconhecendo-o como um líder político que, embora “inexperiente” como governante, poderia representar mudanças positivas, a depender de sua postura diante das questões econômicas do país, sobretudo. Em 2006, a despeito da grande aprovação popular que assegurou sua reeleição, Lula foi representado, na maior parte das edições, de forma negativa, principalmente devido aos escândalos de corrupção – com destaque para o Mensalão –, mas também em função de uma gestão econômica que beneficiava as camadas mais vulneráveis da população, o que ia de encontro aos interesses neoliberais das elites econômicas. Por isso, notícias que vinculam sua imagem a escândalos, problemas governamentais e eventuais quedas de popularidade estiveram presentes nas manchetes.

Já o ano de 2022 foi marcado por uma disputa presidencial atípica, devido à crescente onda bolsonarista, muito associada a práticas fascistas. Esse contexto refletia grande instabilidade política e uma sensação assustadora de enfraquecimento da democracia, que ameaçava as eleições. Nesse contexto, Lula surge como a única opção alternativa ao bolsonarismo. Desta forma, sua imagem não recebe, da *Folha*, um tom tão negativo quanto em

2006 – nem é estampado como uma “aposta”, como em 2002. Em 2022, o que estava em jogo era o regime democrático – algo que só se mostrava possível caso Lula se aliasse também a forças situadas ao centro, mas também à centro-direita. Isso implicava, ainda, numa campanha capaz de agradar e atrair setores como o mercado financeiro, a fim de assegurar credibilidade no campo econômico. Durante as três campanhas eleitorais, é perceptível que, mesmo diante dos desafios impostos ao país em diferentes cenários, a *Folha* nunca abandona seu posicionamento mais voltados às elites econômicas do país. O que ocorre é uma adaptação ao contexto – o que, em momentos distintos, ou colabora ou dificulta a candidatura de Lula.

Desde o princípio, a pesquisa compreendia a influência da *Folha de S. Paulo* no país, por se tratar de um jornal clássico e conhecido. Contudo, a análise do material selecionado possibilitou a descoberta de características bastante singulares do jornal – como a influência de certos nuances de cada período eleitoral, bem como o contexto que orientava as representações distintas de Lula nas capas analisadas. A utilização de determinados elementos textuais, imagéticos e diagramáticos possibilitaram, de fato, a construção da figura do candidato petista conforme os interesses do jornalismo da *Folha*. Esses enquadramentos noticiosos estão, não raras vezes, muito presentes na prática diária do jornalismo que reflete a mídia tradicional. Existe, nesse universo, ações que parecem quase preestabelecidas, conforme a linha editorial estabelecida. No caso do jornal paulista, esse padrão está bem delineado, e demonstra sua relação pouco positiva com Lula.

Este trabalho se inspira nos debates que tentam desmistificar a objetividade no jornalismo, em especial nos jornais de referência. Contudo, é necessário compreender que essa ausência de objetividade não está fundada necessariamente em um jornalismo irresponsável ou na ausência de preceitos éticos que orientam a profissão. A questão é mais complexa, atravessadas por aspectos intrincados e subjetivos que dizem respeito, também, ao caráter de negócio que constitui as empresas de comunicação em todo o mundo. No caso da *Folha de S. Paulo*, a despeito dos investimentos em tecnologia e desenvolvimento profissional das equipes, é possível notar os elementos simbólicos presentes na construção de figuras políticas, principalmente em cenários pontuais, como é o caso das eleições. Isso demonstra que se trata de um jornal que possui seus interesses econômicos – que, por seu turno, respondem a um padrão politicamente orientado.

Dessa maneira, é possível perceber, ainda, que as coberturas eleitorais estão repletas de posicionamentos orientados por subjetividades – por parte de jornais e jornalistas. Isso não compromete, necessariamente, a fidelidade dos relatos, mas, sim, revela os enquadramentos escolhidos. Esse aspecto é importante para esta pesquisa, que propõe reflexões a respeito dos

limites éticos e da importância da responsabilidade social dos jornais hegemônicos – e também dos jornais alternativos – na criação de personagens políticos no imaginário coletivo. Nesse sentido, é relevante compreender de que forma essas construções se dão por meio das notícias – e de que forma a figura de cada candidato chega ao cidadão comum.

Este trabalho foi finalizado durante as eleições de 2024, período em que figuras alegóricas, como Pablo Marçal, ex-candidato à Prefeitura de São Paulo, passam a surgir na mídia de maneira completamente performática. A imprensa brasileira precisa estar atenta às escolhas que faz, em seus processos de enquadramento, de forma a evitar coberturas que alavancam a figura de políticos que não acreditam em política, que valorizam discursos de ódio – de teor sensacionalista – e que estão dispostos a trabalhar contra as regras democráticas. Entender de que maneira essas representações ocorrem, o que interessa nessas representações e de que forma isso influencia as eleições são elementos essenciais para entender o potencial da relação entre jornalismo e política – tão antiga quanto o surgimento da imprensa e tão atual em todas as novas versões do jornalismo.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando Antônio. **A imprensa brasileira e o PT: um balanço das coberturas das eleições presidenciais (1989-2006)**. Revista Eco-Pós, [S. l.], v. 12, n. 3, 2010. DOI: 10.29146/eco-pos.v12i3.931. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/931>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- AZEVEDO, Fernando Antônio. Diários nacionais. In: GONÇALVES, Mirian. **Enciclopédia do golpe – Vol.2: o papel da mídia**. Bauru: Canal 6, 2018. p.45-53
- BARRETO, Emanuel. **Jornalismo e política: a construção do poder**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. III, n. 1, p. 11-22, 2006.
- CARTA, Mino. Jornalismo à brasileira. In: GONÇALVES, Mírian (org). **Enciclopédia do golpe – Vol.2: o papel da mídia**. Bauru: Canal 6, 2018. p.11-14
- CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.p.41-45.
- CONTI, Mário Sérgio. **Notícias do Planalto: a imprensa e o poder nos anos Collor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- COOK, Timothy E. O jornalismo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n.6, p.203-247, 2011.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2009.
- FOLHA ONLINE. **Círculo Folha: História da Folha**. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm>. Acesso em 25 ago. 2024.
- FONSECA, Francisco. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6, p. 41–69, jul. 2011.
- FRANÇA, Vinícius Sales do Nascimento. **A Folha de S. Paulo e os protestos pelo impeachment de Collor**. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Território) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.
- FREITAS, Marcelo. **Nós também estivemos na linha de frente: as histórias do jornalismo na pandemia**. Belo Horizonte: Comunicação de Fato Editora, 2022.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere: Maquiavel. notas sobre o Estado e política**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- GUERRA, Alexandre et al. **Brasil 2016: recessão e golpe**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/Recessao-Golpe-web.pdf>>. Acesso em 30 jun. 2024.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LAGE, Nilson. **Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas**. Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 20–25, 2013. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6080>>. Acesso em: 15 jul. 2024.

LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. Agendamento, enquadramento e noticiabilidade. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, p. 187-219, 2010.

LEITE, Paulo Moreira. Agência Lava Jato. In: In: GONÇALVES, Mírian (org). **Enciclopédia do golpe – Vol.2: o papel da mídia**. Bauru: Canal 6, 2018. p.11-14

LIMA, Venício A. de. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

LIMA, Venício A. de. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 61, p. 48–57, 2004. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i61p48-57. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13317>>. Acesso em: 22 nov. 2024.

LIMONGI, Fernando; GUARNIERI, Fernando. **A base e os partidos**: As eleições presidenciais no Brasil pós-redemocratização. Novos estudos CEBRAP, n. 99, p. 05–24, jul. 2014.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MANUAL DA REDAÇÃO: **as normas de escrita e conduta do principal jornal do país**. 22. ed. Barueri, SP: Publifolha, 2021.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo político**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MENICUCCI, Eleonora; MARTINS, Júlia. Misoginia. In: GONÇALVES, Mirian. **Enciclopédia do golpe – Vol.2: o papel da mídia**. Bauru: Canal 6, 2018. p.144-154

MIGUEL, Luis Felipe. **Jornalismo, polarização política e a querela das fake news**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 16, n. 2, p. 46-58, 2019.

MONFORTE, Carlos. **O papel do jornalismo sem papel**. São Paulo: Matrix, 2022. 208 p.

MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. Tradução Karina Patrício. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

MORAIS, Fernando. **Lula, volume 1: Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

NASCIMENTO, Aline de Oliveira; ZANOTTI, Carlos A. **Mídia e política**: as eleições presidenciais de 2022 e sua representação na Folha de S. Paulo. Revista Temática, v. 19, n. 11, p. 110-126, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/68654/38568>>. Acesso em: 04 set. 2024.

NEGRÃO, João José de Oliveira. **O jornalismo e a construção da hegemonia**. 2005. 155 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

PINTO, Ana Estela de Souza. Com poucos recursos, Olival Costa fundou a Folha da Noite em 1921. Folha de S. Paulo, 30 dez. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2020/12/com-poucos-recursos-olival-costa-fundou-folha-da-noite-em-1921.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A. A. (Org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: EdUFBA, 2002. Disponível em: Acesso em: ago. 2024.

PULITI, Paula. **O juro da notícia**: jornalismo econômico pautado pelo capital financeiro. Florianópolis: Insular, 2013. Cap.1.

QUADROS, Vasconcelo. **Documentos indicam que aliança da Folha com a ditadura foi mais forte do que jornal admite**. Agência Pública, Cidade, 04/07/2023. Disponível em: <https://apublica.org/2023/07/documentos-indicam-que-alianca-da-folha-com-a-ditadura-foi-mais-forte-do-que-jornal-admite/#>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico** – retórica do ódio de dissonância cognitiva coletiva. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SEABRA, Roberto. **Jornalismo político**: teoria, história e técnicas. Editora Record, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.p.87-115

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Revistas semanais. In: GONÇALVES, Mirian. **Enciclopédia do golpe – Vol.2**: o papel da mídia. Bauru: Canal 6, 2018. p.204-2011.

TRAVASSOS, Tarcísia. Aspectos funcionais e organizacionais do gênero capa de jornal. Encontros de Vista, Recife, 8 (2): 95-111, jul./dez. 2011.

WAINER, Samuel. **Minha Razão de Viver**: memórias de um repórter. São Paulo: Record, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE A - RECORTE DAS EDIÇÕES DE 2002

Data de Publicação	Manchete	Editoria da Manchete	Legenda da fotografia de Lula
02 out. 2002	BC gasta US\$700 mi para conter dólar	Dinheiro	Acompanhado por Itamar Franco, José Genoíno, Aloizio Mercadante, Marta Suplicy e outros políticos, o presidenciável petista, Luiz Inácio Lula da Silva, participou do seu último ato de campanha, em São Bernardo do Campo (SP), que reuniu 5.000 pessoas.
06 out. 2002	Garotinho disputa com Serra o 2º lugar; Lula segue na frente	Eleições	Em campanha eleitoral marcada pela participação das mulheres, Patrícia Pillar, Rosinha Garotinho, Mônica Serra e Marisa Letícia posam com os retratos de seus maridos.
07 out. 2002	Lula X Serra Projeção aponta segundo turno; Ciro anuncia hoje apoio ao petista, e PFL discute adesão ao tucano	Eleições	Lula beija uma bandeira do Brasil após ter votado em escola de São Bernardo do Campo.
13 out. 2002	Lula alcança 58%; Serra tem 32%	Eleições	Não há.
18 out. 2002	Bolsa dispara, e risco-país desaba	Economia	Os dois lados da fé: Ao lado da mulher, Marisa, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em ato no Rio com 500 integrantes de igrejas evangélicas que declaram apoio a sua candidatura...
20 out. 2002	Lula vai a 61%; Serra mantém 32%	Eleições	Lula cumprimenta Roberto Setubal, do Banco Itaú, em reunião com empresários e sindicalistas.

26 out. 2002	Bovespa tem melhor semana em 1 ano	Dinheiro	Pouco antes do último e único debate entre os presidenciáveis no 2º turno da eleição, Lula e Serra fazem sinal de vitória.
28 out. 2002	Lula presidente. Metalúrgico é o primeiro líder de esquerda a ser eleito no país	Eleições	Lula e a mulher, Marisa, comemoram em palanque na av. Paulista no início da madrugada.
29 out. 2002	Lula anuncia secretaria da fome	Eleições	O que entra: Lula abraça José Dirceu depois de fazer pronunciamento em São Paulo; ao lado, sua mulher, Marisa.
30 out. 2002	Lula escolhe Palocci para transição	Brasil	O presidente Fernando Henrique Cardoso e seu sucessor, Luiz Inácio Lula da Silva, se abraçam em encontro no Planalto.

Elaboração da autora

APÊNDICE B - RECORTE DAS EDIÇÕES DE 2006

Data de Publicação	Manchete	Editoria da Manchete	Legenda da fotografia de Lula
08 set. 2006	Arcebispo de SP faz críticas a corrupção e a insegurança	Eleições	<p>ORDEM... O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e sua mulher, Marisa, durante o desfile do 7 de setembro em Brasília, para 30 mil pessoas; evento deu destaque à marcha da Polícia Federal, que teve carros, motos, lanchas e até ônibus.</p> <p>... E PROTESTO Manifestantes marcham no centro de São Paulo durante o Grito dos Excluídos, que reuniu cerca de 3.000 pessoas, segundo a PM, e 10.000, de acordo com os organizadores; houve protestos em Aparecida (SP) e em outras capitais</p>
24 set. 2006	Serra amplia vantagem em São Paulo	Eleições	O presidente Lula em um comício ontem a tarde, em Uberlândia.

30 set. 2006	Fotos mostram dinheiro do dossiê / Avião da Gol se choca no ar e desaparece	Eleições / Cotidiano	Lula se protege da garoa entre operários na porta da fábrica da Ford, em São Bernardo do Campo.
01 out. 2006	Lula perde vantagem, e 2º turno está indefinido / Desastre do Boeing é o pior do país	Eleições / Caderno Especial Vão 1907	Fotomontagens de Paulo Fridman utilizando as mensagens enviadas pelos dois principais candidatos. Geraldo Alckmin: “Vamos trabalhar para um Brasil com melhor qualidade de vida e que os brasileiros possam se orgulhar do seu governo”; Lula: “Eu vivo o sonho que é de todo brasileiro: mãos solidárias construindo vida digna para todos”.
03 out. 2006	Lula tem pressa no dossiê; para Alckmin, petista perdeu a vez	Eleições	Lula dá entrevista coletiva no Palácio da Alvorada, em Brasília.
11 out. 2006	Lula amplia vantagem sobre Alckmin	Eleições	Lula, ao lado de Aloizio Mercadante, faz campanha na cidade de Guarulhos (SP).
18 out. 2006	Lula abre 19 pontos sobre Alckmin	Eleições	O presidente e candidato Lula brinca com ex-pugilista Popó em evento no Rio.
27 out. 2006	Casa de câmbio admite uso de laranja	Eleições	Rindo a toa: o presidente Lula derruba copo com água durante o anúncio no Palácio do Planalto da estimativa de que a taxa de desmatamento da Amazônia diminuiu 30% em 2006, segundo menor índice desde 1998; o próprio governo admite que o cálculo é apressado.
30 out. 2006	Lula é reeleito, promete crescimento e pede união	Eleições	O presidente Luiz Inácio Lula da Silva beija a bandeira perto da escola onde votou, em São Bernardo do Campo.
31 out. 2006	Lula reafirma política econômica	Brasil	Lula e primeira-dama Marisa Letícia saúdam militantes ao voltar ao Palácio da Alvorada; ele brincou com seu slogan e pediu para ‘deixar o homem descansar’.

Elaboração da autora

APÊNDICE C - RECORTE DAS EDIÇÕES DE 2022

Data de Publicação	Manchete	Editoria da Manchete	Legenda da fotografia
02 out. 2022	Lula tem 50%; Bolsonaro 36%	Política	Retratos de uma democracia; Os presidentiáveis Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) estão entre expoentes políticos do país fotografados ao longo de um ano por Bob Wolfenson em parceria com a Folha.
04 out. 2022	Por voto, governo acelera Auxílio Brasil e planeja 13°	Mercado	O ex-presidente Lula (PT) participa de reunião de campanha nesta segunda (3), em São Paulo.
06 out. 2022	Lula colhe apoio de Tebet e FHC, e Bolsonaro, de governadores	Política	O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se encontra com Carlos Lupi, presidente do PDT do ex-presidentiável Ciro Gomes, em São Paulo.
08 out. 2022	Lula marca 49%, Bolsonaro 44%, e nulos ou brancos são 6%	Política	Lula visitou FHC e falou em ‘reencontro democrático’
14 out. 2022	Moraes barra inquéritos contra pesquisas	Política	Luiz Inácio Lula da Silva (PT) desfila com apoiadores em evento em Maceió.
22 out. 2022	Bolsonaristas protocolam pedido de CPI das pesquisas	Política	Luiz Inácio Lula da Silva (PT) acompanhado de Simone Tebet (MDB) e Marina Silva (Rede) em evento de campanha em Juiz de Fora (MG).
29 out. 2022	‘Quem tiver mais votos leva, é a democracia, diz Bolsonaro	Política	Bolsonaro e Lula discutem sobre tema ‘respeito a constituição’ em debate na TV Globo; encontro foi marcado por acusações mútuas de corrupção.
30 out. 2022	Na véspera, Datafolha indica Lula com 52%; Bolsonaro tem 48%	Política	Ilustrações Filippe Lyra.
31 out. 2022	Lula é eleito pela terceira vez	Política	Luiz Inácio Lula da Silva (PT) discursa para eleitores no hotel intercontinental, na região da Av. Paulista, em São Paulo, com o vice, Geraldo Alckmin, e a mulher, Janja.